

## ANARCHIA MENTAL



POUco que se observe o viver actual dos povos europeus não pôde deixar de reconhecer-se que é uma epocha de transição, esta que estamos atravessando. Nas artes, na literatura, na politica, nos costumes, tudo conspira para demonstrar a existencia duma profunda anarchia mental nascida do conflito de velhas instituições, autoritarias e impotentes, com novas aspirações generosas e grandes, mas indisciplinadas ainda.

Na immensa lucta, que determina esta crise, ha dois combatentes: dum dos lados está um passado que a sciencia condemnou e que tenta a todo o custo prolongar os ultimos momentos de vida pelo esforço egoista e instinctivo que produz o horror da morte; do outro lado está o aneio de progresso, a necessidade de substituir os antigos dogmas, hoje vazios de sentido, por novos crédos mais amplos e mais humanos. As armas de ataque são diversas:—o passado tem as religiões, a sancção da auctoridade, a protecção da força, a tradição; o outro partido, a geração moderna, tem o vigor da mocidade, a convicção, que a critica lhe deu, da irracionalidade dos protestos inimigos, e a certeza de que é justa a causa que defende.

No meio dos dois grupos antinomicos, ha um terceiro, infelizmente numeroso: o dos indifferentes. Estes ou porque o vigor lhes faltou para julgar o valor moral dos principios em lucta, ou porque os habitos dissolventes duma educação pouco geral lhes não permitiu vêr a pugna, aliás evidente, que se trava sob os seus olhos, conservam-se fóra do combate, tranquilos, immoveis, inteiramente absorvidos nos pequenos interesses materiaes da vida individual.

Esboçemos a lucta de que a indisciplina dos nossos dias é o natural symptoma.

Nas artes a velha escola preconiza os moldes sancionados pelo gosto de gerações mortas, tentando, como inergicamente diz Veron, galvanizar o passado. A inspiração para ella não pôde existir fóra dos modelos dos mestres gregos, passivamente aceites pelo classicismo e intransigentemente impostos pelas Academias á juventude artista. O assumpto, o processo, a ideia, tudo o que constitue a obra de arte, deve ser procurado nos tempos extinctos dos grandes mestres; só assim se conseguirá a arte impessoal, a *grande arte*, como enfaticamente lhe chamam as retrogradados.

A geração nova não aceita esta doutrina. O ver-

dadeiro artista não submete a sua personalidade, não a esconde, não abdica das proprias emoções. A obra de arte, como observa o critico que citamos, traduz sempre mais ou menos vigorosamente o sentimento do artista.

Esta é a verdade, facilmente verificavel ante os productos de todos os grandes cultores da musica, da escultura, da pintura, da poesia.

Só as nulidades, os falsos artistas, conseguem occultar o sentimento individual, que se dissolve por assim dizer nas receitas esterilísantes do *savoir faire*.

E comtudo a escola de imitação, quer dizer a immobilitade artistica elevada á cathegoria de dogma, tem ainda hoje sectarios; pertence-lhe quasi todo o mundo official.

A reacção produziu-se; nem podia deixar de acontecer assim. Duas escolas novas, a psicologica e a realista, disputam entre si e ambas á imitativa, que é um inimigo commum, a victoria sobre o gosto publico.

Ora esta existencia mesma de diferentes partidos, de escolas diversas, de ideaes artisticos antinomicos, é uma prova de anarchia. Esta só terá desaparecido da Estetica, como da Sciencia e da Filosofia, no momento em que a unanimidade das ideias e dos sentimentos tiver estabelecido a convergencia de todos os esforços humanos num mesmo e unitario sentido.

Sem plena igualdade de crenças e de convicção não pôde haver grandes artistas. Onde irão elles, se a não houver, buscar as fontes de inspiração? É por isso que epochas anteriores á nossa, menos adiantadas do que ella, viram no entanto surgir artistas de proporções como hoje não existem e que só ao futuro será dado vêr.

As escolas modernas de arte, qualquer que seja o fundo de verdade que encerrem, representam uma reacção, um protesto apaixonado, e por isso mesmo um exagero. Isto, que é geral, avalia-se comtudo muito melhor na poesia, pela razão de que esta é a arte mais expressiva e talvez a mais complexa.

A escola psicologica, inspirando-se no movimento social do seculo, representa um aneio de felicidade, uma aspiração da consciencia para um futuro melhor; exprime uma necessidade psychica do homem moderno. Mas que necessidade é essa? O poeta não a conhece bem, porque a Filosofia não a definiu ainda com precisão. Do socialismo, fóco convergente da actividade dos homens mais eminentes, disse Littré em 1849: «muito vago para exprimir uma doutrina, muito significativo para caracterisar uma tendencia, um sentimento, uma situação, elle é uma bandeira e não pôde, desde já, ser outra coisa.» Estas palavras, apesar dos 30 annos que de-

correram sobre ellas, exprimem ainda hoje uma verdade. Estamos em relação á questão social num periodo de indecisa analyse, de fluctuação. É por isso que o poeta se encontra num vacuo afflitivo, onde as fontes de inspiração não tem a limpidez das epochas bem caracterisadas, e donde não pôde sahir, por isso mesmo, uma obra inteiramente grande, poderosamente influenciadora.

Os poetas modernos dizem-se os evangelisadores da *Ideia-Nova*; e comtudo, porque lhes falta a clara intuição deste conceito, elles são simplesmente os demolidores-artistas de velhos ideaes, como Voltaire e Diderot foram os demolidores-filosophos.

Os realistas voltam-se para a vida commum, para as scenas tragicas ou comicas, sublimes ou abjectas de todos os dias, mesmo para a natureza inanimada, e dão-nos, observadores conscienciosos, o traçado fiel do que passa desapercibido aos indifferentes, do que a multidão não sabe vêr. Mas, porque lhes falta muita vez o *intuito*, isto é, uma ideia superior dirigente, cahem não raro, como judiciosamente observou o sr. Theophilo Braga, no processo esteril da *arte pela arte*.

A separação das duas escolas é anarchica, é, repetimol-o, um symptoma de indisciplina. Nem a arte psicologica tem valor senão parte do conhecimento analitico do homem na plena realidade de todas as suas manifestações, nem a arte realista pôde ter influencia se lhe falta o intuito progressivo, a noção filosofica dirigente. A primeira cae, como em literatura se tem visto, num vago sentimentalismo incomprehensivel, numa declamação esteril; a segunda reduz-se ao processo de reprodução, tanto mais perfeito quanto mais fiel.

Na politica a indisciplina atinge os extremos limites.

Os altos funcionarios não sahem, como poderia esperar-se, do grupo de escritores que exploram os dominios da sciencia social ou daquelles que, por uma preparação scientifica indispensavel, se elevaram á comprehensão dos vastos problemas sociologicos. Não; os altos funcionarios são geralmente os restos gloriosos dum militarismo cheio de tradições autoritarias, condemnado pela Biologia, pela Economia Politica e pelo simples bom-senso. Estes homens, presos ao passado pelo coração, não tem senão desconfiança pelo futuro. Aterra-os, irrita-os o menor movimento expansivo das sociedades modernas; assim, por exemplo, em face das tendencias socialistas da epocha apenas sabem promulgar leis prohibitivas, medidas de violenta repressão.

Os factos recentemente dados na Allemanha, onde o sr. de Bismark pretende a todo o custo consolidar uma monarchia moribunda, são a prova do que avançamos. Em França o duque de Magenta

não conhecia melhor expediente para sustar as ondas socialistas, do que aquele que usa o chanceler do imperio alemão; é neste ponto, talvez unico, que os dois politicos estão em pleno accordo.

Os resultados desta ausencia de criterio vêem-se por toda a parte sob a fórma dum combate desolador e afflitivo, que uma sabia direcção politica saberia evitar.

Quem são os que se insurgem contra esta situação anomala? Os mesmos que a provocam; infelizmente uns revolucionarios inscientes, uns declamadores cheios de metafisica, desconhecendo as leis organicas da sociedade, elevando á categoria de sistemas racionaes as proprias utopias e tentando violentamente o que só pôde ser resultado duma evolução!

A estes irrita-os a ideia de ordem, como aos primeiros a ideia de progresso.

Assim dum lado — as espadas dos generaes ao serviço da realeza, do outro — um sentimentalismo fantasista e banal ao serviço da revolução.

Os costumes (e em parte já a eles aludimos caracterisando a situação politica) traduzem fielmente o estado anarchico da mentalidade.

Na concorrência vital das sociedades modernas, o homem, em quem as crenças religiosas faltam e não são substituidas pelas fortes e austeras convicções scientificas, deixa-se absorver inteiramente pela preocupação do problema economico. Esta direcção exclusiva do pensamento acaba por tornar-o insensivel ás sugestões das ideias elevadas e dos sentimentos nobres. A vida nutritiva domina-o. Nestas condições o trabalho torna-se, como na lenda biblica, um castigo; a arte não acende o entusiasmo das grandes multidões, retrai-se; o amor degrada-se até á libertinagem; o casamento degenera numa especulação. Os que na escala social occupam os lugares economicamente dominantes, alheios a toda a ideia grande, a toda a sugestão altruista, exploram a casual vantagem em desfavor dos oprimidos, dos desherdados. Assim o operario é, como o disse ha pouco com desasombrosa franqueza o sr. Theophilo Braga, «infamemente roubado» pela coligação criminosa e immoral do proprietario, do commerciante e do banqueiro. Na esfera duma vida cheia de privações e de martirios, o proletario nutre apenas um sentimento, a inveja, experimenta um só desejo, a vingança. Os agentes especulativos, os sinceros e honestos obreiros da civilização, vêem o futuro sem garantias, observa dolorosamente um notavel chimico francez no memoravel panfleto: *Os voluntarios da sciencia*. A tranquillidade de espirito, que as investigações literarias reclamam, é perturbada, e o desalento nem sempre o vencem inteiramente os bons desejos.

O quadro poderá parecer sombrio, mas ninguém ousará julgar-o falso.

É irremediavel este estado? Retrocedemos ou avançamos?

Para nós a resposta está formulada. — Caminhamos progressivamente mas não sem as dolorosas provações duma longa crise, que principiando na intelligencia se vem reflectir em todos os actos da vida.

Marchamos na conquista dum futuro superior, mas atravez dos obstaculos iniludiveis duma lenta transformação mental.

Assistimos á producção dum fenomeno social, que a Filosofia Positiva estudou: a passagem do *estado metafísico* e revolucionario, ao *estado positivo*, de progresso e ordem.

Porto, 1879.

Julio de Mattos.

#### PARABOLA DA SEMENTE

Reis e Padres! satanica alliança!  
Deram-se as mãos para a nefanda obra  
De abafarem da liberdade a esperança,  
Como se enrosca ao corpo vivo a cobra.

Mas quem pôde vencel-os? Quem? Olhamos  
Debalde em roda, mas ninguém se atreve;  
Todos duvidam, todos vacilámos...  
A lição eloquente é a mais breve:

Ouvi! aprendereis como se lança  
Do eterno crepe na funerea dobra  
Reis e Padres, que em tetrica alliança  
Deram-se as mãos para a nefanda obra:

Traz o vento de Deus pobre semente,  
Cae ao acaso sobre a dura rocha;  
Humida fenda em si mal a consente,  
Com o orvalho do céu eis desabrocha.

Dá-se a lucta do vivo contra o morto;  
O grão perdido ali germina a custo;  
A luz do sol na altura serve de horto,  
Que o alimenta e vae tornando arbusto.

Vão as raizes penetrando a pedra;  
Mais pôde o vivo do que a inerte massa;  
É rija a fraga, mas a planta medra,  
Ergue-se ao alto e a rocha despedaça.

É sempre assim que a liberdade avança;  
Assim a tradição cede á ideia!  
Uma noção dissolve a negra alliança,  
Da cidadella do erro o muro apeia.

1871.

Theophilo Braga.

## CONTRIBUIÇÕES MITHOLOGICAS

A PROPOSITO DAS «NOTAS MITHOLOGICAS»  
DO SR. F. ADOLPHO COELHO



A no Atharvavedo himnos exconjurativos que teem uma certa analogia de genero com a fórmula brentan e a receita de Marcello Burdigalense, publicadas em o n.º 3 da *Renascença*. É exemplo o:

BRAHMA 15, NO KANDA V, cuja traducção damos da seguinte maneira:

1 — A uma (a primeira praga) e as dez se afastarão de mim, ó herva da saude! Faze para meu bem os dōces madhus, (1) ó tu que nasces segundo o *rita*, ó tu que tens a natureza do *rita*. (2)

2 — As duas e as vinte se afastarão de mim, ó herva da saude! Faze para meu bem os dōces *madhus*, ó tu que nasces segundo o *rita*, ó tu que tens a natureza do *rita*!

3 — As tres e as trinta se afastarão de mim, etc.

4 — As quatro e as quarenta se afastarão de mim, etc.

5 — As cinco e as cincoenta se afastarão de mim, etc.

6 — As seis e as sessenta se afastarão de mim, etc.

7 — As sete e as setenta, etc.

8 — As oito e as oitenta, etc.

9 — As nove e as noventa, etc.

10 — As dez e as cem, etc.

11 — As cem e as mil tambem se afastarão de mim, ó herva da saude! Faze tu, para meu bem, os dōces *madhus*, ó nascida segundo o *rita*, tu que tens a natureza do *rita*!

A este *Brahma* segue-se o 16 que tem o mesmo character. Na enumeração vai até onze. Ha outros ainda.

Denunciamos apenas a analogia.

Agora occupar-nos-emos da orijem possivel da

(1) Bebida que se suppunha dar a immortalidade, cf. o antigo slavo *medu* e o lituano *medus*, «mel», o grego *μέθυ*, bebida inebriante como o *vinho mosto*, — mas note-se que *mosto* não é vocabulo da mesma origem, *mosto*, do latim *mustum* (*vinum*), corresponde ao lit. *mudrus*, e significa «novo, moço», (outra forma de *mustus*), vivo, agil, etc., de uma raiz *mud* que em sânscrito se encontra em *mut* «a alegria», *modate* «elle se alegra».

(2) *Rita* é o part. pas. passivo da raiz *ri*, *ar*, «adaptar», e significa «a coisa adaptada»; designa segundo as ideias dos poetas vedicos o que podēmos chamar «ordem cosmica»; esta *ordem*, devida sobretudo á exactidão dos sacrificios, impera ao *mundo físico* e ao *mundo moral*, porque este é naquelles tempos unica e exclusivamente um *mundo*, permitta-se-nos dizer assim, *liturgico*. *Rita* tem por tanto duas significações «ordem cosmica, ordem theologica ou liturgica». A herva da saude é *ritadjāta*, «nascida segundo o *rita*, i. e segundo a ordem pela qual se succedem todas as coisas no mundo contra o desejo e contra o poder malefico dos inimigos dos deuses e dos inimigos dos sacrificadores, que prestam culto aos deuses vedicos, ordem a que obedecem os proprios deuses». A herva da saude é ainda *ritāvarī* «possuidora do *rita*, do character do *rita*, i. e possui todas as virtudes contra os demonios, contra tudo o que é nefasto, malefico». Ao *rita* vedico corresponde, na ideia, que não na forma, o *axa* avestico. E por dar um só exemplo direi que o crente vedico aspira a ser *ritāvan* (fórma masculina de *ritāvari*) e o crente mazdeano — da religião ensinada pelo livro *Avesta*, aspira a ser *asavan*. Do sentido material, este ideal, passou ao sentido moral «pureza», e Plutarcho definiu o *asa* como «Deus da verdade».

expressão dos numeros por vocabulos, tal como se vê na Oração de S. Cypriano.

Os algarismos de que usamos, vulgarmente conhecidos como *arabes*, são entre os arabes conhecidos como *indianos*. Foram os arabes que communicaram ao occidente christão os conhecimentos mathematicos colhidos por elles dos gregos e dos indios.

Os algarismos *gobár*, donde se derivam os dos manuscritos latinos mais antigos da idade media, são *indianos*. (1)

E não só os algarismos, mas tambem o sistema decimal, de contagem por nove algarismos significativos e um de posição. Entre os hindus, porém, não era este o unico modo de escrever e de mencionar o numero. Além do sistema de algarismos e sua denominação, usavam dum sistema de vocabulos correspondentes aos numeros até nove, com vocabulo proprio para designar o algarismo de posição, levando mesmo até vinte e cinco e mais longe o mesmo modo de contagem.

*Albírúni* (ap. *Weycke*), citando *Brahmagupta*—astronomo hindu que, segundo *Weber* («Ind. Literaturgeschichte» 2.<sup>a</sup> ed. Berlim, 1876), morreu no anno 664 p. Chr. na idade de 66 annos—, relata este processo, o qual consistia em empregarem-se vocabulos designativos da unidade: *ādi* «o começo», da dualidade, taes: *jamam* «par», *asvin*, cujo nominativo dual é *asvinau* «os dois Achuinós», *lokana*, nom. d. *lokane* «os dois olhos», etc.

Disto se encontram exemplos notaveis no livro de astronomia hindu, o «*Sūryasidhānta*.» Na *Introductory Note* da traducção annotada deste tratado, feita por *Burgess* e a comissão de redacção de que fez parte, entre outros, o astronomo e sãskritologo americano *Whitney*, lê-se a pag. III: «... the method of expressing numbers, large or small, is by naming the figures which compose them, beginning with the last going backward; using for each figure not only its own proper name, but that of any object associated in the Hindu mind with the number it represents. Thus, the number 1.577.917.828 (1,37) is thus given: *Ṭasu* (a class of deities, *eight* in number)—two—eight—mountain (the *seven* mythical chains of mountains)—form—figure (the *nine* digits)—seven—mountain—lunar days (of which there are *fifteen* in the half-month)».

Outro exemplo (1,39) é o numero 4.320.000 expresso assim

*kha—katnska—radārṣavāh*

composto que se traduz do seguinte modo:

(1) Vid. *Weycke* «Mémoire sur la propagation des chiffres indiens», Paris, Impr. Imper., 1863.—Extrait n.º 1 de l'année 1863 du Journal Asiatique. Cf. mais: *Thomas* «Prinsep's Indian Antiquities» vol. II, e *Max Müller* «Chips from a German Workshop» vol. II.

«(Em um Yuga as revoluções do Sol, Mercurio e Venus...) *são em numero* dos oceanos e dentes a que se juntam quatro ceus.»

Ora os oceanos são.....	4
os dentes são.....	32
os quatro ceus são...	0000
Logo.....	4.320.000

Este uso é commum não só ás coisas de chronologia e arithmetica, mas tambem ás explicações prosodicas.

No tratado de prosodia sãskrita attribuido a *Kalidása*, no «*Srutabodha*,» 43, se lê que no metro *chárdūla* (*sārdūla—vikrīdīta*) «a cesura cáe segundo o numero dos *mārtāndas* e dos *munis*» i. e. *mārtānda* «sol», 12 sóes, tantos quantos os signaes do Zodiaco, *muni* «sabio», os 7 munis, *Atri*, etc.

E em outras partes do mesmo tratado se usa o mesmo processo, ex.: 16,18.

O *canto dos numeros* é exactamente este processo hindu de contagem, substituindo o algarismo, ou o vocabulo que é o seu nome, por expressão representativa das suas unidades.

Viria este processo para a Europa christan pelo meio arabe, como o processo por algarismos e sistema decimal, e conjuntamente com este?

É tanto mais provavel quanto é certo que delle falla *Albírúni*, e no «*Sepher Haggadah*» se vê coisa semelhante, bem que os manuscritos mais antigos desta obra rabinica não a tragam.

Na idade media teve grande fama e foi estimadissima uma obra de *Martiano Capella* intitulada «*De Nuptiis Philologiae*» que fazia parte do seu «*Satyricon*», especie de encyclopedia onde elle tratava dum modo singular da grammatica, da arithmetica, da musica, etc. No livro 2.<sup>o</sup> da parte «*De Nuptiis*» diz elle, num himno ao Sol (pag. 43-44, ed. do joven Hugo Grocio, 1599):

Salve vera Deum facies, vultusque paternæ  
Octo et sexcentis numeris, cui litera trina  
Conformat sacrum nomen, cognomen et Omen.

Ora este numero 608 era composto em copta de tres letras, cujos valores eram 500 + 100 + 8, e a que os gregos (veja-se a nota de pag. 44 no fim da Op. cit.) transcreveram

$$\begin{array}{r} \Upsilon = 400 \\ \text{H} = 100 \\ \Sigma = 200 \\ \hline 608 \end{array}$$

O monogramma correspondente a este numero era:



que mais tarde, e envolto nas flamas solares, se transformou no emblema jesuita a que correspondem as letras

I H S

e a legenda « IESUS HOMINUM SALVATOR. »

Desde os primeiros annos depois de Christo que os mais ferventes, embora os mais humildes apóstolos da sua doutrina, cuidaram de explicar algumas passagens da Biblia interpretando os numeros pelo nome de Jesus. E um desses apóstolos, que é conhecido na Egreja pelo nome de *São Barnabé*, interpretou a passagem do Genesis xiv, 14 e sgs. onde se lê que Abrahão, ao saber do captivo de Lot contou 318 servos e partiu contra os inimigos, do modo seguinte:

«... Quæ ergo illi in hoc data est cognitio? Discite: primò, *decem et octo*; dein, *trecentos*: decem autem et octo exprimuntur per, I decem, H, octo: habes initium nominis *Ἰησοῦς*: quia verò crux in figura litteræ T, *quæ designat numerum CCC*, habitura erat gratiam; ideo ait, *et trecentos*. Ostendit itaque Jesum, in duabus litteris; et cruce[m], in tertia.» (1)

É bem conhecida esta influencia das doutrinas gnosticas e os seus resultados na interpretação dos textos biblicos. Dahi brotaram muitos simbolos e muitas lendas formadas nos primeiros seculos p. Chr., e já antes da Egreja se constituir.

Um dos verdadeiramente curiosos é o simbolo do *Peixe*, outro e desse nos occuparemos aqui, é o da *Pomba* representando o *Espirito Santo*.

As duas letras  $\alpha\omega$ , *alpha* e *omega*, representavam aos olhos dos cathecumenos, as palavras de *São João* na «Apocalypse» 1,8, quando elle ensina que «o Senhor disse: Eu sou o alpha e o omega.» A estas duas letras, porém, correspondiam na *Gnostica* os numeros  $1 = \alpha$ ,  $\omega = 800$ . Por outro lado ao nome *περιστερα* «pomba» corresponde o numero 801 feita a somma dos valores de cada uma das suas letras; assim:

$$\begin{array}{r} \text{II} = 80 \\ \text{E} = 5 \\ \text{P} = 100 \\ \text{I} = 10 \\ \hline \Sigma = 200 \\ 395 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 395 \\ \text{T} = 300 \\ \text{E} = 5 \\ \text{P} = 100 \\ \text{A} = \frac{1}{801} \end{array}$$

Os gnosticos tiveram então de enverter a successão do alpha e do omega e escreveram  $\omega\alpha$ , e isto se vê de *Santo Epiphanio* («Oper.» vol. 1, pag. 240, VII — ed. de Colonia, 1682.)

Assim, pois, tudo tende a mostrar que o *Canto dos numeros* seja um resultado devido a tradições importadas da India e arreigadas num solo convenientemente preparado pelas doutrinas cabalísticas e gnosticas.

Lisboa, 20 de junho de 1878.

G. de Vasconcellos Abreu.

## ESPIRITUALISMO

### I

Como um vento de morte e de ruina,  
A Duvida soprou sobre o universo.  
Fez-se noite de subito, immerso  
O mundo em densa e algida neblina.

Nem astro já reluz, nem ave trina,  
Nem flôr surri no seu aéreo berço.  
Um veneno sutil, vago, disperso,  
Empeçonhou a criação divina.

E, no meio da noite monstruosa,  
Do silencio glacial, que paira e estende  
O seu sudario, donde a morte pende,

Só uma flôr humilde, misteriosa,  
Como um vago protesto da existencia,  
Desabroxa no fundo da consciencia.

### II

Dorme entre os gelos, flôr immaculada!  
Luta, pedindo um ultimo clarão  
Aos soes que ruem pela immensidão,  
Arrastando uma aureola apagada...

Em vão! Do abismo a bôca escancarada  
Chama por ti da gélida amplidão...  
Sobe do poço eterno, em turbilhão,  
A treva primitiva conglobada...

Tu morrerás tambem. Um ai supremo,  
Na noite universal que envolve o mundo,  
Ha de ecoar teu perfume extremo

No vacuo eterno se evahirá disperso,  
Como o alento final dum moribundo,  
Como o ultimo suspiro do Universo.

(1) SS. Patrum qui temp. Apostolicis floruerunt. Barnabe... Opera... ed. de Cotelerio, Amsterdam, 1724, vol. 1.º, pag. 28-30. Cf. as notas.

Á CERCA  
DAS  
EXCAVAÇÕES DE SABROSO

(ESTUDO)



EXPLORAÇÃO de Sabroso foi feita no intuito de comparar os achados desta estação com os da Citania.

A Citania apresentava sinais duma influencia romana. Mas havia por lá alguma cousa que não era romano, e devêsse attribuir-se a uma civilização indígena?

Creiu não offender ninguém, dizendo que na completa ignorancia em que estão os nossos archeologos, e... os outros (1), no tocante á civilização pre-romana na peninsula iberica, e especialmente neste cabo do mundo, ainda que os productos da industria e da arte se offerecessem sem véu, nem sendal, ninguém os reconheceria. Vislumbra na Citania alguma cousa, que parecia não ser romano; mas tambem não havia disso inteira certeza, atendendo, penso eu, a que o inventario das antiguidades romanas ainda não foi dado por concluso; e provavelmente esta circumstancia, e a evidencia incontestavel da romanisação impressa em certos monumentos, tornava tudo o mais suspeito da mesma procedencia, quer originaria, quer toscamente imitada.

Sabroso apresenta-se sem esta suspeição. Falta aqui as telhas, as amphoras, a louça aretina (samia, segundo outros), a louça marcada, as inscrições — tudo isso que na Citania era lançado á conta da incommoda influencia romana.

A proximidade das duas estações (um kilometro, pouco mais), a identidade dambas quanto ao seu caracter fundamental, tornam o contraste mais frisante e não é facil achar explicação ao facto, por exemplo, d'abundarem numa os artefactos que faltam absolutamente noutra. Porque, apressemo-nos a dizel-o (ou a repetil-o, visto que algumas destas noticias já foram publicadas, e nestas materias não é permitido improvisar), iria errado quem, comparando a pequenez de Sabroso com a amplitude da sua vizinha, sugerisse que Sabroso seria um pobre grupo de choupanas, cujos moradores não teriam posses para comprar objectos de importação estrangeira, objectos de mero luxo.

Em Sabroso havia tanto ou mais luxo, que na

Citania. Pelas antigualhas, recolhidas na excavação, vê-se que estavam lá em uso os braceletes, anneis, fibulas, alfinetes, broches, etc., e quem tem posses para isto não podia deixar de as ter para comprar uma amphora, ou um par de telhas.

Algumas casas do pobre Sabroso tinham portas esculpturadas, e, se lá faltava a famosa louça que, no dizer de Horacio brilhava nas mezas dos magnates de Roma, e tambem chegára á Citania, a trabalhosa e variadissima ornamentação das vasilhas, quasi todas de barro grosseiro (1), parece não deixar duvida de que neste particular se atingira o *nec plus ultra* do luxo, e que, se não entraram em Sabroso as bellas ollarias que vemos nas casas dos seus visinhos, foi simplesmente por que taes mercadorias nunca foram accessiveis aos que podiam pagal-as.

A mesma observação se pôde fazer a respeito da telha. Sabroso conhecia a utilidade, ou melhor o aformoseamento, duma cousa que noutras partes tinha o nome de telha e era feita de barro; mas, em vez desta cousa, empregava láminas de schisto, trabalhadas no bordo que havia de ficar aparente. Ora é tambem difficil de crêr que o dono duma casa de portas cuidadosamente esculpturadas não tivesse com que comprar uma duzia de telhas, que na Citania se encontram em quasi todas as casas (só nas beiradas, atentas razões, que é deslocado expôr aqui).

Assim a explicação, fundada na pobreza de Sabroso, é má e nada explica; mas, faltando esta, não fica para a substituir, nenhuma, nem má, nem boa, a não ser a mais simples — que a influencia romana se não fez sentir em Sabroso, porque Sabroso acabou antes della poder lá entrar.

Creiu bem que esta opinião levantaria duvidas e objecções aos montes, sem outro fundamento senão o preconceito de considerarmos os povos hispanicos, mórmente os do nordeste, mais barbaros e selvagens do que os consideravam os mesmos antigos (2); e devo accrescentar, para aviso dos que quizessem remar contra a maré da opinião geral, que em Sabroso temos uma moeda romana, uma calçada, algumas pequenas praças ladrilhadas, tres representantes, segundo alguns, da influencia romana, pois que já li, com relação ás nossas antiguidades, que as calçadas eram romanas.

As casas de pedra tambem o seriam por aquelle texto de Vitruvio, segundo o qual a «Lusitania e a

(1) A unica excepção notavel é um fragmento de louça preta e polida. Louça igual tem apparecido, como se sabe, em estações pre-romanas de grande antiguidade.

(2) «...Vaccæi et cavallaici, nobiles gentes». (*Strab. III, III, 3.*) *Sillio Italico* chama ao mais que magnifico escudo de Annibal «Callaice telluris opus» (II), importando pouco ao nosso caso que a obra não passe duma fantasia do poeta, ou do poeta que elle plagiou.

Não seria difficil colligir mais testemunhos.

(1) Pelo que, em carta, me dizia o M. de S., um distincto sabio hispanhol via na ornamentação das pedras da Citania um estilo suevo-bisantino.

Hispana» apenas teriam no tempo do celebre architecto choças de madeira e barro.

Pondo agora de lado a moeda, inquestionavelmente romana, não será despropositado examinar o valor das outras objecções. Vitruvio não diz em parte alguma que os hispanhos desconhecem a arte de construir casas de pedra. Para demonstrar que as casas dos povos primitivos eram de madeira e barro, adduz o exemplo de ainda no seu tempo se edificarem casas assim, na Hispanha e noutras partes (1). Isto nem é afirmar, nem negar que os hispanhos ignorassem a arte de construir casas de pedra. Vê-se que Vitruvio nem nisso pensava, e, a inferir alguma cousa do seu texto, é precisamente o contrario:—casas que não sejam de pedra são aqui mencionadas como uma raridade, onde quer que apareçam. Escusamos porém de recorrer a inferencias, pois que temos textos positivos. Na rancorosa demolição de Illiturgis os soldados romanos incendiavam as casas, e «arrazam aquellas que o fogo não pôde aniquilar» (2). Claro é que, se todas as casas de Illiturgis fossem de madeira e barro, as chamas poupariam a soldadesca romana o trabalho de qualquer outra operação. Por um acaso de agradecer, é o mesmo Vitruvio que o assevera, chamando a casas de identicos materiaes *ad incendia uti fascas* (3). Mas o que prevaleceria contra todos os textos (ainda que os houvesse) seriam as proprias casas, taes como as vemos na Citania, Sabroso e noutras partes, onde disposições, fórma, apparelho, tudo é inteiramente dessimilhante das casas romanas. Estranhos discipulos e imitadores seriam os hispanhos, se pediam lições aos romanos, não só para lhas não seguirem, mas para enghenarem uma architectura que é o avêso da delles!

As calçadas e praças ladrilhadas, duas applicações dum mesmo invento, tambem não são de origem romana, e nem sequer é romana a iniciativa deste melhoramento na peninsula iberica. A comprehendemos Avieno, «Ora maritima», como o quer o sr. Karl Müllenhoff, (4) ainda os romanos não ouviam fallar de Hispanha, e já ella tinha estradas suas, uma da bahia do Tejo á foz de Ana, outra dahi a Malaca. Não ha certeza que estas estradas fossem calçadas; era-o porém sem duvida uma terceira, expressamente mencionada por Polibio, que os romanos aproveitaram como a acharam, limitando-se a demarcal-a com padrões (5).

(1) «Hæc autem ex iis, que supra scripte sunt, originibus instituta esse, possumus sic animadvertere, quod ad hunc diem nationibus exteris. ex his rebus ædificia constituuntur, ut in Gallia, Hispania, Lusitania». (*Vitr.* II, 1.)

(2) «Ignem deinde tectis injiciunt ac diruunt que incendio absumi nequeunt». (*Liv.* XXXVIII, 20.)

(3) *Vitr.* II, 8.

(4) *Deutsche Alterthumskunde*, pag. 102.

(5) *Polyb.* III, 39.

É de crer que taes obras não fossem só feitas por mãos hispanholas. Segundo a legenda, conservada por Diodoro Siculo, a estrada do litoral do sul seria construida por Hercules, quer dizer, pelos Tirios, e Isidoro afirma positivamente que as calçadas eram de invenção fenicia; mas o que importa ao nosso caso é saber que não eram romanas. Sendo fenicias, aqui temos muitos seculos antes da invasão romana (desde o seculo XII antes da nossa era, segundo Mœvers), um povo que podia ensinar aos hispanhos a arte de construir as calçadas e praças ladrilhadas, — luxo que não é em verdade excessivo, pelo menos no interior e sahidas das cidades muradas, que os habitantes caprichavam provavelmente em aformosear, como aformoseavam as casas.

Assim a unica cousa, legitimamente romana, que nos dá Sabroso é uma moeda, uma moeda dos antigos tempos da republica (1). Esta moeda e outras mais (2) podiam ali vir parar por diferentes maneiras, antes que os romanos pozessem o pé no Entre Douro e Minho, e muito melhor durante o tempo da expedição de Bruto; e o que de modo algum pôde sustentar-se é que o dinheiro romano, achado numa localidade gallega, implique, sem outras provas, a romanisação dos povos desta região, que só foram realmente submetidos no tempo de Augusto (3). E, no nosso entender, a presença de moedas em Sabroso, nas condições em que vemos esta estação, em vez de afirmar uma influencia romana, nega-a; em vez de auxiliar, perde a causa dos que pretendam afirmal-a com este unico fundamento. Pois, se em Sabroso penetrou a influencia romana a ponto de correr por ali dinheiro romano, como é que faltam nesta povoação productos de industria romana, que tão frequentes são na povoação sua proxima vizinha?

Depois desta longa excursão, achamo-nos no mesmo ponto, e no mesmo, ou maior embarço.

(1) Acerca da decifração desta moeda, e á vista dum decalque della, escreve-me o sr. *Teixeira de Aragão*: «... pareceu-me vêr numa face a cabeça alada de Pallas á direita, atraz X (denario) e no reverso Dianna antiga galopando á direita. No exergo ROMA. Sendo assim, é uma das moedas da republica romana chamadas incertas por não terem o nome de familia, e das mais antigas, talvez 200 annos antes da era christiana».

Pôde comparar-se o n. 6, *planche 1.* do *Nouveau Manuel complet de Numismatique ancienne* (Encyclopedie Roret). A differença entre a moeda aqui estampada e a de Sabroso é só no reverso, onde os Dioscures são substituidos por uma figura montada num carro, cuja rôda é muito visivel no original, e de certo o não foi na cópia, ou decalque.

(2) Um dos pedreiros que mais implacavelmente tem trabalhado na destruição de Sabroso, onde a pedra é de excellente qualidade, disse-me ter achado umas 5 ou 6 moedas na fenda dum lanço de muralha que demoliu, mas tão pôdres que se desfizeram mal lhes tocou. Fallando de duas outras encontradas por um companheiro seu, acrescentou que nem dinheiro lhe parecia, mas umas chapas toscas e mal quadradas. O proprietario destas ultimas declarou-me que ainda conservava uma, mas, por mais que procurou, não deu com ella. O que eu posso asseverar é que depois de ter feito um desaterra enorme, se encontrou a que fica mencionada, a tres palmos abaixo do sólo, e no pavimento duma casa circular.

(3) *Hübner, Not. Arch. de Portugal. App. c.*

Nem as casas de pedra, nem as calçadas, nem as praças ladrilhadas, demonstram uma influencia romana em Sabroso. É quasi certo que não lhe devem nada. Na Citania ha vestigios muito claros daquela influencia. Sabroso, se fosse uma povoação contemporanea daquela, devia tel-os tambem. Mas não tem; e a antiga moeda romana, a par da ausencia completa de artefactos romanos, parece estar dizendo que tal moeda chegou a Sabroso num tempo em que faltava a segurança á especulação dos industriaes romanos, e não imperavam as exigencias de luxo, relativamente moderno, que mais tarde os atrahia á Citania.

E, se continuamos a comparar os achados das duas estações, abre-se-nos um campo novo, que nos obriga, não a avançar para a alta civilização dos romanos, mas ás vessas a recuar na direcção oposta, para epochas anteriores.

A Citania, por exemplo, bem que mais largamente explorada, não forneceu até hoje objecto algum da chamada idade de pedra. Em Sabroso taes objectos apparecem; e este achado parece-nos tanto mais importante que alguns *celtes*, apresentando o gume lascado por um golpe violento, e a bem dizer imprevisito, supposto a substancia delles mostre não haverem sido destinados para atacar corpos duros, (1) são muito provavelmente armas de guerra. Não é menos digno de nota que a materia de que são feitos, rochas, ou fragmentos de rochas que se encontram na localidade (2), mostra que a arte de fabricar taes armas esteve em uso ali mesmo (3).

Queremos dizer com isto que Sabroso, em vista dos seus machados polidos, pôde remontar ao periodo neolithico?

É de crêr que abraçassemos esta ideia, ainda que só fosse para a rejeitar com consciencia, depois do exame minucioso a que a nossa pouca competencia nos permitia descer. Mas o exame mais proficuo, o do jazigo de taes objectos, não deu a minima indicação. Uma ponta de silex encontra-se no pavimento duma casa circular, e a pouca altura do sólo; um machado de schisto á beira do alicerce

(1) Todos de schisto e polidos; seis; um de granito. Mas *vide* nota 13. Os fragmentos de silex cinco.

(2) A unica excepção dá-se com um *celt* pequenissimo de quartzo dentritico.

(3) É aqui lugar proprio para mencionar outra especie de achados que pôde bem ser se relacione com estes. A grandes profundidades encontram-se frequentemente pedras de granito, de um até tres palmos de comprimento, quasi todas concavas por um lado em consequencia dum aturado movimento de desgaste, e por isso completamente polidas. Rarissima vez se acham a pouca altura, e dir-se-ia que foram abandonadas em epochas antigas, como se uma qualquer innovação as tornasse inuteis. Apparecem, ora isoladas, ora em grupos de 4 e 5. As de maiores dimensões fazem lembrar a peça inferior dos moinhos descritos por *Evans (Les ages de la pierre, fig. 170)*; mas a peça superior nunca apparece em Sabroso, e além disso algumas destas pedras tem uma ligeira convexidade, parecendo que tanto as convexas, como as concavas, eram destinadas a um e o mesmo uso, como o de polidores fixos. Não será superfluo accrescentar que são vulgares na Citania e em Sabroso os moinhos de mão circulares.

exterior da muralha; outro dentro dos muros, a grande profundidade, ás vezes á profundidade de tres metros, mas de envolta com pedaços de ferro oxidado, jóias de bronze, fragmentos ceramicos, lizos, ou diversamente ornamentados, de sorte que, admitindo, por hypothese, que Sabroso visse passar os tres periodos, de pedra, bronze e ferro, estes tres periodos estavam de tal sorte baralhados, que era absolutamente impossivel destrinçal-os: nenhuma camada, a que podesse dar-se o nome de chronologica. Como porém no inventario destes achados falta a arma de bronze, que caracteriza especialmente a primeira epoca deste periodo, e abundam as fibulas que marcam a sua transição para a primeira epoca de ferro (1), a inducção mais segura (2) a tirar era que em Sabroso, como noutras estações, se dava o emprego contemporaneo da arma de pedra e de ferro, aquella a unica acessivel a certos combatentes pobres.

Neste caso, as pretensões antiquarias de Sabroso não podiam ultrapassar, o *maximum*, a primeira epoca de ferro. Mas pouco nos aproveita isto; porque, como esta epoca se estende pelos tempos historicos dentro, e com ella o emprego simultaneo da arma de pedra e de ferro, as suas indicações chronologicas tornam-se tão vagas e nevoentas, que é, pouco mais ou menos, como se as não houvesse.

Nesta questão abstrusa, como o são todas as que pretendem fixar chronologias por inducções, o unico recurso que tinhamos seria procurar qualquer esclarecimento sobre o tempo, em que no nordeste da Hispanha acabou o uso da arma de pedra. Ora estes desejos que parecem ambiciosos de mais, encontram casualmente em Suetonio uma noticia que, se os não satisfaz plenamente, os não deixa mallogrados de todo. Conta este biografo que um dos prodigios que acompanharam a entronisação de Galba foi o apparecimento de doze machados num lago dos Cantabros. Evans (3) explora este texto, para ajuizar do estado das ideias dos romanos acerca das famosas «pedras de raio»; mas o que nos parece que elle demonstra em primeiro lugar é o estado das ideias dos proprios Cantabros. Com efeito, a não crermos que os romanos enxameavam toda a Cantabria, mesmo as bordas dos lagos — o que seria mais que insolito — força é ad-

(1) *Chantre, L'age du bronze, passim. Mortillet, Le signe de la croix avant le christianisme, nota c.*

(2) Não absoluta. O thermometro chronologico, indicado por estes sabios só pôde ser fallivel em determinados casos, por exemplo, em estações, onde a successão de civilizações de diferentes periodos tem grandes soluções de continuidade. O homem, porém, que numa mesma estação visse passar ininterrompidamente os tres periodos, embora por fim adoptasse exclusivamente a arma de ferro, de certo não atirava fóra as armas de bronze que eram a materia prima das jóias das epochas subsequentes, e que, por troca, ou venda, deviam ir cahir nas mãos dos mercadores ambulantes, cuja existencia se evidencia pela descoberta dos falsos dos fundidores. (*Chantre. Obr. cit. II, pag. 89.*)

(3) «*Les ages de la pierre*», pag. 66.

mitir que foram os Cantabros da localidade fulminada que se espantaram do achado, vulgarizando-o com nota de prodígio, sendo em seguida interpretado a seu sabor pelos crendeiros romanos, ou pelos bajuladores de Galba — o que com certeza não succederia, nem em relação aos romanos, nem em relação aos Cantabros, se a arma de pedra ainda então estivesse em uso naquella região, ou mesmo lembrasse (1).

De sorte que, no 3.º quartel do 1.º seculo da nossa era, os machados de pedra eram com toda a probabilidade já para os Cantabros verdadeiras «pedras de raio», e com mais razão o deviam ser para os seus contemporaneos da Citania, dando uma explicação tal qual da sua falta nesta estação, e recuando Sabroso para tempos quasi legendarios, sem todavia nos precisarem um dado chronologico, como nós o desejavamos.

Os objectos de bronze menos esclarecem. Já dissemos não se encontrar em Sabroso a arma de bronze que podia encadear este periodo ao periodo anterior. Esta falta pôde mesmo fornecer um argumento negativo para collocar Sabroso fóra da «bella idade de bronze».

Um pequeno objecto deste metal, que quem quer chamaria um *celt*, atento o seu feitio, mas que pela sua pequenez e leveza deve ser considerado como uma joia (2), poderia alludir ás armas de bronze e a uma arte que as conhecia ainda, e sabia imitar-lhes a fórma. Porém, qualquer construcção sobre taes bazes seria mais que fragil. O que é um pouco mais significativo, comparando a Citania e Sabroso, é que nesta ultima estação os objectos de bronze apparecem em muito maior quantidade, e que a fibula mais vulgar em Sabroso, a de móla sem espiral, *nunca* se encontra na Citania, bem que a fibula circular, a mais vulgar na Citania, tambem appareça em Sabroso, mas raramente. Aqui os objectos de bronze, além de mais abundantes, são mais variados. Dir-se-hia que a fibula circular, por onde as duas estações se tocam, annuncia uma certa decadencia daquella industria, que Sabroso viu prosperar nos seus antigos tempos. Como com as armas de pedra, entrevê-se que a Citania não pôde pleitear competencias de antiguidade com a sua vizinha; mas para determinar uma chronologia, mesmo approximativa, de tanto prestimo nos são os objectos de pedra, como os de metal.

Não deveria succeder o mesmo com os productos ceramicos. É frequente ouvir dizer aos com-

petentes que a ceramica dum povo substitue os monumentos escritos; que a ornamentação da ceramica da idade de pedra se não confunde com a do bronze, nem a deste com a do ferro, etc.

Isto pôde ser verdade para a classificação dos grandes periodos (1). Quando a ornamentação das vazilhas é a cópia, mais ou menos grosseira, dos desenhos das armas e joias de bronze, como a cópia não pôde existir antes do original, nem é crível que a civilização do periodo de bronze fosse pedir modelos á civilização do periodo anterior, parece axiomático que a ceramica com ornatos identicos aos dos objectos de bronze pertence a tempos posteriores á origem e introduccção daquella industria.

Temos assim bem marcado um ponto de partida; mas o resto?

Estudemos o problema com applicação aos factos que nos occupam. Na Citania a ornamentação archaica já é rara, em relação a Sabroso. Quasi podia afirmar-se que a importação da louça vermelha e envernizada supplantou, e pôz aqui em desuso, a industria do oleiro indigena que burilava pacientemente os seus artefactos, e os vendia como o *supra summum* da moda. Em Sabroso esta industria está em plena florescencia. A variedade dos motivos ornamentaes sobe a muito mais de trinta sendo o mais favorito o triangulo, ou a piramide, combinada de varios modos, e, bem que menos frequentemente, o circulo singelo, ou dobrado, ás vezes grupado com ella. Ora, segundo os entendidos (2), a ornamentação circular e triangular é não só característica da idade de bronze, mas até simbolica. Na Citania, porém, onde a ornamentação circular é ainda usada, vê-se que ella se manteve até tempos historicos muito avançados e que ainda continuaria depois, senão como cópia servil, ao menos como ornato rotineiro, se a influencia romana e a sua industria a não viesse acantoar. Assim, aqui, a ceramica e a sua ornamentação característica dá-nos uma chronologia que pôde oscillar desde a introduccção do bronze até á epocha da moeda; por si só nada nos diz de preciso, nem cousa que o pareça; o ponto de partida é obscuro, o da chegada não o é menos, e, se a luz vem dalgures, é dum facto completamente extranho — a introduccção da industria romana.

Ficamos, pois, sem bussola.

Mas, agora, as duas ornamentações características, a triangular e a circular, são contemporaneas? não distinguem épocas diferentes?

As armas e joias de bronze exibem os dous mo-

(1) De resto, o machado, decerto o de metal, parece ter sido a arma favorita dos Cantabros. Comp. *Sillio Italico*, xvi.

(2) Debalde temos procurado nas colleções ao nosso alcance um objecto que se assimelhe a este.

(1) E ás vezes nem isso. A pasta, ornamentação, processos ceramicos, podem confundir-se em todas as epochas, porque em todas ellas ha oleiros rudes. Isto tambem é corrente.

(2) *Chantre, Mortillet*, etc.

delos, desde a sua aparição; em estações, tidas sem hesitação como pertencentes á idade de bronze pura, as duas especies coexistem; parece não haver razão alguma para separar o que tão unido se encontra sempre, e o facto dá tão pouco azo á duvida que não sei de ninguém que o formulasse no intuito de procurar nelle um subsidio chronologico. Não obstante, quem presentisse uma anterioridade na ornamentação triangular, não só dentro do periodo do bronze, (1) mas mesmo com respeito ao periodo anterior, o da pedra, talvez se não achasse tão só, como pôde parecer á primeira vista. Birch, por exemplo, sem fundamentar, é verdade, a sua opinião, o que é para lamentar, parece fazer da ornamentação triangular uma especie á parte, considerando-a, como peculiar dos celtas (2). Pouco, nos adeanta isto; mas Bateman, o experimentado antiquario, dá-nos a gravura dum copo com ornamentação triangular, afirmando poder garantil-a como usual na idade de pedra (3).

Não estamos a soltar palavras ao vento, suscitando esta questão. É que nos embaraçou devéras vêr que em Sabroso, onde a ornamentação circular se encontra, é certo, mas menos frequentemente, a favorita é a triangular, emquanto que na Cítania esta ornamentação apenas se encontra *uma só vez*.

Não é porém para as pretenções que possede ter Sabroso a prender a sua historia no periodo da pedra polida, ou mesmo no do bronze, que eu quero principalmente chamar a atenção. Muito embora a ornamentação triangular fosse anterior á introdução dos metaes, é facto indubitavel que ella presistiu na época do bronze, e mesmo na do ferro, pois que a vemos largamente empregada, ao lado da circular, até muito tarde, tanto em objectos de bronze, como em objectos de barro. Em Sabroso ambas ellas estão em uso; mas como é agora que numa povoação, que dista de Sabroso um kilometro, a ornamentação triangular parece propositadamente proscri-ta?

Admittida a contemporaneidade de ambas, o facto é mais que extranho. Explical-o por um capricho de moda? Impossivel; e, se assim fosse, as reliquias duma moda abandonada deviam deixar

(1) A perfeição dos circulos concentricos, impressos nas vazilhas de barro, faz crer que para os estampar se empregava um objecto de metal, provavelmente a cabeça dum alfinete (*Chantre, obr. cit. 1, pag. 236*). O alfinete, segundo os mestres, é tão antigo, como a arma de bronze. Como, porém, era natural que o necessario se vulgarisasse e fosse procurado primeiro que o superfluo, a arma primeiro que a joia, pôde inferir-se com certa plausibilidade que mesmo dentro do periodo de bronze a ornamentação dos circulos singelos, ou dobrados, viria em segundo lugar.

(2) *Birch, Ancient Pottery, pag. 590.*

(3) *Bateman, Ten Yaars diggings, pag. 285-6. Comp. Nilsson, Les habitants primitifs de la Scandinavie, L'age de la pierre, fig. 209; Carlos Ribeiro, Estudos pre-historicos em Portugal, Nôcia da estação humana em Licã, pag. 45, fig. 7 e 8, não obstante as duvidas do nosso sabio compatriota. Não seria impossivel multiplicar testemunhos, mas, como é facil imaginar, todos mais, ou menos ambiguos.*

maiores vestigios, pois está dito, e é certo, que o barro dura tanto ou mais que o metal.

Seja como fôr, esta diferença, á primeira vista insignificante, é a meu ver uma das mais curiosas e mais dignas de atenção.

Ha todavia outra mais extraordinaria. Na Cítania a estatuária é representada por uma deusa qualquer, e por um baixo relevo com dous vultos humanos; o animal falta. Em Sabroso falta a figura humana, e apparece duas vezes o porco.

As estatuas brutescas são vulgares na Hispanha, principalmente para o norte (1); mas quasi todas as que restam estão tão gastas do tempo, que é muito difficil classificar o individuo que o escultor teve tenção de reproduzir (2). Uma das mais celebres desta galeria, «o idolo de Miqueldi», é para uns um touro, para outros um elefante. Pelo esboço que della nos dá Florez (3), o bruto pôde ser o que se quizer, pôde ser mesmo um proximo parente do porco, ou javalf de Sabroso (4).

Que todas estas figuras fossem ornamentaes é o que certamente ninguém se atreverá a jurar. O mais crível é que tivessem direito á denominação, que talvez uma tradição ininterrupta conservou á de Durrango — um idolo. Neste presupposto, entre a Cítania e Sabroso tinhamos de admitir um profundo contraste, tal qual pôde haver entre um povo que representa os seus deuses sob a fôrma animalesca, e outro cujas ideias religiosas exigem nelles a representação antropomorfica (5).

Foi ainda a influencia romana que operou esta revolução? Outra razão para a negar em Sabroso.

De tudo o que fica dito resulta, cremos nós, a impossibilidade de aceitar a contemporaneidade da

(1) Vid. *Bermudez, Sumario de las antigüedades romanas, etc. pag. 83, 170, 186, 397, 419.*

(2) Em algumas, poucas, parece não haver hesitação: são porcos, em Segovia, javalis em Avila de los Cabaleros. Não será disparatado lembrar aqui o pórco do pelourinho de Bragança (*Occidente, pag. 100*), que pôde ser bem mais antigo do que se pensa. Na Irlanda, aonde, segundo as velhas tradições chegaram povos do sul, e nomeadamente da Hispanha (*Diefenbach, Celtica, 11, pag. 393*), e provavelmente tambem ás vessas, havia razões, mais ou menos fundadas, para attribuir aos seus antigos habitantes um «porcine cultus» *Joyce, Irish names of places, pag. 469.*

(3) *La Cantabria, pag. 125.*

(4) As estatuas de Sabroso não estão completas. Duma resta apenas o focinho; da outra, muito mais grosseira, escapou toda a cabeça, que tem na parte posterior uma saliencia quadrada, mostrando evidentemente ter encaixado num corpo. Do corpo nunca ninguém deu noticias. Sabe delle decerto a cunha do montante que destruiu alguns monumentos megalithicos, que parece ter havido dentro do recinto dos muros. A cabeça foi encontrada á superficie do sólo, e no lado do poente; segundo *Bermudez*, os «tôros» ou «elefantes» de Guizando estavam «mirando á poniente». A calcular pelas dimensões da cabeça, a estatuá de Sabroso devia regular por 6 ou 7 palmos de comprimento.

(5) Não pôde passar aqui desapercibida a passagem de *Strabão*: «Quidam Callaicos perhibent nihil de diis sentire» (*III, iv, 16*), o que não significa, a nosso vêr, que alguns gallegos eram atheus, mas que entre as populações da Galliza havia notaveis diferenças de culto, e algumas de tal ordem que mal mereciam o nome de culto.

Citania e de Sabroso, muito menos remontando-a ás suas origens. Fundadas num mesmo tempo, a identidade das suas reliquias, extremando o que é romano, devia ser absoluta. Vemos que não é.

Da comparação destas reliquias salta aos olhos, não uma simultaneidade, mas uma successão, exactamente como se um mesmo povo (1), depois de habitar longo tempo Sabroso, o abandonasse por qualquer motivo, e fosse continuar a sua existencia na Citania. Nos pontos de similhaça, pelos quaes tentamos mostrar que as duas estações se tocam, dir-se-hia reconhecer-se metade do élo, por onde partiu a cadeia duma mesma historia, que deixou em Sabroso as suas paginas mais arcaicas, impressas duma generalidade sem mescla, originalidade que continúa por algum tempo na Citania, até que é bruscamente surpreendida e alterada pelo intrusão do elemento romano.

A mesma proximidade das duas povoações fornece um argumento contra a sua contemporaneidade. E não é só isto; as reflexões que suscita esta proximidade obrigam a surdir do cahos das hypotheses alguma cousa de tão plausível que chegar a tomar a consistencia dum facto positivo — que significam duas fortalezas á distancia dum kilometro? — principalmente que significa Sabroso, com a sua muralha singela, embora sólida, e o seu pequeno recinto, a par da Citania, cuja área enorme podia recolher toda a população daquellas redondezas, oferecendo-lhe um abrigo mil vezes mais seguro dentro das sólidas e complicadas linhas das suas muralhas?

Ha aqui um luxo de fortificações que chega a ser desperdício; mas este desperdício começa a tornar-se muito suspeito, logo que se attenta em que para além de Sabroso e da Citania, e tambem a pouco mais dum kilometro desta, se nos depara uma terceira fortaleza das dimensões de Sabroso, e que, como as outras duas, olha igualmente para o valle do Ave (2).

Assim na curta linha de 2 a 3 kilometros havia nada menos que tres *duns* (3); e, se agora quizessemos suppôr que cada um delles tomava por sua conta o abrigo e defeza das populações que lhes fi-

cavam ao pé, e por isso dividissemos aquella parte do valle em tres secções, á secção do centro, correspondente á Citania, tocava uma área de população, que salva a exageração, podia dizer-se que cabia na ultima ordem das suas muralhas. Não pôde ser. Antes é mais que evidente que a gigantesca construcção da Citania exigiu os esforços reunidos de todos os povos do valle do Ave, que lhe ficavam á vista, e nomeadamente os povos que já possuíam as fortalezas de Sabroso e de Santa Iria (1).

Os povos, pois, de Sabroso e Santa Iria não se pouparam a sacrificios e despezas, para construir uma fortaleza, infinitamente mais segura, do que a que já tinham — o que equivale a dizer que, por qualquer motivo, haviam reconhecido a insufficiencia e pouca segurança destas ultimas.

Entrevê-se aqui um facto que não pôde rasõavelmente traduzir-se senão pela necessidade de precauções contra um grande perigo imminente, ou, melhor ainda, contra a repetição dum grande desastre, que pôz em relevo a fraqueza do antigo sistema de fortificações, e o erro de dispersar por fortalezas de pequena capacidade os combatentes, que se viu ser indispensavel concentrar e multiplicar na defeza de linhas triplicadamente mais valentes.

É a ameaça ou a appareição dum inimigo no Entre o Douro e Minho que operou esta transformação? Parece-o.

Ora depois da invasão celtica, que deixou na Hispanha um ecco prolongado (2), e um ecco mais ou menos surdo no Entre Douro e Minho (3), a historia não conserva memoria de nenhuma outra invasão, que chegasse a esta ultima região (4), a não ser a romana.

No problema que nos occupa não se trata da invasão celtica; trata-se, pelo contrario, da defeza de populações mais ou menos celticas (5) contra um inimigo anonimo.

Este inimigo é então o romano?

A expedição de Bruto ao Entre Douro e Minho vem oferecer-se aqui naturalmente como a chave do inigma.

A guerra feita por Bruto aos gallegos é uma verdadeira *razzia*. Nenhum dos antigos historiadores atribue ao consul planos de conquista, que bem sabem não poder ser mantida nestas afastadas re-

(1) A perfeita identidade de Citania e Sabroso, a que já alludimos no principio deste trabalho, consiste na fórma e apparelho das casas, ornamentação das pedras, signaes nas lages. Escusamos de proseguir. Isto basta para attestar a identidade da população em ambas as estações. Dos signaes gravados em lages já fallamos neste jornal. Acrescentaremos agora que os archeologos cada vez lhe prestam mais attenção. Comp. principalmente *Materiaux pour l'hist. prim. et nat. de l'homme*, 14.<sup>e</sup> année, livraison 6, 9, 10.

(2) *Carvalho*, que falla muito passageiramente da Citania, e parece ter ignorado a existencia de Sabroso, dá a estas ruínas o nome de «outeiro de Brandião» (*chorographia*, 1, pag. 143). Este nome cahiu no esquecimento. Os visinhos denominam hoje o outeiro «monte de Santa Iria» por ali ter havido desta Santa uma capella, da qual mal restam vestigios.

(3) Uma freguezia que toca em Santa Iria e na Citania tem o nome de *Donim* (*Dunim*). Esconde-se aqui a velha palavra *dun*, que encontramos em *Cala-Dunum* etc.?

(1) Parece-nos provada a anterioridade de Sabroso relativamente á Citania. A anterioridade de Santa Iria damol-a, como hypothese. Estas ruínas esperam por uma exploração, que dirá até que ponto a nossa hypothese é accitavel.

(2) *Diod. Sic. v., 33.*

(3) *Strab. III, in, 5.*

(4) A invasão cartaginiza apenas attingiu os *Vaccus*. *Polyb. III, 14.*

(5) Parece-nos solidamente assente que o fundo da população que habitou a Citania era celtico. O nome de *Camal* que se encontra aqui a miude, o mesmo nome ligado ao deus celtico *Bormanico*, em *Vizella*, e a identidade incontestavel deste deus com o *Borvo*, ou *Bormon gaulz*, figuram-se-nos provas mais que bastantes em favor da nossa opinião.

giões, principalmente estando, como estava, no seu auge o odio dos hispanhoes do centro contra Roma (1), e em identicas disposições a Lusitania, que apesar das suas rudes licções ainda se conservava independente no tempo de Cesar (2). O fim de Bruto, diz Orosio, foi castigar os gallegos por haverem auxiliado os Lusitanos. Por isso o romano contenta-se com atacar e saquear as cidades gallegas, enriquecendo a soldadesca (3).

A profunda impressão, que devia causar no Entre Douro e Minho esta torrente devastadora e inelutavel, pôde ainda avaliar-se pela qualidade das noticias que nos deixaram os chronistas.

Foi sobretudo uma surpresa (4). A resistencia desesperada, mas tumultuaria, em que homens e mulheres combatiam á mistura, só serviu para augmentar a carnificina. O numero de gallegos mortos subiria a 60:000 (5), conta enormemente exaggerada, mas que prova a enormidade do desastre. Para se furtarem á escravidão, e evitarem a dos filhos, as mulheres cativas degolavam-nos, e suicidavam-se em seguida (6).

Os principaes actores desta tragedia são os bracosos (7), devendo entender-se de certo por esta denominação os povos dentre o Ave e Cavado.

Para os legionarios romanos a escalada de fortes, como Sabrosa e Santa Iria, devia ser quasi um brinquedo, e oferecer a mesma facilidade que a Talabrica Lusitana, que elles tinham tomado e retomado sem custo, como o prova a cómica generosidade de Bruto que a restitue aos seus moradores, por saber que a não pode conservar para si—generosidade que certamente se converteria em vingança inexoravel, se o assedio repetido desta praça tivesse feito correr muito sangue aos seus soldados.

Se estas conjecturas não andassem longe da verdade, podiamos então pôr os pontos nos *i*.

É a invasão romana, commandada por Bruto, e a amarga experiencia desta guerra fatal que demonstra á evidencia a insuficiencia e quasi inutilidade dos fortes de Santa Iria e Sabroso em face de um inimigo como o romano, e é a precaução contra uma segunda invasão que obriga estas populações como que a reunir os *dums* dispersos, numa fortaleza unica, cuja força de resistencia foi calculada pelo gigantesco do ataque do novo agressor como a dos velhos fortes o havia sido pela dos inimigos habituaes, que de certo se limitavam

a correrias subitaneas, e dispunham de muito menores recursos estrategicos.

Em tal caso a origem da Citania e o abandono de Sabroso tinham uma data quasi certa — os fins do segundo seculo antes da nossa era. A Citania seria relativamente moderna (1), visto que a sua construcção começara depois do anno de 138; em quanto que Sabroso, que a Citania fez abandonar, logo que se tornou habitavel (2), seria um velhissimo *dum*, cuja historia devia ser procurada do anno de 138 para traz.

Esta hypothese (porque emfim não podemos dar-lhe outro nome) harmonisava muito satisfactoriamente as analogias e differenças das duas estações, e daria ainda a razão de faltar em Sabroso a figura humana que se encontra na Citania, e em cujo facto nos não resolvemos a ver a intervenção da influencia romana. A população, que de Sabroso transmigrasse para a Citania, a primeira cousa que levava consigo era a imagem dos seus deuses.

A unica cousa que ficaria inexplicavel nesta tentativa de reconstrucção historica seria o abandono das estatuas burlescas na estação que se trocava por outra. Mesmo como figuras de mera ornamentação (não cremos que o fossem), taes estatuas deviam ter um valor, pois que, como obras d'arte, a estatua da deusa e o baixo relevo da Citania não lhes deitam muito a barra adiante.

Mas, se ellas teem uma relação tal qual com um culto (3), o abandono em que são deixadas mais

(1) Esta supposição seria ainda confirmada pelo aspecto das excavações da Citania, comparadas ás de Sabroso. Na Citania, abaixo do pavimento das casas é escusado cavar; os alicerces assentam na flôr duma terra, que os trabalhadores chamam «terra de nação». Em Sabroso os alicerces de algumas casas vão procurar o sóo virgem atravez de 2 a 3 metros duma terra requemada, calabreada de fragmentos de ossos, carvão, metaes, cacos; e dentro mesmo das casas quem romper a camada de barro recalçado que lhes fórma o pavimento, encontra por baixo um entulho com os mesmos detritos. Para empregar uma frase vulgar, mas expressiva, Sabroso cheira a velho; a excavação na Citania tem uma certa frescura, que a distingue profundamente da outra.

(2) As muralhas de Sabroso foram alteadas numa certa epoca. O modo por que se procedeu a estes reparos é um pouco singular. A muralha primitiva era uma especie de muro de suporte ao planalto, onde ficava a povoação. Supponhamos agora que esta muralha era de 3 metros, e que se lhe quiz dar o dobro da altura, não accrescentando-a para cima, porque isso alteava o parapeto sem melhorar a defeza, mas accrescentando-a para baixo. O modo de fazer obra limpa era uma substrucção nos alicerces, trabalho um pouco facilitado pela disposição do terreno, visto os alicerces assentarem no talude da encosta. Mas, ou porque a engenharia do tempo desconhecesse este recurso, ou porque o achasse arriscado, preferiu-se cortar o terreno no prumo da face da muralha antiga, começando a nova de baixo para cima, até sobrepor, alguns palmos, os alicerces daquella. Uma secção das duas muralhas assim remendadas dá, pois, a metade inferior, a nova, em plano reitrante; mas o resalto no ponto da sobreposição pouco mais excede dum palmo, bem que os novos alicerces começassem com a largura de cinco ou mais, e a razão é por que a muralha nova foi construida em talude. Estas emendas são feitas em lanços de grande extensão, e rematam lateralmente em angulos vivos, quando por qualquer motivo se entendeu escusado levar os mais adiante. Nesta obra obedece-se sempre á ideia de reforçar a defeza de Sabroso contra o caso duma segunda investida, durante o tempo em que a Citania se torna capaz de receber e abrigar os seus promotores?

(3) Na Citania encontra-se gravado numa pedra solia o mesmo signal que o sr. Mortillet procurou e estudou por diferentes partes, e deu origem ao seu conhecido escrito «Le signe de la Croix, etc.» Segundo o douto archeologo, este sinal é incompativel com a representação de objectos vi-

(1) O fim da guerra numantina é, como se sabe, posterior á expedição de Bruto.

(2) *Dion Cas.* xxxvii, 52-55.

(3) *Appianus*, vi, 71.

(4) «Brutus... quamvis incautos (callaicos) circumvenisset, oppressit. *Paul. Oros.* v, 5

(5) *Id. ib.*

(6) *App. log. cit.*

(7) *App. log. cit.*

curiosidade desperta, e o inigma só poderia ser decifrado descendo ao exame das origens de Sabroso, — assunto tentador, mas em que nos abstemos de entrar agora, visto este trabalho se ir alongando excessivamente e ser mais que tempo de lhe pôr um fecho.

Não me dava por pouco satisfeito, se pudesse fazer aceitar os seguintes factos: — Sabroso é uma muito antiga estação, sem o mínimo vestígio de influencia romana; é ali que podem estudar-se os restos da pura civilização gallega, e aferir por elles o que ha de pre-romano na Citania, e noutras partes; pode ainda talvez marcar-se ali o limite aproximado do emprego da ornamentação triangular em cerâmica, e o da fibula de mola d'espíral, pelo menos no Entre Douro e Minho.

Para terminar, diremos que mesmo concedendo que a Esfinge de Sabroso nos deixasse decifrar algum dos seus enigmas, é opinião nossa que os enigmas mais importantes e curiosos estão á espera do seu verdadeiro Oedippo.

Guimarães, 1879.

F. Martins Sarmiento.

#### UMA POETA ANONIMO

Aquelle mal subitaneo,  
Que te dá tanta canceira,  
E que do seixo do crâneo  
Te faz brotar tanta asneira:

Fora invento em desabono  
Dum pobre intellecto magro,  
Se eu, como tu, fosse dono  
Dum par de orelhas de onágro.

Braga, 1879.

João Penha.

vos», não devendo de certo esta these ser tomada tão absolutamente, que abranja a representação dos deuses sob a fórma humana. Se o signal da Citania é o mesmo que o sr. Mortillet estudou, e nisso parece-nos não haver a mínima duvida, ficava demonstrado que a população celtica (pensamos estar demonstrada a celticidade da população da Citania), que penetrou na Hispanha, adoptou este emblema, e o trouxe até o ultimo occidente, dando razão á «primeira» opinião do sr. Henzen, o qual, pelo que vemos duma memoria do sr. conde de Goçzadini (*La Necropole de Villanova, pag. 74*), attribua aos celtas as reliquias da estação de Villanova, onde o signal da cruz é vulgar. Adoptando as ideias do sr. Mortillet, a falta da figura brutesca na Citania estava explicada. Como, porém, na nossa hypothese, a população da Citania habitou primeiro em Sabroso, surdiam agora difficuldades, para cuja resolução mais urgente se tornava o conhecimento das origens desta velha estação, onde não é impossível que morasse um povo pre-celtico. A selecção que faz a população transmigrante entre a estatua humana que leva comsigo, e a estatua do animal que despreza, e que provavelmente não desprezaria, sendo ella puramente ornamental, parece-nos muito digna de reflexão.

De resto temos de confessar com franqueza que a these do sr. Mortillet, que tão favoravel era ao nosso modo de considerar a ethnologia dos povos que occuparam Sabroso, não se nos impõe como uma verdade demonstrada.

#### ROSALIA

Um largo aroma invade a atmosfera  
Humida a um tempo de luar e orvalho,  
Liba a magnolia a estremecer no galho  
O saboroso mel da primavera . . .

Um derradeiro accorde o piano exhala;  
Relê o velho o seu jornal atento,  
E a velha presa a um vago pensamento,  
Espalha os olhos tristes pela sala.

E emtanto ella anciando de desejos  
Corre á janella, inquieta, curiosa,  
E sorve as brisas qual se fossem beijos.

A escura matta eleva-se frondosa,  
Suspira o rio em tímidos harpejos,  
E a Noite a envolve palida e amorosa . . .

Roma.

Luíz Guimarães Junior.

#### A SECCA

Dardeja o sol a prumo os raios abrasantes  
Sobre a extensa campina, esteril, devastada;  
Junto ao sêco riacho a morbida boiada  
Levanta para o céu as ventas offegantes.

A aldeia fica ali de todo abandonada,  
Emquanto além caminha a turba de emigrantes,  
Esfaimados e nós, cançados arquejantes,  
Entre as nuvens de pó da solitaria estrada.

Nos seios maternas de balde a criancinha  
Se procura alentar! Seccaram como as fontes  
Esses mananciaes do peito que definha.

Mas uma ideia luz nas requeimadas fronte:  
—A dulcissima esp'rança— a ave que adivinha  
Da caridade humana os amplos horisontes.

Pernambuco.

A. de Souza Pinto.

#### ANIMA MEA

Estava a Morte ali em pé, diante,  
Sim, diante de mim, como serpente,  
Que dormisse na estrada e de repente  
Se erguesse sob os pés do caminhante.

Era de vêr a funebre bacante!  
Que torvo olhar! que gesto de demente!  
E eu disse-lhe: « Que buscas, impudente,  
Loba faminta, pelo mundo errante? »

— Não temas respondeu (e uma ironia  
Sinistramente estranha, atroz e calma,  
Lhe torceu cruelmente a bôca fria).

Eu não busco o teu corpo . . . Era um tropheu  
Glorioso demais . . . Busco a tua alma.  
Respondi-lhe: « A minha alma já morreu. »

Porto, 1879.

Anthero de Quental.

## SCIENCIAS HISTORICAS

EM PORTUGAL

*A Introdução á Archeologia da Peninsula Iberica*(CARTA AO EX.<sup>mo</sup> SR. F. A. COELHO)Ex.<sup>mo</sup> Sr.

LEI por v. ex.<sup>a</sup> analisada a parte primeira da minha *Introdução á Archeologia da Peninsula Iberica*, num dos ultimos fasciculos da *Renascença*.

A critica em Portugal, força é dizel-o, poucas vezes tem por objecto o livro a que se refere, e por fim o descobrimento da verdade. Geralmente o livro censurado não é mais que um pretexto ou para exaltar ou para deprimir o autor, conforme impem apaixonadamente num ou noutro sentido os preconceitos de theologia, de patriotismo, de classe, de escola, de educação, de politica, ou quaesquer outros dos muitos porque se traduzem o particularismo e a intolerancia medievaes, ainda em plena florescencia entre nós no ultimo quartel do seculo XIX.

Desprendeuse v. ex.<sup>a</sup> de todos esses influxos, que a filosofia condemna, alevantou-se acima dos apertados horisontes em que se amesquinham grande parte dos criticos portuguezes, e, empunhando o escalpello com a impassibilidade do anatomico, tentou dissecar o meu livro, para mostrar ao publico o que tem de bom e de mau — de mau sobre tudo.

Com quanto estime em muito as doudas reflexões de v. ex.<sup>a</sup>, e me conforme até com algumas dellas, outras ha que não posso deixar sem reparo, por terem procedido da interpretação menos exacta das minhas palavras ou dos factos a que ellas se referem.

Argue-me v. ex.<sup>a</sup> primeiramente de ter apresentado a opinião de Horner com relação á antiguidade do homem no Egipto, sem indicação das objecções que reduziram assaz consideravelmente os calculos daquelle observador. E cita-me os livros de Peschel e de Lyell onde foram reduzidos.

Não sei se a primeira edição de Peschel seria posterior á de Lyell, e se acrescentaria alguma cousa nova ao que o geologo inglez escrevera. Vendo porém as contestações deste ultimo, plenamente refutadas por Lubbock (*L'homme prehistorique*, Paris 1876, p. 359 e 360), pareceu-me desnecessario cital-as num livro em que tratava apenas de mostrar a antiguidade do homem por factos, e não

de escrever uma dissertação acerca das observações de Horner no Egipto.

Diz logo em seguida v. ex.<sup>a</sup>:

«O terceiro capitulo, *Antiquiora Monumenta*, occupa-se das subdivisões da idade da pedra e da questão do homem terciario, em que o autor é de opinião negativa.»

A este respeito não expendi opinião nenhuma, nem positiva, nem negativa. Tratei apenas de mostrar que os argumentos, até hoje adduzidos a favor da existencia do homem terciario, não constituem provas directas e irrecusaveis, superiores a toda a contestação. Com uma semelhante reserva procedem a maior parte dos naturalistas modernos, e ainda recentemente Joly num livro publicado pela Bibliothéque Internationale (*L'homme avant les métaux*, Paris, 1879).

Se a minha opinião fosse neste ponto negativa, como poderia eu concluir com as seguintes palavras a parte respectiva á questão do homem terciario?:

«Mas contra factos não prevalecem razões, por mais ponderosas que pareçam, e portanto, bom serviço prestam á sciencia aquelles que se empenham, como o sr. Carlos Ribeiro, em colligir documentos interessantes a esta questão, que talvez dentro em poucos annos vejamos cabalmente resolvida.»

O que é sobre tudo notavel é v. ex.<sup>a</sup> attribuir-me uma opinião negativa acerca do homem terciario, e continuar logo depois:

«Emquanto aos instrumentos ou pretendidos instrumentos de pedra lascada, descubertos pelo sr. Carlos Ribeiro em camadas terciarias e quaternarias de diversos pontos de Portugal, o sr. A. F. Simões, não manifesta opinião propria, apesar de os ter visto na collecção da commissão geologica.»

De sorte que estabeleceria eu, como principio, segundo v. ex.<sup>a</sup> inexactamente affirma, que o homem terciario não existiu, para concluir que os silex do sr. Carlos Ribeiro poderiam ou não ter sido lascados pelo homem terciario!

A verdade é que a questão geral está ainda para resolver, e, emquanto o estiver, permanecerá do mesmo modo insolúvel a questão particular do homem terciario em Portugal.

Lamenta v. ex.<sup>a</sup> a falta de homens competentes entre nós, para resolverem esta segunda questão. Veja porém se os homens competentes das outras nações têm avançado mais com relação aos silex do abbade Bourgeois ou aos ossos estriados de Desnoyers. Se um ou outro naturalista admite, sem contestação provas taes, a maior parte ou as rejeitam ou duvidam dellas. Sabe muito bem v. ex.<sup>a</sup> que os silex attribuidos em Portugal ao homem terciario foram examinados no congresso de Bruxellas por archeologos ou naturalistas competentes, que não chegaram a dar opinião decisiva. Não fica por tanto mal a ninguem mostrar incerteza neste ponto,

quando os sabios estrangeiros, pela maior parte, não procedem de outra sorte.

Aventa v. ex.<sup>a</sup> a opinião de que os esqueletos encontrados na *Cueva de los murcielagos* poderiam ser de mineiros, e de que as bolsas de esparto, representadas pela figura 46 a paginas 60, serviriam para as mulheres ibericas lavarem as areias auríferas, pois que ellas segundo refere Strabão se serviam de uma especie de peneiras ou coadores entrançados á maneira de cestos. Ora em verdade o que eu não sei é como, representando a figura uma das taes bolsas em tamanho natural (o que se declara na tabella das gravuras a pag. 165), não tendo pois mais de 6 centimetros de comprido, de 4 centimetros de diametro transverso, v. ex.<sup>a</sup> admita a possibilidade de terem servido para lavar areias auríferas, não sendo as areias microscopicas e as mulheres liliputianas.

Pela minha parte atribui os achados daquella caverna á época neolithica, e não á dos metaes, porque, excepto o diadema de ouro, nenhum outro objecto metallico appareceu, sendo numerosos os de pedra polida.

Argue-me v. ex.<sup>a</sup> de escrever que não tem sido notado o facto de se encontrarem os dolmens quasi sempre nas regiões proximas do mar, e cita Bertrand que, por mais de uma vez, o mencionou na *Archeologie celtique et gauloise*. Atribue-me, pois, a pretensão de dar como novidade o que realmente o não é, de dar, como resultado de observações proprias, o que outros haviam já observado. Confessarei que ás minhas palavras não é impossivel dar a interpretação que v. ex.<sup>a</sup> lhes deu, porém a verdade é que sómente significavam que ao facto alludido não se tem ligado a importancia que merece, que tem passado desatendido, pela maior parte dos archeologos. O proprio Bertrand, dizendo por mais de uma vez que os dolmens abundam nas regiões occidentaes da Europa, e faltam nas orientaes, não atendeu em que esta differença se explica naturalmente por aquelle facto; isto é, tendo sido aquellos monumentos construidos principalmente pelos povos proximos do mar, na Europa, deverão encontrar-se nas regiões occidentaes, que ficam á parte do mar, e faltar nas orientaes geralmente mais distantes.

Para explicar a distribuição geografica dos dolmens na peninsula Iberica importava-me estabelecer o principio fundamental da lei dos litoraes, e, como alguns archeologos a repugnam, quiz eu explicar esta repugnancia pela razão de não terem notado que os dolmens quasi sempre se encontram pelas regiões proximas do mar. *Não tem sido notada na distribuição geografica dos dolmens uma circumstancia que se nos afigura importantissima;*

*e vem a ser o encontrarem-se quasi sempre nas regiões proximas do mar.*

Quem lêr despreocupadamente os capitulos vii e x do meu livro não terá decerto duvida em interpretar desta sorte as minhas palavras, nem ainda em reconhecer que o que eu apresentei como novidade não foi a preferencia que os constructores dos dolmens deram ás regiões proximas do mar (o que se vê em qualquer mappa da distribuição geografica dos dolmens, como o que v. ex.<sup>a</sup> cita de Bertrand ou de Fergusson), mas a applicação desse principio á peninsula Iberica e ao mesmo tempo a sua confirmação nesta parte da Europa. A novidade consistia, pois, em tomar como fundamento a lei dos litoraes, á lei da incompatibilidade dos dolmens e dos monumentos pelasgicos, e a marcha dos primeiros de norte para o sul, e explicar por ellas a distribuição geografica dos dolmens peninsulares. V. ex.<sup>a</sup> põe de parte esta questão fundamental, em que a minha opinião é inteiramente nova, e atribue-me a perfida tentativa de apresentar, como descoberta minha, o que eu não podia saber senão porque outros o tinham observado! Olhe que grande gloria para mim fazer crêr que ninguem notára que em geral os dolmens se encontram pelas regiões litoraes! O mesmo seria que pretender descobrir que no hemisfério austral ha mais agua e menos terra que no hemisferio boreal ou que a America jaz entre o Pacifico e o Atlantico ou outra cousa de simples intuição.

Ainda, com relação ao capitulo vii, censura-me v. ex.<sup>a</sup> por admitir a existencia de dois povos, constructores dos dolmens, que teriam seguido na direcção do sul para o norte. A censura é tão infundada e ultrapassa de tal modo os limites do verosimil que me obriga a transcrever as formaes palavras de v. ex.<sup>a</sup>:

«A opinião da existencia de um povo navegador, constructor dos dolmens, fôra tambem enunciada já por Bertrand; o sr. F. A. Simões repetiu-a simplesmente com variantes, com relação á marcha das problematicas navegações desse povo, navegações que supporiam nelle uma organização commercial muito anterior á dos fenicios e imaginando, em lugar dum, dois povos que teriam seguido não como o povo hypothetico de Bertrand, do norte da Europa para o sul pelo occidente, mas sim em direcção inversa do sul para o norte.»

Ha nesta censura duas inexactidões:

1.<sup>a</sup> Em parte nenhuma expendi a opinião de que houvesse dois povos constructores dos dolmens. A paginas 108, indicando notaveis differenças em dolmens e outros megalithos de varias regiões da Peninsula, entre os de Andaluzia e de Portugal, por exemplo, atribui-os a duas epochas ou civilisações differentes.

Não fallei, porém, de povos constructores.

2.<sup>a</sup> Com quanto a paginas 97 mencione os argumentos adduzidos contra a opinião de Bertrand, e um delles favoravel á marcha dos dolmens do sul para o norte, na ultima nota da mesma pagina refuto esse argumento, e no mesmo capitulo VII e mais particularmente no capitulo X me declaro formalmente contra tal ideia.

A explicação que proponho da distribuição geographica dos dolmens peninsulares funda-se: — 1.<sup>o</sup> na lei dos leitariaes, 2.<sup>o</sup> na lei da antinomia dos dolmens com os monumentos pelagicos, 3.<sup>o</sup> na marcha da civilização dolmenica do norte para o sul.

Admitidas estas tres proposições, a conclusão racional será a minha hypothese.

Substituindo a 3.<sup>a</sup> pelo contrario, a conclusão já se não conterà nos principios. A hypothese tornar-se-ha irracional e abstrusa.

Relativamente á ideia de que teria havido um povo constructor dos dolmens, é notavel a insistencia com que me dizem partidario dessa hypothese.

Já na conferencia da Citania, tendo eu querido explicar a distribuição dos dolmens na Peninsula pela theoria que depois desenvolvi no meu livro, o sr. Luciano Cordeiro pretendeu refutar-me só com dizer que os mais autorisados dos archeologos não admitem a existencia dum povo constructor dos dolmens.

Ali mesmo rectifiquei as palavras do sr. Luciano Cordeiro, declarando que me referia a uma *civilização dolmenica*, e não a um *povo dos dolmens*. Não obstante a rectificação, veio depois o sr. Pereira Caldas para a *Actualidade* com a mesma insistencia. Finalmente apparece ainda agora v. ex.<sup>a</sup> a attribuir-me a opinião de um ou mesmo dois povos constructores dos dolmens. Antes de se publicar o fasciculo da *Renascença*, com a sua censura á *Introdução á Archeologia da Peninsula Iberica*, escrevia eu o seguinte na *Arte*:

«Apresentada pela primeira vez a minha hypothese, apenas se lhe antepoz a objecção de que seria favoravel á ideia da existencia de um povo dos dolmens, actualmente rejeitada pelos mais eminentes archeologos. Não me parece, porém, que a expressão *civilização dolmenica*, importe necessariamente o ter havido um só povo constructor dos dolmens, ou que a expressão *civilização pelagica* importe do mesmo modo a existencia de um só povo, constructor dos monumentos correlativos.

Similhantermente na idade moderna a civilização christan, sahindo da Europa, dilatou-se por todas as partes do mundo, sem que ninguem pertenda que todos os templos exornados com o simbolo da redempção fossem construidos por um só povo.»

Nesta explicação estou por tanto em perfeita concordancia com v. ex.<sup>a</sup> nas suas restricções:

«A opinião de muitos archeologos de que os dolmens correspondem não a uma civilização ou a uma origem ethnica

unica, mas a um momento identico na evolução de diversos povos, parece-nos em grande parte aceitavel, sobre tudo se a restringirmos com a ideia de que diversos povos podiam ter communicado pela sua visinhança ou por outro meio (invasões parciaes, translações de povoações, de individuos mesmo, etc.), esse modo de construcção.»

Note, porém, v. ex.<sup>a</sup> que a maior parte dos archeologos não fazem esta restricção, parecendo acreditar que os dolmens poderiam brotar espontaneamente na evolução social de diversos povos, como os cogumelos nas serras humidas e as varejeiras nas carnes podres. Se v. ex.<sup>a</sup> não admite a origem *espontanea* dos dolmens em diversos povos, ficamos inteiramente de acordo neste ponto.

Espraia-se v. ex.<sup>a</sup> em longas considerações á cerca de um ponto que apenas toquei por incidente no capitulo V. É o caso que o sr. Delgado na sua importantissima memoria das grutas de Cesaredo qualificara de antropofagos os habitantes prehistoricos da Cova de Moura.

Discute-se ainda hoje se aos factos allegados em favor da antropofagia se hade dar esta ou outra explicação. Os concernentes ás cavernas da Belgica, por exemplo, considerados por Spring, como provas de antropofagia, são por outra forma explicados por Dupont.

Pareceu-me portanto util apresentar as razões que fazem duvidosa a existencia do cannibalismo, pelo menos como costume geral dos homens prehistoricos.

As observações de Spring foram publicadas em 1853 no *Bulletin de l'Academie Royale de Belgique*, 1.<sup>a</sup> serie, tom. XX, 1853. A contestação de Dupont appareceu no seu livro *L'homme pendant les âges de la pierre*, Paris 1872. Finalmente Joly no livro já citado, impresso em 1879, apesar de se inclinar mais á opinião de antropofagia, escreveu o seguinte:

«Il est extremement probable, mais rien ne prouve jusqu'à present, d'une manière tout-à-fait certaine, que les peuples primitifs de l'Europe étaient adonnés à l'anthropophagie.»

O apresentar duvidas numa questão duvidosa não me parece, pois, motivo de censura.

Mas, como o que v. ex.<sup>a</sup> mais condemna é ter eu considerado a antropofagia como indicio de degradação e inferioridade moral, explicarei o seu procedimento para commigo neste ponto por me attribuir o preconceito de approvar ou reprovar um costume, não pelo que em si representa, mas por ser conforme ou desconforme aos nossos proprios costumes. É o preconceito do particularismo a que já alludi no principio desta carta. Ora nesta questão o particularismo está da sua parte e não da minha.

Quem tiver alguma leve ideia das leis biologicas, que regulam a conservação das especies, não

ignorar de certo que chegaria a extinguir-se qualquer especie, cujos individuos reciprocamente se destruíssem. Eis a principal razão porque repugna á maior parte dos naturalistas admitir a existencia da antropofagia, como costume geral da humanidade em qualquer epoca. Eis a razão tambem porque pode considerar-se degradação ou inferioridade moral nos povos, que accidentalmente o adquirirem e conservarem, embora mais elevados na escala da civilisação, relativamente a outros não antropofagos.

Não foi por tanto por julgar a antropofagia contraria aos costumes dos modernos povos civilisados que lhe chamei degradação ou inferioridade moral, mas por ser contraria ás leis naturaes da conservação das especies.

Pela minha parte, atendendo á humanidade em geral, posso qualificar assim a antropofagia. V. ex.<sup>a</sup>, atendendo a certos povos em particular, pode ter uma opinião differente e chegar até quasi a fazer o elogio dos cannibaes. Mas, outra vez direi, se aqui ha particularismo, é da sua parte e não da minha.

Censura-me v. ex.<sup>a</sup> por ter attribuido a Herodoto uma opinião, que se não encontra nas suas obras. Aqui dar-lhe-hei toda a razão. Commeti uma falta grande em não consultar o original para não reproduzir um erro que outros escritores tem repetido.

Finalmente aquillo em que mais lhe desagradei foi em dizer, a respeito do euskara, que o atraso da philologia ou antes da linguistica comparada tornava possivel a defeza de todas as opiniões, que ácerca da origem deste idioma tem apparecido. Convirá advertir que eu não me referi á linguistica em geral, porem tão somente á linguistica comparada do euskara com outros idiomas. As minhas palavras não estão pois em opposição com aquellas que v. ex.<sup>a</sup> transcreve de Broca e de Hæckel. É possivel que, relativamente ao euskara, elles se exprimissem da mesma sorte. A minha affirmação ainda hoje me parece verdadeira. Vendo nas obras a que me soccorri e que citei no meu livro, por uma parte tão varias opiniões ácerca da origem do euskara e por outra parte asseverarem uns que fôra o antigo iberico e outros uma lingua inteiramente diversa, levou-me a tirar aquella conclusão. Agora se v. ex.<sup>a</sup> sabe resolver estas duas questões, resolva-as, que eu immediatamante retirarei as palavras de que tão descontente se mostrou. Emquanto o não fizer, persistirei em pensar que o atrazo da linguistica é um obstaculo á determinação das origens etnicas da peninsula Iberica.

Note bem que se não tracta dos methodos geraes da linguistica a que se referiram Hæckel e

Broca, mas á applicação desses methodos a um caso particular.

Sou com grande consideração

Quinta da Rainha, 10 d'outubro  
de 1879.

De V. Ex.<sup>a</sup>

am.<sup>o</sup> patr.<sup>o</sup> e coll.<sup>a</sup> obrg.<sup>mo</sup>

A. Filippe Simões.

#### SEPULTURA ROMANTICA

Ali, onde o mar quebra num cachão,  
Rugidor e monotono, e os ventos  
Erguem pelo areal os seus lamentos,  
Ali se hade enterrar meu coração.

Queimem-no os sóes da adusta solidão,  
Na fornalha do estio, em dias lentos;  
Depois, no hinverno, os sopros violentos  
Lhe revolvam em torno o arido chão...

Até que se desfaça e, já tornado  
Em impalpavel pó, seja levado  
Nos turbilhões que o vento levantar...

Com suas lutas, seu cançado aneio,  
Seu louco amor, dissolva-se no seio  
Desse infecundo, desse amargo mar!

Anthero de Quental.

#### NA SALA

Yeductive Waltz.  
BYRON.

Pois que já são as horas derradeiras,  
Amai, folgai, vivei! sem medo! ávante!  
Muito embora do seio palpitante  
Roubem o alento as pulsações ligeiras.

Já as visões da lenda, as feiticeiras,  
Vossas irmans surgiram; neste instante,  
Nas voltas duma ronda delirante,  
Alguem as viu passando nas clareiras...

Que importa se o abismo aqui murmura  
Canções d'eterna dôr? se geme e fala?  
Sabeis sorrir e os risos tem doçura...

Emquanto, pois, a lua, côr d'opála,  
Espreita e scisma, — ó filhas da loucura! —  
Soltai a trança ás brisas desta sala!

Outubro de 1875.

D. Ennes.



## PHOTOTIPIAS DO MINHO



QUATRO encantadoras novellas, *As arrecadas de Rosinha*, *A cura de uma nevrose*, *A procissão dos defuntos* e *A carta do Brazil*, em que se pintam com o mais vivo e fresco colorido a natureza, a vida, os costumes, e a feição provincial do Minho, foram reunidas em volume, sob o titulo a que subordinamos este juizo, e até hoje a imprensa, que pretende dirigir a opinião, não teve uma palavra para felicitar um talento novo. O nome de José Augusto Vieira, é o de um rapaz que ainda não provou a celebridade; passa desapercibido no seu curso da escola medica do Porto, mas o livro das *Phototipias do Minho* basta para revelar um espirito de observação bem disciplinado, a capacidade de fixar o lado pitoresco do que se vê todos os dias, um grande senso artistico, que se reflecte na simplicidade da linguagem e na comprehensão psicologica do conflito das paixões.

O livro *Phototipias do Minho* é mais um documento precioso para a literatura portugueza contemporanea, e o nome do seu autor deve figurar sem restricções entre a falange dos novos espiritos que procuram associar a actividade mental portugueza ao movimento moderno. É o mais que se pôde dizer de um individuo que apparece desprezenciosamente na imprensa; lêa-se porém o livro, e a impressão total imporá esta verdade. Nós mesmo, tantas vezes descorçoados por ensaios e tentativas frustradas, pungidos por vocações erradas que tomam a habilidade por talento, sendo os primeiros a illudirem-se e a encobrirem as suas intimas decepções com assaltos á reputação fundada daquelles que trabalham por um movel que lhes é desconhecido, e que Diderot revelou na sublime frase — *une ame qui se tourmente* — quando abrimos o livro das *Phototipias do Minho*, foi com um receio de esbarrarmos com a chateza e a mediocridade. Lêmos o ultimo conto, *A carta do Brazil*; a realidade profunda e o sentimento verdadeiro de uma situação tão vulgar da emigração portugueza do Minho, fizeram-nos lêr em seguida *A procissão dos defuntos*. Foi aqui que notamos a intuição artistica do escritor, como soube achar o lado poetico das superstições populares e recompôr a vida moral da provincia onde o padre traz o povo adscrito á imbecilidade. Nós tambem conheciamos o Minho, tambem nos sentiamos fascinados por aquella terra

de humus, cuberta de verdura e com aguas correntes, em que as estradas são alas de um vasto canteão ajardinado, marginadas de arvores cubertas de videiras, verdadeiros andores carregados de cachos, onde em cada aufractuosidade de montes existe uma povoação activa, que conta e que mede a felicidade pelos carros de milho que ha de compartilhar com os senhorios; tambem haviamos colligido bastantes tradições poeticas do *Cancioneiro* e *romanceiro portuguez*, e nos embeveciamos com as melodias naturaes das romarias e esfolhadas, com as compitas das malhas do centeio, onde se apupa e faz a procissão do enterro da Velha, com as beçadas, em que os lavradores se ajudam mutuamente, e em que uma Maria, ainda moça donzella, vae lançar a primeira semente á terra.

A leitura das *Phototipias do Minho* tornou-se então uma prova; procuramos a nota viva dessa natureza, a feição local do viver provinciano, a linguagem incidental do camponio, e o livro dava o efeito completo de tudo isso. Bem quizeramos então saber o processo como o autor atingira aquella inteira realidade, e em algumas linhas preliminares achamos o elemento da resposta: «As *Phototipias* são a traducção das condições do meio, que influenciaram toda a nossa infancia e grande parte da nossa mocidade.» José Augusto Vieira pintou o que viu e o que sentiu, e eis af porque o livro é cheio de verdade e espontaneidade; ha uma cousa que lhe pertence, é a idealisação, tanto mais difficil quanto se exerce sobre cousas vistas todos os dias, que acabam por passar inteiramente desapercibidas.

*As arrecadas de Rosinha* não ficaram abaixo das outras duas novellas; faltava apenas a *Cura de uma nevrose*, e essa excedia as proporções de um conto, occupava cento e trinta e sete paginas do livro, com todo o desenvolvimento de um romance. A *Cura de uma nevrose* tinha a sua these; tomava esse fenomeno morbido, que nas aldeias se classifica com o nome de *Esprito*, e que se combate com benzeduras, esconjuros e resposos, sempre ineffazes, e que ali o padre curou de vez submetendo a rapariga histerica á situação a que o Padre Amaro, de Eça de Queiroz, levou a pobre Amelia, ou o Abbade Mouret, de Zola, a graciosa Albine. No conto existia uma funda intenção, e *uma poula da unha do diabo* nas situações, no dialogo, corrigia os quadros idilicos, tão faceis de cahir na pieguice, na semsaboria tenue como nos *Serões de Provincia*, de Julio Diniz.

Na *Cura de uma nevrose* conhece-se a intelligencia emancipada pela educação scientifica, e o artista perfeitamente possuido da ideia de que a concepção ideal serve para agitar o intellecto pelo sen-

timento, que é por onde começa a actividade dos que nunca pensaram.

Nas *Phototipias do Minho* figura largamente o padre, com a sua petulancia boçal, com a sordidez do que explora as superstições do vulgo, do que apanha as melhores raparigas, do que come os melhores bocados, e que, no meio das intrigas dos proprietarios rivaes ou do corrilho politico, sempre ajunta dinheiro. Se o Minho, nos apparece naquelles mimosos contos, como uma flôr vivente, lá está no calix que se deforma enroscada a lagarta — o padre.

Esses quatro contos são uma verdadeira phototipia no sentido tão actual da palavra; sentimo-nos por isso moralmente obrigado perante a nossa consciencia a proclamar o talento novo; só sente este impulso imperioso quem teve de afirmar-se á custa dos ultrajes de toda a ordem, fazendo das decepções o estímulo para uma energia a todo o transe. É por isso que nunca encontrei o talento que o não saudasse rasgadoamente, e achei sempre um crime assistir em silencio á manifestação de qualquer capacidade; sem poder, e sem autoridade moral, nunca me arrependerei de ter dado a uns os meus pequenos recursos de publicidade para os seus primeiros livros, e a outros o ter coadjuvado o ingresso de vocações especiaes no magisterio portuguez. Contra estes factos ainda se poderá escrever para o estrangeiro, que eu embaraço em Portugal o desenvolvimento do espirito scientifico; desabafem-se os despeitos pessoases, mas cumpra cada um o dever da sua intelligencia, por que neste momento historico da nossa nacionalidade todas as capacidades são precisas. O nosso mal não é a imperfeição dos metodos, mas o silencio dos que sabem, e a apathia dos que querem dirigir.

*Theophilo Braga.*

#### NO CIRCO

Muito longe daqui, nem eu sei quando,  
Nem onde éra esse mundo, emque eu vivia...  
Mas tão longe... que até dizer podia  
Que emquanto lá andei, andei sonhando...

Porque éra tudo ali aério e brando,  
E lucida a existencia amanhecia...  
E eu... leve como a luz... até que um dia  
Um vento me tomou, e vim rolando...

Cahi e achei-me, de repente, involto  
Em luta bestial, na arena fêra,  
Onde um bruto furor bramia solto.

Senti um monstro em mim nascer nessa hora,  
E achei-me de improviso feito fêra...  
—É assim que rujo entre leões agora!

*Anthero de Quental.*

## MOVIMENTO SCIENTIFICO

(HISTORIA E PHILOSOPHIA DA HISTORIA EM PORTUGAL)

### I



HISTORIA é uma sciencia vastissima. Os francezes mais propensos a defender os brios literarios do seu paiz ameaçados pelos trabalhos scientificos da Allemanha, consideram, como utilissimo, o facto de se concentrarem nas universidades d'além do Rheno todos os ramos do saber humano. A historia pôde, em certo modo considerar-se como um desses centros intellectuaes e scientificos que merecem o acatamento dos escritores francezes. Não sabemos de sciencia que não contribua para a elevação da historia, e que não tenha de melhorar-se nella. Robustecendo-se nos resultados positivos de todas as sciencias, a historia é mais que uma synthese, é uma deducção scientifica, acompanhando as successivas creações da actividade humana, sob a acção multipla dos meios em que se tem exercido desde o aparecimento do homem sobre a terra.

Procurar a historia no nosso paiz, segundo a sua recente concepção scientifica, fôra loucura, visto achar-se apenas em vias de elaboração nos povos mais cultos. As lições de Cousin em 1828 tem o especial merecimento de nos fazerem saber o estado da opinião mais illustrada em França, sobre o plano, ideias fundamentaes e grandes epocas da historia; sobre o ideal que se formava dos grandes homens, dos historiadores da humanidade, e importancia da psicologia e da geografia, em relação á historia. Lemos essas lições de Cousin — *Introdução á historia da philosophia* — em 1866, e lemolas com prazer. Ainda hoje, quando o nosso espirito pôde conhecer as visiveis imperfeições daquelle trabalho, sentimos saudade da impressão profunda que nos causou o seguinte periodo da nona lição: «*Un peuple aussi n'est pas complet, s'il n'a fait passer pour ainsi dire l'idée qu'il est appelée à représenter par l'industrie, l'état, l'art, la religion et la philosophie: le developement d'un peuple n'est pas achevé que lorsque il a epuisé toutes ses spheres.*» O assumpto da lição era dos mais importantes; era dos povos (des peuples) que o Professor francez se occupava, entretanto de toda ella não conservamos de memoria nenhum outro periodo. Aproximando daquellas palavras quanto sabiamos dos nossos fastos literarios, uma profunda tristeza invadiu o nosso espirito. E comtudo Cousin, deixando como autoridade superior ás suas investigações as imposições

officiaes, não duvidava desculpar-se por ter sido um tanto ou quanto racionalista, por não ter de todo esquecido umas ideias que adquirira além do Rheno, e por não ter accentuado com maior inergia a sua submissão ao estado theologico, cuja preponderancia no nosso paiz a penna de Herculano indirectamente abalou. Este então, distraido por outras distrações escolares, sentia o que todos sentiam, a brutalidade intoleravel de nos ensinarem, segundo diziam, historia sem nos dizerem palavra desse imperio romano do oriente, onde se formularam as leis que nos regiam, dessa igreja grega onde se definiu e apurou o dogma religioso, e da idade media donde resultou a nossa actual organização politica. Sentiamos essas lacunas porque era impossivel não as sentir lendo alguma cousa. Quanto ás civilizações cuja existencia nos é accusada pela propria cosmogonia Mosaica, eram tidas não direi como de todo inuteis, mas como obscuras, incertas e pouco proveitosas.

Nesse tempo Theofilo Braga era já um investigador e um trabalhador incansavel. Teve o bom senso de não se julgar infallivel, desnordeando os criticos soezes, que intimidavam os neofitos orgulhosos; e emquanto elles lhe desconjuntavam um periodo, ou se desvaneciam em apontar-lhe dois lapsos, offerecia elle ao paiz mais um ou dois volumes, repletos de erudição, e assim ia traçando a historia da nossa literatura. O curso superior de letras engrandecia-se sob a sua possante actividade. Uma nova edição dos seus livros sobre a historia da literatura patria deixará definitivamente satisfeita essa grande lacuna da nossa historia, mal preenchida nos apontamentos inexactos de escritores estrangeiros.

Em 1877 começou uma obra gigantesca. Os *Traços geraes da philosophia positiva* precediam a *Noção positiva da historia* como portico grandioso da *Historia universal*, distribuida em tres partes: *Civilizações turanianas e kuschito-semitas*, *civilizações aricas e indo-europeas*, e *civilização moderna da Europa*. Esperamos que fará ao estudo da historia no nosso paiz o mesmo serviço que já prestou com relação á historia da nossa literatura. A publicação da *Historia dos Egiptios* pertencente á primeira parte da sua *Historia Universal* já principiou. A tempera do seu espirito tem uma força de resistencia superior á de Herculano; emquanto puder segurar a penna não consentirá em retirar-se das lutas scientificas; trabalhará sempre, sob o impulso poderoso da sua intelligencia, atentando ligeiramente nos obstaculos com que tentem empecer-lhe o caminho. A sua vida tem sido uma luta constante, o trabalho tornou-se-lhe habitual, necessario.

Resultará da recente direcção dos seus trabalhos a reconstrucção da historia universal, e a construcção da historia patria? Dil-o-ha o futuro. Não somos idolatras do positivismo a ponto de desdenhar tudo que se não cubra com esse nome. Conhecemos o alto valor da sua direcção pratica, sem acceitar todo o corpo de doutrinas de qualquer dos seus corifeus. A *Noção positiva da historia* na sua realisação desvanecerá muito preconceito tanto dos defensores como dos adversarios da nova filosofia. O melhor serviço a prestar-se-lhe é manifestar a sua fecundidade nas applicações. Antes de o condemnar escutemol-o.

Entre os quatro concorrentes á primeira cadeira do curso superior de letras só um o combateu. Isto prova que o positivismo vae ganhando terreno, graças á inergia do seu iniciador. Pelo que sabemos desse sistema não ousariamos facilmente apreciar-o; não conhecemos nenhum sistema filosofico que demande maior preparacção scientifica nos seus cultores e onde a precipitacção possa conduzir a maiores inexactidões.

(Continúa.)

Lopes Praça.

#### MELANCOLIA

Eu sinto ás vezes repassar-me o peito  
Uma tristeza vaga que parece  
Onda que corre mansa e depois cresce,  
E, crescendo, transborda do seu leito.

E nessa hora em que me tem sujeito  
Um destino que eu amo e me aborrece,  
Eleva-se-me a alma numa prece  
Ao Deus que me provoca e eu respeito.

Doce tempo da minha mocidade,  
Em que vivi na paz omnipotente  
Da ignorancia que dá felicidade!...

Oxalá tu voltasses de repente,  
Para eu fugir á magua que me invade  
E recolher-me em ti eternamente.

Lisboa, 1879.

Jayme Victor.



## DAMIÃO DE GOES (1)

1501-1572

Mas tu, de quem ficou tão mal pagado  
 Hum tal vassallo, ó Rei, só nisto inico,  
 .....  
 Em quanto for o mundo rodeado  
 Dos Apollíneos raios, eu te fico,  
 Que elle seja entre a gente illustre e claro  
 E tu nisto culpado por avaro.  
 (Lus. Canto x, Estr. xxv)

*Quam facile conciliantur cognata ingenia!*  
 (Erasmus a Goes, carta xli, pag. 68)



ENTRE os homens que representaram Portugal no estrangeiro durante a primeira metade do século XVI, talvez não haja outro que desse maior gloria ao nome portuguez. E não era facil essa representação numa época em que a espada de Portugal, victoriosa nos mares da Africa e da Asia, e, por tanto, senhora de todo o commercio do Oriente provocava os ciumes das republicas e principados da Italia, das cidades da grande *Liga hanséatica*, as rivalidades de Carlos V, a inveja de Francisco I, e as iras dos sultões do Cairo e de Constantinopla. Mas a nossa iniciativa não se limitava ás questões politicas. Na mesma época em que a *Reforma* revoltava quasi toda a Alemanha contra o poder do Papa e os innumerables escriptos, volumes, pâmphletos e proclamações descobriam os vicios da cõrte de Roma, abalando a igreja catholica nos seus fundamentos, a cõrte de Portugal punha a corõa da Ethiopia aos pés do Papa, em Bolonha, pela mão de um subdito portuguez, transformado em embaixador do Prestes. (2)

Não era a homenagem de mais um principe qualquer, era a submissão inteira, absoluta de um imperio legendario, de um poder que se considerava colossal, e que se traduzia aos olhos de todos no simples nome de Prestes João das Indias, dado a

esse potentado christão lá dos confins do Oriente (1). Por isso foi o proprio imperador Carlos V assistir em Bolonha á recepção do embaixador ethiope; nesse dia, 28 de janeiro de 1533, os adversarios do papado emmudeceram, como nos tempos em que o veneravel Tristão da Cunha punha aos pés de Leão X a corõa de D. Manoel esmaltada com todas as conquistas do Oriente (2). Ha razão para crer que Damião de Goes presenciou esse extraordinario espectáculo de Bolonha que occupou toda a Europa; mas assistisse ou não a elle, é certo que a nova e excepcional homenagem prestada ao chefe do catholicismo não podia ser bem vista na Alemanha protestante. Pelo lado economico, pelo lado politico e pelo lado religioso a opposição de interesses não podia ser mais violenta e, no entanto, foi exactamente nessa época, no meio dos ataques de Sebastião Münster de Giovio, de Lutero (3) a Portugal, á corõa, a toda a Hespanha, que Damião de Goes prestou á monarchia portugueza e á Europa em geral os maiores serviços, com risco da sua cabeça. Ainda não tinha trinta e dous annos e já havia corrido quasi toda a Europa. Em 1523 chegára a Antuerpia como *Escrivão da Feitoria de Flandres* na armada de Pero Affonso de Aguiar. Doze annos (1510-1522) de vida e de trato na cõrte d'el-rei D. Manoel—sem duvida a primeira da Europa, não só pelo fausto e pela policia dos costumes, mas sobretudo pela universalidade das relações economicas, scientificas e artisticas—tinham-no preparado para a vida publica. Pelo contacto immediato com o monarcha, na sua qualidade de *Moço da Camera*, e com as primeiras capacidades da cõrte, ornou-se com aquella fina educação de maneiras e de costumes, que foi mais tarde a principal força de atracção, o segredo das suas intimas relações com os primeiros homens do seu tempo.

A *Feitoria de Flandres*, cuja historia ainda ninguem tentou (4), foi a primeira e a melhor escola da

(1) Este esboço é o resumo de uma *monographia*: *Damião de Goes e o século XVI*, que temos quasi concluida. Abstivemo-nos, portanto, de miuda analyse, e reduzimos as notas ao indispensavel, referindo-nos frequentes vezes aos trabalhos percursores da *monographia*: *Goëstana*—a) Est. do sobre os retratos de Goes. Porto, 1879; e *Goëstana*—b) *Bibliographia geral*, latina e portugueza. Porto, 1879; lista critica de 67 edições das obras de Damião. Devemos ainda notar que os resultados a que chegámos são fundados em estudos exclusivamente nossos; se citamos algumas vezes os documentos do Processo da Inquisição pelas paginas de Lopes de Mendonça é para facilitar ao leitor a verificação de textos que não podemos inserir *in extenso*; o processo foi, no entanto visto, estudado e extractado por nós, como o provam citações e factos importantes, que faltam em Lopes de Mendonça. As citações relativas á *Genealogia* ou *Livro de linhagens* de Goes são feitas pela preciosa copia authenticada em 1619, quando o original ainda existia. Sentimos igualmente não poder dar integralmente algumas das importantes cartas officiaes de Goes do Archivo Nacional da Torre, por falta de espaço; resumimos porém o mais essencial dellas. As citações dos opusculos latinos são feitas pela colleção de 1791, conservando-se ao lado a data da ed. princ. As cartas latinas são as da nossa edição, a sahir.

(2) O celebre Francisco Alvares. V. as biographias de B. Machado, I. da Silva, e F. Denis (Didot) e para o nosso proposito *Fides*, 1540, pag. 180, 183; pag. 225 nota, e texto até pag. 230.

(1) Vid. os excellentes estudos sobre a lenda do Prestes do Prof. Zarncke: Lipsiae, 1874 e 1875, seis fasciculos 4.º gr. programmas da Universidade, reunidos ha pouco em volume.

(2) Em 1514. Vid. a relação da Embaixada em Goes. *Chronica de D. Manoel*. Parte III, cap. LV, LVI e LVII com a Carta de Alberto del Carpio ao Imperador Maximiliano; os artigos do Marquez de Rezenle no *Panorama*, vol. XI, 1854, pag. 219, 253, 261, R. Gaimarães. *Summario*, vol. V.

(3) O primeiro na sua *Cosmographia*, respondendo-lhe Goes na *Hespanha*, 1542; o segundo na relação da embaixada de Moscovia, respondendo-lhe Goes na *Disceptatiuncula: De rebus et imperio Lusitan.* 1539. O terceiro em numerosos opusculos em que se fallava da Hespanha e dos hespanhoes (i. e. castelhanos e portuguezes) nos termos mais violentos. Vejamos por exemplo as passagens, vol. LXII, pag. 402, 403, 442 em que Lutero põe os Turcos ainda acima dos hespanhoes em quanto a sentimentos humanitarios e religiosos. A edição das obras de Lutero, que citamos, é a grande de Heyder e Zimmer. Frankfurt e Erlangen, 1828-1854 e 1862-1870, em 67 vol.

(4) O primeiro ensaio, ou pelo menos a indicação do methodo de exploracão (a lista dos factores reconstruida por nós) foi feito em *Arch. artist.* fasc. IV. Começamos a explorar os restos do Archivo da Feitoria, hoje na Torre do Tombo, na primavera de 1877, mas tivemos de interromper esse trabalho para acudir a outros mais urgentes.

diplomacia portugueza no seculo XVI; quem a julgar uma mera agencia commercial, em que se tratava só de canella, cravo e pimenta, engana-se completamente. Pelas mãos dos feitores corriam, é verdade, dezenas de milhões em letras, em especiarias e drogas, mas as mesmas mãos que contavam tão bem os *ducados*, sabiam escolher igualmente bem uma obra d'arte, salvar um livro raro, redigir um documento scientifico ou litterario, e guiar ainda com a outra mão as pennas da diplomacia europêa, com rara sagacidade. Portugal aprendera, ainda nesta parte, com Veneza (1). O feitor sabia tudo isso; a prova é o proprio Goes. A sua força de acção irradiou para todos esses pontos, como vamos vêr.

Á aprendizagem de doze annos em Lisboa seguiu-se outra de seis annos em Antuerpia (1523-1529), que tanto foi necessario para estudar as relações universaes da *Feitoria*. Nesse intervallo correu todas as provincias dos Paizes-Baixos e ainda lhe sobejou tempo para completar os seus estudos humanisticos (2). Em meado de 1529 começam os seus grandes reconhecimentos. Até 1531 percorre em duas viagens as cidades mais notaveis da *Liga*, ao norte (*Ostelandia*), passa á Dinamarca, rompe pela Suecia e Noruega (*Gotia*) até 80 graus de lat. N., regressa ás costas do Baltico, percorre os extensos dominios da *Ordem teutonica*, entra pela Polonia dentro até Vilna (segundo Galvão (3) até ao Grão-Ducado de Moscovia), desce a Cracovia pela Vistula e volta, descrevendo uma enorme elipse, pelos ducados da Thuringia á feitoria de Antuerpia. Estas duas grandes viagens tiveram uma influencia incalculavel sobre a vida de Goes. Recebido de braços abertos pela melhor sociedade, distinguido pelos principes da Dinamarca, da Suecia e da Polonia, teve occasião de observar bem e a fundo. Goes pressentiu o que se preparava nas fronteiras slavogermanicas; prevendo a força crescente do protestantismo, incarnado na *Ordem teutonica*, quiz consolidar naquellas fronteiras extremas o catholicismo, alliando as duas potencias que, apesar de collocadas em posição antipoda luctavam pelo mesmo ideal: a salvação do catholicismo contra turcos e protestantes. As duas missões de Goes á Polonia,

as suas negociações nas duas côrtes de Vilna e de Cracovia, os seus repetidos esforços pelo casamento do infante D. Luiz com a princeza Hedwiga de Polonia, não miravam a outro fim. Nas suas cartas a D. João III expunha o illustre diplomata os resultados quasi infalliveis da alliança; a antipathia da nobreza pelo herdeiro masculino (1), o processo nacional da eleição á corôa, as sympathias do vice-rei e dos grandes (2) pelo infante, a fama das suas qualidades e do seu talento. A Polonia era então um grande imperio que se estendia no sul até ao Mar Negro, no norte até ao Golfo Finico; a sua fronteira do lado do Oriente ia até Smolensk e além do Dniepr e de Poltawa; do lado opposto avançava até ao Oder e á cordilheira dos Karpathos. As estreitas relações de alliança com a familia reinante de Hungria (3) e a união temporaria com este estado, augmentára o seu prestigio; a posição strategica dos dous paizes que faziam frente a dous colossos barbaros (imperio de Moscovia sob Ivan, o *Terrivel*; imperio turco sob Solimão II) obrigava-os ao desenvolvimento de um grande poder militar com que o catholicismo podia contar absolutamente. Se a alliança lusitano-polaca se realisa, o poder mussulmano era mettido entre dous fogos; talvez que a cruz houvesse voltado a Santa Sofia! O momento era urgente, o perigo gravissimo. Em 1529, tres annos depois da terrivel batalha de Mohacz accitava o rei eleito dos magyares, Zapolya, a corôa, como vassalo de Solimão; logo depois os turcos estavam ás portas de Vienna. Foi neste mesmo anno que Goes emprehendeu a sua primeira viagem á Polonia. O rei Sigismundo (1506-1548) acabava de obrigar o grão-mestre da *Ordem teutonica* a reconhecer a sua soberania, mas a victoria já fôra difficil e o mestre, transformado logo em duque da Prussia (1525), conseguira oppor ao rei o poder do imperador da Allemanha, de quem dependia agora a investidura, em ultima instancia; ahi estava o pretexto para a ingerencia do imperio nas questões entre o mestre e o rei da Polonia. Aclamado o infante D. Luiz, o imperador, então Carlos V (1519-1558), estreitamente alliado a D. João III, admirador do infante, e igual a ambos como strenuo defensor da unidade religiosa, não iria proteger o duque da Prussia, protestante, contra seus cunhados.

D. João III fingiu não entender nada do que Goes lhe escreveu a favor do infante. O ciume que o rei tinha do irmão, dos seus grandes talentos (4),

(1) Vid. as celebres *Relazioni*. Quem não poder adquirir estas grandes colleções, que faltam nas nossas bibliothecas (!) v. A. Reumont. *Della diplomazia italiana* dal seculo XIII al XIV. Firenze 1857. Barbera.

(2) Goes começou os seus estudos de latim muito tarde com 28 annos (1529); é elle mesmo que o confessa no processo. Souza, *Hist. genealog. Provas*, vol. II, pag. 381 insere um decreto de El-rei D. Manuel de 22 de janeiro de 1500: *Sobre se não pagar* (moradia) *aos Moços Fidalgos sem certidão do Mestre de Grammatica*, mas não diz se trata só do portuguez, ou se tambem do latim.

(3) *Tractado dos diversos e desviados caminhos*, etc. Lisboa, 1563. 8.º fol. 59 v. pelo ex. deste rarissimo livro na Bibl. Nac. Galvão foi amigo de Goes e deu, de fol. 58 v. a fol. 59 v., a relação das suas viagens, a mais completa que possuímos.

(1) Filho da segunda mulher do Rei uma Sforza de Milão.

(2) Eram principalmente o Vice-rei Christovão Schelovisco e João Tarnovio, fronteiro-mór de entre Polonia e Tartaria que D. Manoel havia armado cavalleiros em 1516, na egreja de S. Julião de Lisboa. Vid. Goes, *Chronica*. Parte I, pag. 275, ed. de Coimbra.

(3) A princeza de Polonia, noiva do Infante D. Luiz, era filha da fallecida Rainha D. Barbara, irmã do Rei da Hungria.

(4) O infante D. Luiz (1506-1555), foi dotado de grande capacidade, dis-

da sua iniciativa audaciosa (expedição a Tunes, 1535) levou-o a sacrificar um plano grandioso que condizia admiravelmente com os interesses portugueses na Europa e no Oriente. A mesma mesquinha inveja fez abortar os outros projectos de casamento do príncipe com as casas de Dinamarca, França, Inglaterra e Escócia (1), e as combinações feitas no próprio paiz para achar uma esposa condigna ao infeliz infante — a quem uma Violante Gomes deu o infeliz Prior do Crato, o triste pretendente de 1580! Tolhia-se a acção do infante com mil pretextos, tanto mais odiosos, porque se fingia ser tudo feito em beneficio d'elle proprio. Hoje promettem-lhe uma armada contra os infieis, que iam pondo as costas do Mediterraneo a ferro e fogo; amanhã enganavam-no com uma expedição á India, ou com uma investida aos portos da Africa, e assim, de engano em engano, se passaram os annos até que o infante, perdendo a paciencia — fugiu (sem licença de El-Rei e contra a menagem que este lhe havia tomado) de Evora, onde estava a côrte, para Barcelona, a juntar-se a seu cunhado o Imperador, que se preparava para a expedição de Tunes.

Damião de Goes, que tinha o infante em grande estima relata-nos, eloquentemente os factos, acrescentando que não faltou quem quizesse explorar o descontentamento do príncipe contra seu irmão; este, porém, permaneceu sempre leal, apesar de «aconselhado de alguns que tivesse nisso outro modo» (2). O chronista fez a favor dos infantes D. Fernando e D. Henrique (depois cardeal) os mesmos esforços para os ligar aos interesses vitais do paiz. As suas cartas (ineditas) para estes principes e para el-rei referem-se a questões economicas e politicas, a estudos historicos, a investigações litterarias, scientificas e artisticas. Goes dava resposta prompta a tudo, alargando constantemente a área das suas relações, sem sonhar que algum dia lhe pediriam contas de ter conhecido, tratado e conquistado os primeiros homens da sua epoca.

Depois de uma curta pausa em Antuerpia, pas-  
cípulo de Pedro Nunes, intimo amigo de D. João de Castro, protector de Jeron. Osorio, de Caceres, seus secretarios, de Goes, etc.

(1) As noivas do Infante foram: 1.<sup>a</sup> Maria de Escóssia; 2.<sup>a</sup> uma filha de Francisco I, casando o *Dauphin* com a irmã do Infante, D. Maria; 3.<sup>a</sup> a princeza D. Christina de Dinamarca, viua de Francisco Sforza, sobrinha de Carlos V, o qual lhe dava, com a mão da princeza, o ducado de Milão; 4.<sup>a</sup> a princeza Maria, filha de Henrique VIII de Inglaterra; 5.<sup>a</sup> a Infanta D. Maria, sua sobrinha, depois mulher de Philippe II; 6.<sup>a</sup> a princeza de Polonia; 7.<sup>a</sup> a Infanta D. Maria, depois princeza de Parma. Sobre as intrigas que fizeram abortar todos estes casamentos, vid. Souza, *Hist. geral.*, vol. III, pag. 358-360. É muito provavel que Goes fosse sondar os casamentos de Escóssia e Inglaterra na sua viagem a essas côrtes, viagem de que só trata Galvão, e que não é possível calcular senão de 1523-1529. Goes não allude a ella senão na *Chronica* de D. Manoel. Parte IV, pag. 437, fallando de João Valpe (sic) cavalleiro inglez valido de Henrique VIII e depois Capitão de Wales, que D. Manoel armou cavalleiro pelos seus serviços em Africa (1517 a 1519). O chronista aproveitou-se depois em Inglaterra da sua amizade em negocios de D. João III, como o fez em Cracovia com os cavalleiros polacos (nota anterior).

(2) *Chronica* de D. Manoel. Parte I, pag. 272.

sada a recolher os fructos das suas grandes viagens ao Norte, vemol-o percorrendo as esplendidas margens do Rheno então semeadas de *Burgen*, e constelladas de opulentas cidades que a poderosa Liga hanseatica (aqui o *Niederdeutscher Bundesverein*) havia creado. Goes amava as aguas, como bom portuguez que era; as ondas de quatro rios — Vistula, Elba, Rheno e Danubio levaram-no aos grandes centros: Cracovia — Wittenberg — Freiburg — Vienna, onde conquistou sciencia, fama e gloria. Uma vez no Rheno, não deixou de ver um logar celebre, ou por suas recordações historicas, ou por seus monumentos de arte: Colonia, Mayença, Worms, Speyer, Sraasburgo, Basilea, Constanz. Ao mesmo tempo foi estudando as relações commerciaes, as transformações da industria; foi sondando pelo contacto com Bucer, Kepstein (Capitão) Grynaeus, Seb. Münster, os progressos da *Reforma* que ardia nas terras da confederação helvetica e da Brisgovia, sob a direcção dos sectarios de Zwinglio (fallecido em 1531). Profundamente impressionado entra de novo em Friburgo; nas suas longas conferencias com Erasmo, cujo hospede foi durante cinco mezes (1) em 1534, ouviu da bocca do oraculo a veridica sentença acerca do movimento reformista em geral, e em especial da agitação helvetica. Erasmo era então alvo de ataques por todos os lados. Os catholicos radicaes, orthodoxos, insultavam-no, «elle havia posto o ovo, Luthero incubára-o». Dominicanos, Sorbonistas, Lutheranos, Zwinglianos todos se queixavam d'elle; os protestantes classificavam a sua attitude de dubia; o mesmo diziam os catholicos, e os outros. Só alguns poucos prelados illustres pelo seu saber e sua moderação, como Stadion Bispo de Augsburg (1517 a 1543), B. von Gloess Bispo de Trento, lhe faziam justiça, e entre os contrarios apenas Melancthon lhe conservára um resto de antiga amizade. Nem uns, nem outros comprehendiam que Erasmo não podia ser homem de partido, de violencia, de combate, que um espirito da sua tempera estava acima de qualquer facção. Não admira isto, se ainda hoje catholicos e lutheranos se disputam mutuamente o segredo das convicções de um homem que morreu ha mais de trezentos annos (2) e fallou tão claro pelos seus escriptos!

(1) Goes vacilla nas suas declarações dizendo em 1571 (Processo) ora 4, ora 5 mezes. A confrontação das cartas latinas decide a questão; foram 5 mezes. Isto mesmo dizia elle em 1538, quando tinha a memoria ainda viva (Erasmo falleceu em 1536) trad. de Cicero. *Da Velhice*, Veneza 1538, pag. 6 (ed. de 1845) da carta Dedicatória ao Conde de Vimioso.

(2) Monseigneur de Ram ainda em 1842 pretende pedir contas a Erasmo do seu credo. *Bulletins de l'Académie roy. des sciences*. Bruxelles, vol. IX, Parte I, pag. 462 e seg. e Parte II, pag. 431 e seg. As collecções dos *Bulletins* da Academia R. das Sciencias de Lisboa estão tronçadas, como quasi todas as collecções das Academias estrangeiras que trocam, ha um seculo, com a nossa. Tivemos de a completar á nossa custa — um facto entre mil sobre as condições em que se tem de trabalhar em Portugal.

Quando Goes o visitou pela segunda vez estava Erasmo numa posição difficil; havia entrado num novo periodo da vida, que devia ser o ultimo, no meio de grandes difficuldades. Em fevereiro de 1529 fôra obrigado a abandonar Basileia, onde a *Reforma* triumphára depois de uma lucta violenta; velho, com 62 annos e doente, teve de romper a sua longa clausura, de sacrificar todos os seus habitos sedentarios, teve de mudar tudo para Friburgo: uma casa cheia de livros, de papeis, de presentes, de curiosidades, onde as mais pequenas bagatellas tinham um logar consagrado, uma anecdota, uma significação historica. No seu gabinete de estudo, templo de paz e de sciencia, entrou a discordia politica e religiosa com todas as suas paixões. Foi nesse exilio de Friburgo, para onde o haviam seguido Berno, Gla-reano e quasi todo o clero de Basilia, que elle recebeu o viajante portuguez.

Erasmo recommendou-lhe novamente a maior reserva e mandou-o a Padua, a fortalecer os seus estudos philosophicos sob a egide de Bembo, a quem o recommendou, com a maior instancia. Dir-se-hia que o grande sabio advinhára a futura sorte do seu joven amigo em Portugal. Não havia muito que Erasmo havia escripto a André de Resende: «*Fuit olim regnum Assyriorum, Graecorum, Medorum, Romanorum: quid si deus aliquis nunc velit esse regnum monachorum aut stultorum?*» (1)

O mesmo conselho que elle dava então ao sabio antiquario de Evora, daria elle a Goes, com o abraço da despedida: *Tu te Musis tuis oblecta.*

Erasmo tinha completa razão; o horizonte tol-dava-se novamente; tudo annunciava novas tempestades. Desde a desgraçada questão com *Noviomagus* (Nimwegen) que havia azedado todos, amigos e inimigos, Erasmo não descansara. A 25 de junho de 1530 proclamam os protestantes a celebre *Confissão de Augsburgo*; recomeçam as invectivas por Erasmo ter acceitado as cartas do redactor do documento (Melancton) que implorava apenas a sua influencia para obter de Carlos v moderação e tolerancia. Os protestantes attribuiam-lhe a *Confutatio* dos catholicos, e estes a *Apologia* dos herejes. Entre uns e outros vociferavam os zwinglianos, cuja *confissão* não fôra sequer admittida á mesa. Firmado esse celebre documento, seis mezes depois, proclamam os principes protestantes a *Liga de Schmalkalden* (dezembro de 1530). A guerra parecia inevitavel, mas o perigo de um novo assalto de Solimão á Hungria conjura a tempestade e a urgencia de legalisar a eleição de seu irmão Fernando, rei dos Romanos, levam o Imperador a assignar a paz ou antes trégua de Nürnberg. Fazia-se a paz na Fran-

conia, e rebentava a guerra na Westphalia. Em 1532 levantam-se de novo os anabaptistas em Münster; Henrique VIII ameaça em Inglaterra (janeiro de 1533, casamento com Anna Boleyn); a reforma rebenta na Escossia (1532), alastra a Dinamarca, vence na Suecia. Nestes annos (1) tempestuosos corria Goes os paizes revoltados contra a dupla auctoridade do Imperador e do papa, no meio de mil perigos e sem renegar as suas convicções. (2)

Erasmo pôz termo a essas perigosas viagens, mandando o seu amigo a Padua; elle via ao longe o desfecho da tragedia (guerra de Schmalkalden, 1546) e fez quanto pôde para salvar os que lhe eram caros.

Os quatro annos (3) passados em Italia (1534-1538) foram para Goes como que a escola ideal da vida. Percorrendo nas ferias de cada outomno as principaes cidades da Peninsula, recolhia no inverno, com a saude robustecida, a saborear os frutos dessas excursões na illustre companhia de Buonamico, seu mestre em philosophia, de Madruccio, Bembo, Sadoletto, e do papa Paulo III. Nessa epoca traduz Cicero, commenta Quintiliano (4) e prepara os seus trabalhos sobre a Ethiopia. O regular andamento destes estudos foi apenas interrompido pela doença de Erasmo. Depois de uma carta afflictiva (5) do seu illustre amigo, a que Goes logo respondeu com as lagrimas nos olhos, voou a Friburgo para assistir á agonia do illustre humanista que lhe morreu nos braços (noite de 11-12 de julho) (6).

Poucas semanas antes tinha a Bulla de 23 de maio sancionado a Inquisição em Portugal. Erasmo via longe, quando arrancava Goes ás discordias religiosas; a sua prophesia a Resende cumprira-se bem depressa. Apesar do conselho do amigo previdente, mas já morto, Goes acceitou em julho de 1537 o papel de mediador entre as côrtes de Roma e de Wittenberg, instado pelo Cardeal Sado-

(1) Na Dinamarca, a Reforma tinha sido tolerada officialmente já em 1527 pelo *Reichstag* de Odensee; na Suecia, o *Reichstag* de Westeras, celebrado no mesmo anno, decidiu a victoria da causa protestante, mas em ambos os paizes continuaram as luctas intestinas ainda depois de 1534. Além disso as cidades hanseaticas do Norte, colligadas pelo celebre Wullenweber, andavam todas envolvidas na lucta. Goes declara que foi hospede de um dos governadores da cidade em Lübeck (pag. 273), provavelmente o proprio Wullenweber. Vid. sobre a parte historica da Reforma: Häusser *Geschichte der Reformation*, ed. W. Oncken. Berlin 1868, pag. 139 e seg. Sobre a parte theologica: Hase, *Kirchengeschichte*. Leipsig, 1867 (9.ª ed.) pag. 373 a 402, successos até ao anno de 1532, inclusivê.

(2) Veja-se o episodio em Lopes de Mendonça, pag. 279-280.

(3) Goes vacilla tambem neste ponto no processo, mas a confrontação das cartas latinas resolve a duvida.

(4) Nenhum biographo fallou até hoje deste trabalho de Goes, mas é evidente que elle o offereceu ao editor-impressor Froben de Basilea (Carta xv pag. 31 de Sigismundo Gelenio, sabio revisor da dita imprensa, de 23 de junho de 1859), como é tambem certo que elle remetteu a obra depois a Beatus Rhenanns (Carta xxii pag. 58, dirigida a Goes a 20 de março de 1542).

(5) Carta XLVIII; resposta de Goes: *Dolentem tuam lachrymis delevi secedam...* Carta XLIX pag. 84.

(6) Vid. Goësiana Bibliographia. Porto 1879, pag. 24 n.º 1.

(1) Carta, n.º LVI da nossa edição, pag. 100, datada de Friburgo a 18 de junho de 1531.

leto, que soubera por um amigo (1) de Goes, das suas relações com os lutheranos, principalmente da sua amizade com Melanchton. As negociações duraram poucos mezes. Em fins do anno (Carta de Sadoletto a Goes de dezembro, n.º XII) já ellas estavam comprometidas pela inconfidencia dos protestantes que publicaram as condições de Sadoletto enviadas a Melanchton pela mão de Goes, e apoiadas por este em carta especial (2). No entanto, ainda dois annos depois (1539) não estavam perdidas todas as esperanças de conciliação, como o prova uma carta de Sadoletto a Goes a 24 de dezembro. O Cardeal escrevêra pouco antes, em abril, cartas a Sturmium com grandes louvores de Melanchton e de Bucer que não causaram menor espanto no arraial protestante, (3) e comprometteram o Cardeal, a ponto delle dizer a Goes, que já não queria voltar mais á Italia.

Goes não foi temerario nesta questão, como veremos; se alguma imprudencia commetteu deve levar-se em conta á sua extrema boa fé e generosidade illimitada, e em abrir, ao tempo dessas negociações, as portas da sua casa a todo o compatriota necessitado. A sua casa em Padua já era então o que foi depois em Lisboa a sua morada na Alcaçova, pousada franca (4) para estrangeiros, quanto mais para portuguezes, e entre estes se escondeu a vibora, vergonha para o paiz onde nasceu e mácula perpetua para a ordem que creou esse animal. Goes conhecera em 1533 em Paris, quando vinha a Portugal, chamado espontaneamente para o importante logar de thesoureiro da Casa da India, um tal Frei Roque de Almeida, franciscano, notavel theo-

logo, homem douto nas tres linguas (1), e, demais, cunhado do grande João de Barros, seu intimo amigo (2); um dia, o frade lança-se aos pés de Goes, roga, insta e implora cartas para Luthero e Erasmo com o fim, dizia Frei Roque, de ir afiar com elles as armas para os combater. Goes, que não tinha motivo para suppôr o contrario, dá-lhe as cartas.

Dous annos depois apparece-lhe Frei Roque, de repente em Padua, convertido á *Reforma*; o franciscano vinha pobre, necessitado, com cartas de Melanchton e de Luthero; Goes, obedecendo mais uma vez ao conselho de Erasmo, que lhe havia recambiado pouco antes de Friburgo uma carta de Frei Roque com outra de Melanchton, chegadas ali depois da sua partida, não quiz entrar em largas discussões com o franciscano, hospedou-o alguns dias, mas deu-lhe o conselho de sahir para Veneza. Livre de Frei Roque (3), appareceu-lhe a vibora na pessoa do jesuita Simão Rodrigues. É provavel que esta creatura assistisse a alguma discussão theologica entre Damião e Frei Roque, ou entre este e os numerosos visitantes da casa. Elle assim o declarou, mas Simão Rodrigues podia mentir, ou exagerar; em todo o caso aproveitou a occasião para soltar a lingua e a calumnia, mas o proprio Santo Ignacio achou vil o procedimento e castigo o Judas, que trahia a casa onde talvez comia o pão, desculpando-se para com Goes e accetando até a sua morada em Padua. Se não fôra o encontro com Simão Rodrigues, o incidente com os lutheranos não teria tido a menor consequencia ulterior, porque Goes podia provar, a todo o tempo, pelas cartas de Sadoletto, que a negociação fôra, por assim dizer, official em nome da curia e dos interesses catholicos; mas a gravidade da situação era innegavel desde o momento em que, em casa de Goes, se discutiam questões theologicas, e havia alli hospedes que se recommendavam por cartas perigosas e se lançavam em discussões mais perigosas ainda. Padua era um campo neutro, dominio de Veneza, universidade celebre, que a republica, ciosa de tudo e de todos, defendia contra o papa e contra o Cesar. Goes era

(1) Petrus Bechimius ou Bohemus, cavalleiro bohemio, companheiro de casa em Padua. As cartas relativas aos lutheranos são: n.º VIII, XII, XXI, de Sadoletto a Goes e IX deste ao Cardeal. As epistolas compromettedoras faltam nas edições que temos visto das obras de Sadoletto 1550, 1590, 1607 até 1738, Verona.

(2) As cartas trocadas entre Goes de um lado e Luthero e Melanchton do outro faltam na collecção de 1544. Por um exame minucioso do Processo apuramos o seguinte:

1.º Carta de Goes a Melanchton, de Paris em 1533, recommendando Frei Roque de Almeida.

2.º Outra do mesmo ao mesmo, de Padua em 1537, quando enviou a de Sadoletto.

3.º Carta de Melanchton a Goes mandada a Friburgo, de casa de Erasmo com outra de Frei Roque.

4.º Carta do mesmo ao mesmo por mão de Frei Roque, recebida em Padua em 1535.

5.º Carta de Luthero a Goes pelo mesmo portador, como a antecedente, Prendem com estas:

6.º Carta de Goes a Frei Roque (em Wittemberg?) escripta de Friburgo em 1534, de casa de Erasmo.

7.º Resposta de Frei Roque mandada a Friburgo em 1534.

Na collecção das cartas latinas de 1544 ha apenas uma allusão evidente ao n.º 2 na carta IX; mais nada. Uma prova da invasão de livros protestantes em Portugal se encontra no Processo; remessa de volumes de Luthero e Ocolampadio ao Duque de Aveiro em 1545 por Lucas de Orta, deão da Guarda; livros protestantes na Beira Alta, nas mãos de uma dignidade da cathedral! (pag. 353).

(3) Veja-se *Luther's Sammtliche Werke*, vol. IX, pag. 316 e seg.; e vol. LXI, pag. 67.

(4) Vid. Processo, fol. 114 v., e Goësiana b., pag. 6.

(1) Formula de dizer: latim, grego e hebraico. Frei Roque vivia em Paris num convento de franciscanos; durante uma visita que Goes lhe fez é que R. soube das suas relações com os lutheranos. Ha ainda um Frei Jorge de Almeida que era pagador das moradias dos estudantes portuguezes em Paris, amigo do antecedente. Ambos eram ainda estudantes em 1533, diz Goes; pertenciam de certo aos *boursiers*, sustentados nos collegios, da Sorbonne por D. Manoel e D. João III. Comtudo Frei Roque, que mudára o nome em Paris, chamando-se Jeronymo de Pavia, era já perito nas tres linguas. Sobre os nossos *boursiers* nos collegios de Paris vid. *Arch. art.* fasc. IV, pag. 45-49, segundo Quicherat, *Sainte Barbe*.

(2) «Hum dos mores amigos que eu tive nestes Reynos». Processo.

(3) O franciscano foi com effeito para Veneza, onde se fez alquimista; depois reentrou na ordem. Em 1545 estava recolhido em Lisboa no convento de Xabregas (depoimento de S. Rodrigues no Processo). Em 1571, quando Goes foi preso, já era fallecido, por isso que os inquisidores mandaram proceder *contra a memoria de Frei Roque*.

alli amado por todos, como o era em Portugal, onde os maiores fidalgos, os infantes e até o Rei lhe fallavam abertamente em Luthero e Melancthon, com uma curiosidade que não era de certo filha do odio. Não havia El-rei ainda tractado com elle em 1533, da vinda de Erasmo a Portugal? Não haviam fallado em reforma da Universidade sob a egide desse homem? — de quem se dizia na península: *Quem não ama a Erasmo ou é frade ou é asno.*

Não fazia então El-rei grandes esforços para regenerar os estudos com o chamamento de professores estrangeiros e nacionaes? (1) Não tinham brilhado e não brilhavam ainda (2) sabios portuguezes nas altas escolas de Hespanha, França e Italia? Não podia um patriota acreditar então num rejuvenescimento, observando de longe os actos de El-rei e combinando-os com as palavras que lhe ouvira em Lisboa? A distancia, a longa ausencia da patria não o deixaram vêr as fraquezas e os abusos que já se denunciavam no ensino e até na propria Universidade, os vícios que minavam a vida da familia, a dissolução de costumes que Nicolau Clenardo (3) nos pinta, á maneira flamenga, com o realismo crú dos Breughel, tēperado apenas com uma satyra finissima, que vale a fina transparencia e o finissimo verniz das taboas dos seus patricios do seculo xvii.

Goes via talvez a situação com os olhos do optimismo, côr de rosa?

Nem isso, talvez nem isso!

O proprio Carlos v lançava-se então no caminho das negociações, é verdade, no meio do maior segredo; em outubro de 1536 mandava o Vice-Chancellor Held a seu irmão, com instrucções as mais conciliadoras. O Imperador compendia os resultados do grande movimento, testemunhava a sua consolidação e lembrava a necessidade do apoio da Allemanha contra o perfido Francisco i. O papa, dizia o monarcha, não quer o concilio, é desleal; convoque-se pois fóra da Italia, na Allemanha, e até sem o papa e sem Francisco i, e não po-

dendo ser um concilio (1), ao menos uma *assemblée nationale* (2) para regularisar as diferenças.

Não se podia ir mais longe nas concessões ao partido nacional allemão, que estava forte com a *Liga de Schmalkalden* (1531) e o tratado de Nürnberg (1532).

O Vice-Chancellor Held hia porém comprometendo tudo com as suas violencias (contra — liga de Nürnberg, 1538) se a Rainha de Hungria, irmã de Carlos v e então governadora dos Paizes-Baixos, não lhe sustivesse os passos. O Imperador continuou os seus esforços até ao *interim* de Regensburg, e fechou a sessão imperial allemã (*Reichstagsabschied*) a 29 de julho de 1541 com uma exhortação ao papa: «que iniciasse uma reforma e estabelecesse um modo de vida christão, conveniente á justa e salutar administração da igreja». Depois destas palavras, que eram uma censura encoberta, o Imperador satisfez todas as reclamações dos principes protestantes contra certos paragraphos do tratado de Nürnberg.

Goes seguiu decerto todos estes symptomas com a maior attenção; elle tivera com o rei dos Romanos (o proprio a quem Carlos v incumbia a delicada missão, de que Held era portador) longas conferencias, e Fernando de Austria tratava-o com a maior distincção. No emtanto, abandona a Italia e interrompe a correspondencia com Sadoletto. Em 1539 já não o encontramos em Padua. De 30 de dezembro de 1537 a 24 de dezembro de 1539 não ha cartas do Cardeal. Em fins de 1538, ou principios de 1539 casa em Lovania com uma das senhoras mais nobres e mais opulentas do ducado de Utrecht; dois filhos nascidos em 1540 e 1541 enchem-lhe a casa de alegria; ao seu gabinete de estudo affluem as cartas, com louvores unanimes pelos seus notaveis trabalhos, e num doce cuidado, partilhado entre a familia e os livros, voam os annos até 1542. Uma nuvem apenas, e essa ao longe, turvou um instante os claros dias de Lovania. Em 1540 tinha Goes publicado o seu trabalho sobre a Ethiopia, refundindo duas relações, anteriores, imperfeitas, (3) sobre o assumpto e augmentando-as com novos factos; tendo chegado o livro a Portugal, o infante D. Henrique, nomeado inquisidor um anno antes, prohibiu-o; Goes reclamou, o principe respondeu com benevolencia e dando

(1) Vid. Leitão, *Noticias chronolog. da Universid.*, como fonte original. *Compendio historico* (parcial); e o sr. Silvestre Ribeiro, *Historia dos estabel. scientif.* vol. 1, pag. 67 e pag. 447 que indicam mais fontes. Vid. ainda as *Cartas* de Clenardo cit. abaixo, de que Leitão se serviu. Este autor parece ter sido o primeiro (1729) que teve uma intuição da immensa importancia destas cartas para a historia da civilização portugueza; no emtanto, deu apenas extractos muito pobres dellas. Depois (1806) parece que Antonio Ribeiro dos Santos se serviu dellas (*Mem. de litt. portug.* II, pag. 356, e VII, pag. 240), e em seguida Fr. Fortunato de S. Boaventura (*Hist. e Mem. da Acad.*, vol. VIII, pag. 1; e IX pag. 29) que julgo ser o ultimo (1823) que examinou e leu as cartas. Todos os mais até hoje copiaram Lopes de Mendonça (*Annaes* I, pag. 121) que traduziu apenas uma carta do francez apud Reiffenberg (*Mem. Acad. da Belgica*). O que Lopes de Mendonça cita das outras cartas de Clenardo, em latim, é apud Leitão, como os trechos das cartas latinas de Goes (*Annaes* II, pag. 193) são apud Barbosa Machado.

(2) Vid. *Arch. art.* fasc. IV, historia dos collegios de Sainte Barbe, de Bordeaux, de Toulouse, etc., F. Freire de Carvalho, *Primeiro Ensaio sobre a hist. litter. de Portugal*, pag. 95-98 e sr. Silvestre Ribeiro, *Op. cit.* passim.

(3) Cartas VIII e XXVII escriptas de Evora a Vaseus, Rescius, Polites, etc. Cartas XXVIII a XXXII escriptas de Braga a Hoverius, Latomus, etc.

(1) É a eterna historia do *Concilio de Trento* (1545), ou antes do concilio que El-Rei D. Manoel e os Reis Catholicos (Vid. Goes, *Chronica*, Parte I, pag. 66) já pediam a Alexandre VI (1443-1503) para curar as chagas da igreja catholica, a que a *Reforma* applicou o ferro. Vid. Hase, *Kirchengeschichte*, pag. 406 e 468.

(2) A correspondencia de Carlos v, publicada por Lanz, é quasi toda em francez. Vid. sobre ella *Arch. art.* fasc. IV. Os que não a tiverem á mão podem recorrer á excellente biographia de Carlos v por Gachard. *Biogr. nat. de Belgique*, Bruxelles, 1872, vol. III, pag. 523-960.

(3) Vid. Goësiana — b.) *Bibliographia*, pag. XII-XX, e pag. 1-3 e 25-26.

razões, a que não era obrigado; nova reclamação, nova resposta mais viva, mas ainda benevola. Não é aqui o lugar de apurar de que lado estava a razão, o que é forçoso dizer já é: que nem o Inquisidor procedeu de má fé, nem se ressentiu da dupla reclamação, o que é mais (1). A verdade, apurada em um longo e profundo exame da questão, manda reconhecer isto.

Outro episodio, bem mais grave, interrompeu em 1542 os estudos e trabalhos de Damião de Goes.

É conhecida a historia do cerco de Lovania em que o illustre escriptor salvou a cidade dos horrores do assalto, do saque, do incendio.

Um exercito de 25:000 homens, do Duque de Geldre (2), commandado pelo terrivel Martin van Rossem invadiu os Paizes-Baixos, levando tudo a ferro e fogo. Enquanto os proprios officiaes superiores, mandados pela Rainha de Hungria em socorro de Lovania, o Conde de Vernenburgo, o Grão Balio, de Brabant Felipe de Dorlay, o Senhor Damery (sic) (3) fugiam da cidade, Goes vinha lançar-se nella e tomar o commando por decisão do senado. O ardil de guerra com que elle salvou a sua patria adoptiva custou-lhe nove mezes de prisão em França e, para recobrar a liberdade, teve de fazer gastos que subiram á enorme somma de tres contos de reis! Francisco I sentiu-se capturado em Fontainebleau pelos dotes naturaes, pelo saber, pela fidalguia de sentimentos do prisioneiro, porque estava provado que ninguem lhe resistiria, mas a razão de estado, a pobreza dos seus cofres obrigarão o rei a ser duro na questão de dinheiro. Carlos V desejou ter uma relação do cerco e recompensou largamente o generoso defensor (4). Depois do seu regresso a Lovania, onde foi recebido em triumpho, ainda gosou de dois annos de paz no meio dos seus trabalhos litterarios (5).

(1) Lopes de Mendonça não perde uma occasião de rebaixar o caracter do Cardeal-Infante com epithetos injuriosos e de todo o ponto injustos. (pag. 220, 221, 333, 334, 338, 396, etc.) Já protestámos contra esse proceder: *Goësiana* b.), pag. xiv n. 5. Nem Lopes de Mendonça conhecia a questão que tratava (bibliographia do opusculo de *Fides* e critica das varias edições), nem elle sabia qual foi o principal autor do processo de Goes. Elle nem viu sequer a edição de *Fides* que deu causa á correspondencia do Infante com Goes. As provas, *Goësiana* a.) pag. 33; *Bibliographia*, pag. xii.

(2) Alliado de Francisco I. Pormenores em Gachard, *Charles-Quint*, loc. cit., pag. 659. O general do Duque, Rossem, era um bandido da peor especie; um illustre historiador allemão diz que elle se assemelhava tanto a Barbarossa «como um ovo a outro ovo». Schlosser, *Weltgeschichte*, vol. x, pag. 149. Carlos V concedeu-lhe a vida, contra toda a razão quando esmagou o Duque, seu amo (Gachard, pag. 673 e 675).

(3) Declaração do proprio Goes na sua auto-biographia do *Nobiliario*, fol. 270 e 270 v.

(4) «O emperador alem das mercês que me fez e cartas de Represareas que me deu contra francezes pollos seruiços que lhe fiz com minha prysam saluar a vylla de louvem me tem dadas huas armas pera minha honra e dos que de mim vyerem», etc. Arch. Nat. Corp. Chron., P. 1, M. 75, doc. 18. Carta de Anvers 2 de julho de 1544.

(5) *Hispania*, 1542. *Opuscula*, 1544 (1.ª grande colleção das suas obras latinas). Vid. *Goësiana*, *Bibliographia*.

Em meado de 1545 (1) estava já em Portugal. Não custou pouco a D. João III o convencel-o a voltar. Goes tinha decidido ficar definitivamente em Flandres, e já tinha disposto a sua casa para esse fim. Afinal, instado pela rei, e até pela rainha, que lhe offereciam o cargo de *Mestre de letras* do principe D. João, cedeu e veiu com não pequeno sacrificio de saude e de bens (2).

Desde a sua ultima estada em Portugal (1533) tinham corrido doze annos. Vinte e dous gastára em viagens, em estudos e em trabalhos de toda a sorte por toda a Europa. Voltava com dous filhos e com mulher nascida em terra estranha, mas tão sinceramente portugueza como elle que em todos esses vinte e dous annos não fizera senão honrar as armas e as letras portuguezas e glorificar a corôa e a patria. Voltava rico, com fama conquistada entre os varões mais doutos do seu seculo — *modo merito me amarunt* (3).

As distincções officiaes já não podiam tentar um homem de tal valia, mas o encargo de dirigir a educação intellectual do herdeiro da corôa era talvez, em toda a monarchia, o unico cargo digno de Goes.

O futuro do paiz estava nas suas mãos. Os reis, offerecendo-lhe o cargo, pareciam obedecer á voz da nação.

O estado do paiz havia mudado completamente. Em 1536 (23 de maio) viera a Bulla que instituiu definitivamente a Inquisição; em 1539 (3 de julho) era o Infante D. Henrique nomeado Inquisidor Geral; em 1540 (20 de setembro) presenciava o paiz o primeiro *Auto de fé*; mezes antes haviam entrado os jesuitas; em 1542 começava a propaganda da companhia em larga escala com as *penitencias* publicas de Coimbra, Porto e outras terras; os homens validos enfileiravam-se em procissões grotescas enquanto em Africa se abandonava: Saffim, Azamor, Arzilla e Alcacer, por falta de braços que as defendessem. Portugal caminhava a passos rapidos para a perdição. Damião de Goes teria um presentimento do futuro, quando recusou, repetidas vezes, os favores de D. João III, e teria talvez uma vaga informação do que a gente da companhia estava fazendo em Portugal — primeiro paiz

(1) Em 2 de julho de 1544 ainda Goes estava em Antuerpia. Carta do Arch. Nat. Corp. Chron., P. 1, M. 75, doc. 18. A 5 de setembro de 1545 estava já em Evora (1.ª denuncia de Simão Rodrigues). Em dezembro de 1544 imprimia-se a colleção de Opusculos latinos em Lovania. Goes partiria na primavera de 1545; sua mulher chegou mais tarde. Vid. nota seguinte.

(2) Goes declarou no Processo que gastou com a transferencia de sua casa, de Lovania para Lisboa 1:500 cruzados (pag. 270). Elle veio pela posta, sua mulher (talvez ainda doente) por jornadas, e a casa e filhos por mar.

(3) Phrase da inscripção tumular na igreja de Nossa Senhora da Varzea em Alemquer. Vid. os nossos artigos da *Actualidade*, 1879 n.º 225 e 226: *A cabeça de Damião de Goes*.

que a pedira — onde o Inquisidor geral Infante D. Henrique dera o signal de opposição logo depois da sua entrada no reino (principios de 1540). O que valia a moral dos jesuitas, o que valia principalmente a vil creatura Simão Rodrigues, chamado a ser o primeiro *Provincial* do reino, sabia-o elle já em Padua (1534-1538).

Dois homens destes não podiam viver no mesmo paiz, quanto mais no mesmo paço, para combinarem, numa posição rival, a educação do herdeiro da corôa.

*Doutrina e Letras* (1), o cathecismo jesuitico e a philosophia de Platão com os exemplos de Plutarcho, como se podia entender tal cousa?!

Goes tinha uma ultima esperanza: a opposição energica do Inquisidor Geral, a quem a curia acabava de conferir a mais alta distincção (2); isto parecia quasi um premio; o collegio das artes (3) e os outros collegios maiores ainda luctavam com vantagem contra a invasão; a Universidade protestava e fazia ouvir bem alto o protesto. Emfim, em ultimo lugar, — talvez Goes pensasse nos seus 50 annos de serviço á corôa, no seu desinteresse provado desde 1533, num resto de fidalguia portugueza no coração do rei (4).

Goes não chegou a exercer o espinhoso cargo; o logar permaneceu vago; deram-no depois a Antonio Pinheiro, Bispo de Miranda. Simão Rodrigues ficou só no campo.

O Principe na ociosidade, sem a menor disciplina mental, entregue só aos seus instinctos, recahiu num mysticismo sensual que o levou á morte com 16 annos (5). Simão Rodrigues, não contente em ter affastado o rival do logar que lhe fôra solememente promettido, pensando só no resultado negativo dos seus esforços, jurou vingança e lá foi a Evora denunciar Goes á Inquisição, poucas semanas depois d'elle ter regressado á patria (6). A denuncia em si é natural; pertencia ao cathecismo moral da ordem de Jesus; elles tinham cultivado

essa especialidade, entre outras. A vilania está nos motivos da denuncia, que eram exclusivamente pessoaes; no emtanto, não teve consequencias, talvez porque entrasse pouco depois para Evora, como inquisidor, Gaspar Barreiros (6 de abril de 1549), sacerdote erudito e amigo de Goes (1), mas nos depoimentos do jesuita ficavam armas bastante agudas para acabar com o illustre humanista na occasião propicia.

Goes continuava placidamente nos seus trabalhos, sem a menor suspeita do que ocorrera e conquistava, no meio de tenebrosas intrigas, o importantissimo logar de Guarda-Mór da Torre do Tombo (3 de julho de 1548). Era cahir de Scylla em Charibdis. A Torre, o primeiro archivo do reino, era então um cáos onde cada um fazia o que queria, comtanto que tivesse um nome bem soante ou uma influencia que o cobrisse; os maiores segredos do estado, a fortuna de milhares de familias andava, assim, nas mãos de lacaios. Goes intervem, de repente, examina rapidamente os abusos e oito mezes depois da sua nomeação denuncia tudo a El-Rei (2). Na mesma data expõe á rainha, noutra carta, e em termos energicos, o que se faz em nome della.

Levantou-se um novo inimigo a Goes na nobreza. O guarda-mór não queria consentir que a Torre fosse fabrica de documentos falsos. Para as copias, extractos e sahida dos documentos restabeleceu o regulamento antigo. Depois, e isto foi sem duvida o mais grave, Goes, pondo uma grande parte do archivo em ordem, abriu-o ao exame, ao estudo, á critica. Na Torre estavam as provas dos crimes de mais de um grande fidalgo, que corria impunemente as ruas de Lisboa; para a Torre vinham os processos das Indias, onde um Vice-Rei ladrão, D. Affonso de Noronha (1550-1554), filho segundo do Marquez de Villa-Real, dava o signal da pirataria e dos assassinatos, dos roubos em toda a linha. Era forçoso expulsar da Torre a justiça, que era o proprio Guarda-Mór. Recorreu-se á companhia de Jesus. Simão Rodrigues fez segunda denuncia mais grave, por mais clara e positiva, á inquisição de Lisboa (24 de setembro de 1550); felizmente, a primeira denuncia que devia ser a base do processo, estava em Evora, nas mãos de um amigo de Goes, como vimos; pouco depois (1552) Simão Rodrigues era demittido do governo da provincia de Portugal, pela ordem mesmo, cansada das in-

(1) *Mestre de Doutrina e Mestre de Letras* eram os titulos dos dois cargos.

(2) Cardeal de Santa Cruz em Jerusalem, a 14 de dezembro de 1545 por Paulo III. Julio III mudou-lhe o titulo em Cardeal dos Santos quatro coroados em 1553.

(3) Este *Collegio Real das artes e letras humanas* foi entregue aos jesuitas a 10 de setembro de 1555; as escolas menores (*Collegio de Jesus*) foram definitivamente desmembradas da Universidade em 1564; primeira tentativa já em 1557.

(4) Goes deu sempre a El-Rei D. João III as provas do maior respeito, e tratou de saber sempre pelos seus amigos (*Cartas* n.º xxiv e xxxi) o que o monarcha pensava dos seus trabalhos; depois, o tempo desilludiu-o «mas o fim... foi de calidade, que se pode d'elle tomar exemplo pera os homens se guardarem dos reveses dos Reis, & Principes, e da pouca lembrança que muitas vezes tem daquellas a que sam em obrigam»; sobre Duarte Pacheco, *Chronica*. P. 1, pag. 270.

(5) Andrade, o proprio chronista de D. João III, declara a horrivel doenca do principe: *hebetica passio*, Parte IV, pag. 453.

(6) «que é ao presente nesta cidade d'Evora o qual agora veo de Frandes». Primeira denuncia de S. Rodrigues, pag. 349.

(1) Vid. Goësiana, Bibl. pag. 24; Barbosa Machado *Bibl. Lusit*; e *Cartas* de Goes e de Clenardo.

(2) Carta de 15 de Fevereiro de 1549. Parte I M. 82. doc. 53, já publicada por J. P. Ribeiro *Dissert. chronol.* Vol. 1, pag. 348. Carta á Rainha. Gaveta 2.ª M. IV. n.º 3 Ibid. vol. IV. Parte I pag. 205. Sobre os serviços de Goes como reformador do Real Archivo Vid. as *Memorias* do R. A. de J. P. Ribeiro e Herculano. *Portug. Monum.* Scriptorum fasc. II, Introd.

dignidades (1) dessa creatura. Damião de Goes proseguiu, no entanto, nos seus trabalhos, sem descanso e sem suspeitas, ou, se as teve, fiou-se no valimento do Cardeal Inquisidor a quem dedicava pouco depois um estudo notavel sobre a capital do reino (2). Ainda vivia tambem el-rei D. João III que não podia esquecer, de todo, os eminentes serviços do celebre escriptor. Em 1558 encarregamo-nos da *Chronica d'El-Rei D. Manoel*; aparentemente era um grande favor, mas que envolvia uma responsabilidade enorme. D. Manoel falleceu exactamente (3) no momento em que o fiel da balança oscillára; quando elle fechou os olhos, a fortuna declinava. Goes hia agora contar a uma geração bastarda, no meio de uma miseria crúa, as glorias da *idade do ouro*; hia expôr franca e lealmente, a fidalgos encanecidos em mil batalhas gloriosas, as causas da fraqueza dos filhos; hia annunciar a futura ruina dos netos. Elle tinha a analysar o inaudito procedimento de D. Manoel para com os herdeiros do Duque D. Fernando de Bragança e seus numerosos cúmplices nas conspirações contra D. João II; elle tinha ou de absolver, contra toda a justiça os maiores traidores, ou ferir as maiores familias do reino; elle tinha de contar a vergonhosa historia do assassinato da Duqueza de Bragança pelo Duque D. Jayme; elle tinha de condemnar as enormes prodigalidades de D. Manoel, prejudicando centenares de conventos e egrejas; elle tinha de expôr as consequencias do luxo inaudito, pessoal, do monarcha, que absorvia não só os rios de ouro do Oriente, mas carregava ainda o reino com os tributos mais pesados (4); elle tinha de historiar a triste sorte de Duarte Pacheco, a ingratição com Albuquerque; elle tinha de resumir a desgraçada *Questão das Moluccas*, nascida da mesma causa que cortara a vida a Albuquerque, e deixou morrer Pacheco no hospital; elle tinha de apontar o heroismo de Antonio Galvão, no meio do seu desinteresse e depois a sua extrema miseria (5); elle tinha... não acabariamos tão cedo, se fossemos a

contar todas as paginas escuras do governo do *Rei venturoso*.

Nestas circumstancias não admira que o espinhoso encargo de lhe escrever a *Chronica* fosse regeitado successivamente por Fernão de Pina, Ruy de Pina, Antonio Pinheiro e pelo proprio João de Barros, depois de todos elles terem sondado a difficuldade da empreza (1). Os dois primeiros tiveram os documentos officiaes mais de trinta e o ultimo mais de cinco annos em casa, sem cumprirem a palavra.

Ou a vida á sombra da mentira, ou a morte por amor da verdade. Goes não hesitou. Em nove annos concluiu a *Chronica*, cortando em tudo pela linha recta. Com uma coragem, de que não ha maior exemplo em toda a vasta litteratura historica de Portugal, gravou com traços indeleveis a physiognomia interna e externa da época de D. Manoel. Fez mais ainda: espontaneamente, sem convite official, lançou-se ao estudo de uma das épocas mais criticas da nossa historia: o reinado de D. Affonso V e a regencia de D. João II. Foram estes dois principes, principalmente o ultimo, que prepararam o reinado de D. Manoel.

Damião de Goes seguiu a verdadeira critica historica, medindo a grandeza de um reinado, menos pelos actos mais ou menos felizes do principe, do que pelas consequencias desses actos no futuro. A *Chronica do Principe D. João*, que appareceu depois da *Chronica de D. Manoel*, mas que foi escripta alguns annos antes (2) constitue a grande introduccão á historia do reinado immediato; relativamente, não é trabalho de menor valia, (3) e teve, além disso, consequencias ainda mais graves para o seu autor. O apparecimento da *primeira parte* da *Chronica* de D. Manoel (4) fez o effeito de um raio; fulminou a côrte! Uma tempestade de insultos, de ameaças, de improperios e de calumnias (5)

(1) *Chronica de D. Manoel*. Parte IV, pag. 489 e 498.

(2) É o proprio Goes que o declara: *Chronica do principe D. João*, p. 10.

(3) Vejam-se, p. ex., os tres magnificos capitulos VI, VII e VIII, sobre o infante D. Henrique, que reúnem abundancia de factos, verdade, concisão, extrema clareza, critica sagaz, imparcial, despida de vaidade patriótica; admire-se a sua sciencia universal ao passar em revista os historiadores da época; tão bem se conhece ali a mão que juntou ao infante D. Fernando a sua magnifica bibliotheca historica! V. Souza, *Hist. geneal.* App. p. xxx, e vol. III, p. 403, etc., etc. Em outro logar teremos occasião de comparar os trabalhos historicos de Goes sobre D. João II e D. Manoel com os nacionaes de Ruy de Pina, Rezende, marquez de Alegrete, Osorio e com os estrangeiros Ferreira e Sampaio, etc.

(4) Sobre a destruição da primeira tiragem d'esta parte v. Goêsiana, *Bibliographia*, p. XI, e p. 16 n.º 2.

(5) As calumnias ainda não acabaram; modernamente quiseram attribuir a Damião de Goes a factura de umas genealogias dos Pinheiros, ascendentes da casa dos condes da Castanheira; a essas genealogias anda ligada uma poesia insultuosa que fôra apresentada a D. João III, para desacreditar o seu valido (1.º conde da Castanheira). Goes (a quem chegaram, em nossos dias, até a attribuir as obscenas quadras) juntaria os versos á linhagem dos Pinheiros. Quem primeiro propagou estas calumnias foi o conde da Ericeira nas suas noticias em Moreri, ed. hesp. 1753; temos a prova do odio d'este fidalgo a Goes nas mãos. A genealogia dos Pinheiros não existe no

(1) Simão Rodrigues nem mesmo era um jesuita fiel, porque mordida a mão do proprio Santo Ignacio e dizia d'elle, a D. João III, as mais torpes calumnias, só porque o Geral não quiz consentir que elle permanecesse á frente da Provincia de Portugal mais de tres annos, violando o estatuto da ordem. É o proprio Orlandino, historiographo da ordem que o denuncia. Vol. I, lib. XII num. 60 apud. Schäfer. *Gesch. von Portugal*, vol. II, pag. 356.

(2) *Urbis Olisiponensis descriptio*, Eborae, 1554. 4.º Vid. Goêsiana b.) pag. 7 e 27.

(3) Andrade, *Chronica* de D. João III, ed. de Coimbra 1796. Parte I, pag. 30; em geral todo o capitulo X.

(4) Vid. o cap. *A politica economica de El-Rei D. Manoel*, em Arch. art. fasc. IV, pag. 125-136 a scena com o Vereador d'Evora João Mendes Cioso, pag. 132, nota 4. Uma rua d'Evora conserva ainda hoje o nome do corajoso cidadão.

(5) É certo que a sorte de Galvão se decidiu no reinado de D. João III, mas a questão das Moluccas nasceu no reinado de D. Manoel, e Galvão soffreu as consequencias d'ella.

cahiu sobre o autor. O Duque de Bragança á frente e toda a immensa clientela desta casa, então collossal, rompeu n'um côro unisono: *tolle, crucifige!* (1) Rasgaram-lhe as folhas, destruíram-lhe a edição, obrigaram-n'o a novos gastos. Goes trago a affronta e proseguiu serenamente. A 10 de setembro de 1566 dá a *Segunda Parte*; a 29 de janeiro a *Terceira*; a 25 de julho de 1567 a *Quarta*. A censura não foi tão dura com estas tres ultimas partes, ao que parece, porque não ha prova de haver usado da severidade brutal com que condemnou a Primeira, em absoluto; porém ainda mutilou e accrescentou o que lhe aprouve (2).

No entanto proseguia a tenebrosa intriga.

Goes revolvêra a *Torre*, lêra milhares de documentos, percorrêra outros milhares, puzera ordem perfeita onde tudo era cáos; esse homem era já velho, mas era incansavel; o conflicto fizera-o cauteloso, mudo; e quem sabe? a sua triste resignação, o seu silencio era tomado talvez como o prenuncio de uma vingança. O que não faria ainda aquelle homem na *Torre*?

Compral-o, era impossivel; assassinal-o, seria imprudencia, quando os adversarios eram tão notorios. Esse velho tinha a Europa a seu favor; em todos os centros da intelligencia uma voz amiga e cem impressas para o vingarem. O Duque de Bragança teve medo; toda essa immensa casa tremeu deante de um homem, como passados annos tremeu a propria Inquisição (3), não se atrevendo a publicar a sentença que o condemnava!

seu *Livro de linhagens* (1619) que representa hoje o original, exemplar de que foram tiradas todas as outras copias que ha por ahi; é escusado dizer que esse exemplar, unico authenticico hoje, está completo e que não tem uma linha das quadras citadas, apesar de dizer as mais duras verdades (rigorosamente historicas) da casa da Castanheira. O que se deve concluir d'isto, é que a genealogia e os versos foram interpolados, o que não admira, porque em assumptos genealogicos cada um fazia o que queria no seculo XVII, época de que datam todas as copias do *Livro de linhagens* de Goes. Voltaremos a este assumpto mais largamente. No entanto v. Goësiana, *Bibliographia*, p. 18 n.º 2; e 29-31.

(1) Em D. Antonio Caetano de Souza, *Hist. geneal. da casa real*, está o fio da meada que ninguem parece ter visto até hoje: «e assim estes Senhores ficarão muy pouco obrigados ao Chronista Damião de Goes, sendo do mesmo parecer o Cardeal Infante D. Henrique, o Senhor D. Duarte seu sobrinho, filho do Infante D. Duarte, e todos os mais Senhores da Casa de Bragança, como vimos em cartas originaes d'aquelle tempo, que estão no archivo da Casa de Bragança, nas quaes sentem o modo com que na *Chronica*, com que então sahira á luz Damião de Goes no anno de 1566, tratava dos *interesses particulares* d'esta Casa», etc., (vol. v, p. 477). Então, em 1566, o cardeal-infante ainda era regente (até 1568); mas a propria rainha D. Catharina, apesar de inimiga do cardeal, que o obrigou a abdicar (1562), entrou no côro geral, como se verá na nota seguinte.

(2) Prova-se, pelo menos, a mutilação do cap. XXIII da parte III, p. 121-124 (ed. de Coimbra) e destruição quasi completa do cap. XXVII da mesma parte, p. 137-147; prova-se por cartas da rainha e por um fragmento do exemplar da *Chronica de D. Manoel* que foi apresentado ao beneplacito de D. Catharina (Manuscritos da Bibl. do Porto), e que se accusa pelos traços da censura. O cap. XXIII denunciava as traições de Fernando o *Catholico* (viuvo) contra D. Manoel, a liga d'este rei com os mouros, etc.; isto devia agradar tanto á neta dos reis catholicos, como devia agradar ao cardeal a sua biographia do cap. XXVII, veridica, mas fria. Preparamos uma restituição de todas as variantes das obras de Goes.

(3) «e das mais penas publicas o relevão vista a qualidade do caso e de sua pessoa com outras considerações que nisso se ouverão». (Sentença,

Que fez o Duque? Entendeu-se com os jesuitas. O manto da religião era insuspeito, era neutral em politica; suppunha-se isso. A heresia afastava toda a ideia de protecção do reu; a heresia deshonorava o reu e a familia toda; a heresia levava ao confisco; á sombra da heresia, os inquisidores punham o filho em campo contra o pae, a mulher contra o marido, a filha contra a mãe; a heresia acabava com tudo, de uma vez.

Desenterraram então do pó de quasi trinta annos a denuncia de Evora (1545) e a segunda de Lisboa, 1550.

A 4 de abril de 1571 Goes era preso pelo *corregedor do crime* Diogo da Fonseca; os inquisidores Jorge Gonçalves Ribeiro e Simão de Saa Pereira assignaram a iniquidade. Abriam-se as masmorras da Inquisição a um velho de 70 annos, com 60 annos de serviço ao rei, e 50 ao paiz. Durante um martyrio physico e moral que durou 20 mezes, mostrou Goes até onde a grandeza de alma pôde subir no homem, como os adversarios mostraram até onde se pôde descer na infamia. Faltanos o espaço para descrever as peripecias desse processo, onde os inquisidores desenvolveram todas as suas artes para triumphar da verdade. Debalde! Elle não mentiu uma vez; disse a verdade, toda a verdade aos inquisidores; não renegou nenhum amigo (Elogio de Erasmo pag. 421-439); não occultou um facto. Como num espelho se mostrou, e em tão vivo resplendor que descobrindo-se a si, projectou ainda uma vivida luz sobre a infame intriga que encobria um processo politico sob o manto da religião.

O que confessou espontaneamente reduz-se a alguns pontos de doutrina (1) e de disciplina ecclesiastica que foram contestados por capacidades eminentes do partido catholico, por prelados illustres, e que foram trazidos á discussão até perante o concilio de Trento, que decidiu sobre elles só em 1562. Foram duvidas que assaltaram naturalmente o seu espirito numa época em que os melhores catholicos duvidavam; esse estado de culpa, se culpa se pôde chamar, durou cinco a seis annos (talvez de 1531-1537) e foi remido com uma vida exemplar durante mais de trinta. Que elle tivesse sido mesmo nesses seis annos protestante convicto, ninguem o

p. 224). Mais explicitamente, nos fundamentos preliminares á sentença: «E que não fosse a publico: vistos os inconvenientes que se considerarão: da qualidade da pessoa do Reo: ser *muito conhecido nos Reinos estranhos* pervertidos dos herejes, que disso se podem gloriar» (p. 222).

(1) Em outro logar trataremos largamente deste assumpto; a sentença resume mal esses pontos.

Calculamos a morte de Goes em fins de 1572 ou principio de 1573; o Concilio de Trento foi aberto em 1545, na cidade que lhe deu o nome; transferido a Bologna em 1547; adiado em 1548; reaberto em 1551; adiado segunda vez em 1552; aberto pela terceira vez em 1562, concluido em 1563. V. Hase, *loc. cit.*

poderá provar; se as relações com os protestantes eram culpa, então o primeiro no banco dos reus era o papa Paulo III, seu amigo; o segundo, o Cardeal Sadoletto, seu amigo também (1).

Goes foi catholico, mas moderado nas suas crenças; tolerante, numa época em que só se admittia o fanatismo e a cegueira, em que se discutiu a letra e se esquecia o espirito do Evangelho.

Elle amava o paiz que havia inventado a imprensa, que havia libertado o pensamento; elle dizia-o ainda aos inquisidores (pag. 269, 412); mas a esse paiz que provocara a *Reforma*, mandava os seus filhos a educar (pag. 406, 407); desse paiz trazia a sciência que era um crime; se elle sabia latim, francez, italiano, flamengo e allemão, o que pôde fazer muito damno, dizia o denunciante Simão Rodrigues (pag. 350). Elle chegou a Portugal no momento mais critico, para esbarrar não só com esse cego fanatismo religioso, mas também com uma ordem que alliava as duas cousas: religião e politica em tórpe connubio; a sociedade, a côrte e a nobreza, que applaudia essa monstruosa alliança, era a mesma que preparava a ruina do paiz; eram os mesmos fidalgos de quem já se contava no Oriente, «que haviam ganho a India como cavalleiros e a perdiam como mercadores» e os que fizeram dizer a Felipe II que era cara mercancia a compra de Portugal.

Aqui o denunciámos pela primeira vez: o processo foi politico; o autor foi a casa de Bragança; o carrasco a Inquisição; o processo uma comedia, por que as testemunhas eram compradas; mentiram (2). O odio, o interesse, o despeito dictaram a sentença, mas suprema de todas as vergonhas, todos esses poderosos, assignaram-na ás escuras, como cobardes:..

Um raio da regia clemencia ainda illuminou a ultima scena. Goes não apodreceu (3) no carcere inquisitorial, ao menos! El-rei commutou-lhe a

(1) É singular que Goes não se valesse em 1572 das provas, impressas em 1544 (*Cartas latinas*), que confirmavam as suas declarações sobre o motivo da sua correspondencia com os lutheranos. Sua unica referencia ha em todo o processo, em que pede aos inquisidores que mandem examinar as suas obras em latim e portuguez (em geral). Goes não figura em nenhum dos indices expurgatorios.

(2) Mentiram pelo menos a testemunha D. Briolanja, Luiz de Castro, genro de Goes, (mas então em demanda com o filho do chronista Ambrosio de Goes) e Simão Rodrigues. O que este declarou sobre as discussões theologicas na casa de Goes em Padua, que foi de tudo o mais grave, pôde dizer-se que foi uma enfiada de mentiras, na parte que diz respeito a Goes; o jesuita trocou os papeis; o unico disputante era Frei Roque d'Almeida, que o proprio Goes mandou sahir de sua casa (onde o recebera como pobre) passados apenas alguns dias (p. 282), por causa das suas tentativas de proselytismo, «que o não queria ter em casa feito apostata», e era comtudo pobre, era erudito, era o cunhado de um dos seus maiores amigos (João de Barros)! Goes negou até á ultima a sua participação na defeza dos herejes em Padua (p. 435). Simão Rodrigues mentia a D. João III contra o proprio Santo Ignacio; como não mentiria elle contra o seu rival de 1545 e autor indirecto do seu castigo em 1536, decretado pelo proprio Santo Ignacio, hospede de Goes!

(3) «quasi não tenho já forças para me poder soster sob las pernas, e

pena (1); mandaram-no em penitencia para o mosteiro da Batalha (16 de dezembro de 1572).

Ajoelhado na capella do fundador, aos pés de El-Rei D. João I e da Rainha D. Philippa, o grande historiador mediu os gigantes e perdoou aos pygmeus.....

Como sahiu da Batalha—como voltou a casa? Ninguem o sabe. Allí estava seguro, allí acabava como elle desejara na prisão, no serviço de Deus; em sua morada (2) estava á mercê do acaso ou de um crime. Uns apontamentos antigos dizem: «que sendo velho e estando ao fogo, recolhida sua familia, cahiu nelle com um accidente, e ao outro dia o acharam morto e meio queimado» (3).

A igreja de Nossa Senhora da Varzea em Alemquer guarda os seus restos:

DEO. OPT. MAXIM.  
DAMIANVS. GOES: EQVES.

LVSITANVS. OLIM. FVI,  
EVROPAM. VNIVERSAM. REBVS.  
AGENDIS. PERAGRAVI,  
MARTIS. VARIOS. CASVS,  
LABORESQ. SVBIVI,  
MVSAE. PRINCIPES. DOCTIQ.  
VIRI. MERITO. ME AMARVNT.  
MODO. ALANOKERCAE.  
VBI. NATVS. SVM. HOC.  
SEPVLCHRO. CONDOR,  
DONEC. PVLVEREM HUNG,  
EXCITET. DIES. ILLA.  
OBIT. ANNO. SALVTIS  
M. D. LX (4)  
H. M. H. N. S.

Mas nós diremos:

*Vivent tamen perpetuo ingenii monumenta* (5).

Joaquim de Vasconcellos.

tão cheio de usagre, e sarna por todo o corpo que me falta pouco para me julgarem leproso». (Janeiro ou Fevereiro de 1572, dez mezes depois da prisão, p. 414.)

Elle pedia um livro, ao menos, um livro em latim: «qual lhes parecer porque estou apodrecendo de ociosidade e com o lêr se me passam muitos pensamentos» (p. 416).

«eu estou tão mal disposto, e não de uma só doença senão de tres que são: vertiguo, rins e sarna quomo especie de lepra... em meu corpo não ha cousa sam» p. 437, 16 mezes depois da prisão, que durou ainda mais dois!

(1) Talvez que o cardeal inquisidor attendesse á carta de Goes, cuja entrega elle pedia aos inquisidores, com instancia (p. 415, 419, 438).

(2) Fôra elle mesmo que declarou querer sahir do mundo (p. 438) e que lhe dêssem fiadores carcereiros «para que me vá curar a minha casa». (Ibid.)

(3) *Mss.* do P.<sup>o</sup> Francisco da Cruz (1.<sup>a</sup> metade do sec.<sup>o</sup> xviii) na Bibl. Real d' Ajuda, citados *Goësiana a.*, p. 35 n.; e *Goësiana b.*, p. vii e 19-20. A grande maioria das testemunhas dizem porém: morto por accidente ou pelos famulos, o que se não sabe decidir—pelos famulos, talvez os *fiadores-carcereiros* que elle pedia. Isto será elucidado em outro lugar.

(4) A data da lapide: 1560 está errada; vide sobre isso os nossos dois folhetins: *A Cabeça de Damião de Goes em Actualidade* de 2 e 3 d'outubro.

(5) Phrase da *Vita* de Goes pelo biographo anonymo de 1602, talvez Arnold Mylius. V. *Goësiana. Bibliographia*, p. xxi e 14-15, analyse da collecção de *Opusculos* de 1602, em Colonia. Mylius foi o herdeiro da celebre officina de Birckmann; em outro lugar teremos occasião de desenvolver a historia das relações d'este e d'outros impressores allemães e flamengos com a Feitoria de Portugal. Que a fama de Goes viverá eternamente por isso respondem as 67 edições das obras latinas e portuguezas que descrevemos em outro lugar. (*Goësiana. Bibliographia*. Porto, 1879, 4.<sup>o</sup> de vi inn. xxvii-34 pag.)

## GONÇALVES CRESPO



NOTICIA dum poeta, dada por um indivíduo, que nem é crítico, nem faz versos, deve ter o valor especial do julgamento da parcella de publico á qual esse individuo pertence. Porém, para reconstituir a alma de Gonçalves Crespo e comprehender o seu honrado e minucioso processo de trabalho, por meio do qual chega a uma perfeição ideal, a que instantaneamente aspira, era necessario conhecê-lo na intimidade.

A sua organização eleita, tem uma longa escala de sensibilidade, desde a tristeza bronca e obtusa até ás lagrymas da gargalhada estrondosa e bullhenta. Conversando, ninguem sabe ser mais delicado e subtilmente malicioso do que elle! Em qualquer dos seus gestos caracteristicos, quando, por exemplo, aponta alguem com o seu index grosso e osseo, despede uma ironia bondosa, faz uma observação profunda... A recitar ou a ler, desenha as ideias, nas mais subtis particularidades, com a sua voz flexivel e penetravel, com o seu gesto intelligente. Imita qualquer individuo com uma fidelidade surpreendente, copiando-lhe os gestos criminosos e as frases caracteristicas. E, no momento em que a sua cara bondosa se abre num riso, illuminando-se-lhe os seus grandes olhos de myope e mostrando os seus dentes eguaes e brancos como os dum pente de marfim, eu encosto-me á parede, a rir, quebrando pelo ventre. É um interprete d'arte dum segurança positiva e magistral: pela impressão que recebe, sente com precisão, qual o defeito, qual a belleza dominante do quadro que lhe mostram, da estatua que lhe apresentam, da musica que ouve tocar. O seu quarto de trabalho, que em Coimbra era contiguo áquelle em que dormia, tem-no sempre decorado com retratos d'artistas celebres, com estampas dum alto valor tiradas da obscuridade das folhas dum almanach, da capa dum livro, ou das paginas vaidosas de qualquer *illustração* estrangeira. Andando na diagonal do seu gabinete, sempre a largas passadas, com o seu casaco comprido de abas molles que lhe cahem dos hombros como dois pendões, é que elle escuta os sonetos, ou as prosas dos seus amigos que lhas vão mostrar. E no fim, se se lhe pede a sua opinião, Gonçalves Crespo levanta a sua enorme cabeça e diz a unica cousa justa, que se podia dizer.

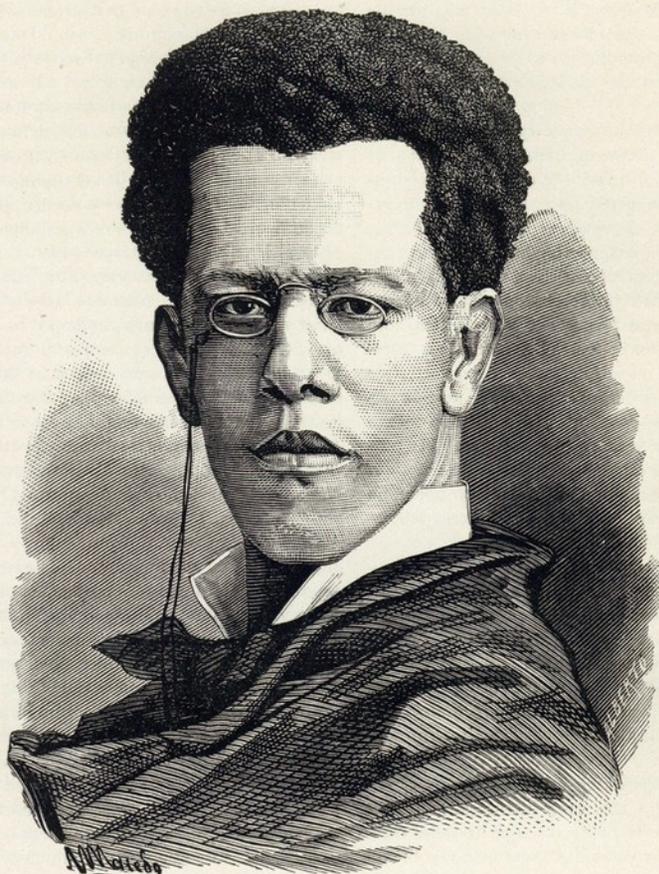
Por isso, quando Vossa Excellencia, minha intelligente senhora, tiver, nos reconditos mundos da sua alma sonhada, uma preguiça de poeta, durante a qual poderá cometer o crime dum soneto, aconselho-lhe que, para lhe determinar o valor real, escreva ao poeta Gonçalves Crespo. Como a sua alma d'artista deverá ser timida e orgulhosa, escreva-lhe com um pseudonimo. Deste modo Vossa Excellencia, formosa dama, evitará qualquer indiscreção porque elle é um gabasola, e terá um julgamento sério e definitivo. Além de que, deverá Vossa Excellencia receber uma carta finamente pensada, como de certo ainda não leu, depois das de M<sup>me</sup> de Sévigné.

Este facto, se o meu sensato conselho fôr seguido, será mais uma aventura na vida de Gonçalves Crespo, o homem das aventuras extraordinarias! Durante a sua vida de estudante succederam-lhe casos excetricos, pitorescos e até assombrosos como os do pae Dumas... Um dia, em Coimbra, meteu-se numa carruagem de primeira classe, com destino á estação da Povoá. Dentro dessa carruagem, estava, commodamente embrulhado, dormitando, um velho, que nos primeiros minutos se mostrou completamente indifferente á entrada

do novo viajante. Era um homem de aspecto mediano, face serena, cabellos e barbas brancas, fazendo lembrar as de Victor Hugo. Crespo com as maneiras de *gentleman* com que sabe tractar, cumprimentou o velho, dando-lhe as —bôas noites *meu caro senhor*. Porém, ainda cinco minutos não eram passados, ainda o comboio não tinha partido, já o tractamento era de *meu caro amigo*, e o velho, magnetizado pelo riso attractivo e bom do seu interlocutor, nem dera pela rapidez da intimidade...

O que se passou durante essa jornada, soube-se depois, por uma carta recebida pelo doutor Bernardino Machado, que o tinha acompanhado ao comboio. Essa carta terminava pouco mais ou menos assim: «O dianho do velho não me deixou ficar na Povoá. Fez-me perder um dia de jornada. No entroncamento obrigou-me a participar da sua optima ceia. Não imaginas, filho!... eram frangões, perdizes, vinhos anti-livianos, e marmellada! Vim com elle até Lisboa e mandou-me na sua carruagem para o Tojal. Dianho do velho, tem uma optima carruagem, muito mais commoda do que o selim do *cavalicoque* que me esperava na estação da Povoá!» Tempos depois, este illustre cavalheiro, passando outra vez em Coimbra, parou, exclusivamente, para visitar o *seu amigo* Gonçalves Crespo.

Uma das suas aventuras mais errantes e pitorescas passou-se em terras do Alemtejo. A medicina aconselhara-lhe banhos de certas aguas medicamentosas, que existem em Aljustrel. Crespo partiu de Coimbra para Braga, e de Braga é que se dirigiu ás famosas aguas. É assombroso de graça ouvir-lhe narrar esta perigosa travessia! Esteve para ser roubado, esteve para ser assassinado, viveu no meio de contrabandistas e de ciganos. A sua primeira noute de Aljustrel, passou-a num quarto terreio, contiguo a uma faberna, onde elle julgou ouvir, no meio do tocar dos copos, o plano de o esquarterarem. Ás tres horas da manhan, quando tudo estava tranquillo na terra e no ceu, entra-lhe subtilmente no quarto, um homem de longa barba, á bandido!... É verdade que este homem levava uma simples candeia na mão; mas Crespo entende que vae morrer, que este é o facinora escolhido para perpetrar o crime e resolve-se a lutar. O seu plano era simples: fingiria que rersonava descuidadamente; o homem da barba aproximarse-hia de vagar, com a candeia na esquerda e —*talvez!*— a navalha homicida na direita; Crespo espreitaria cavilosamente pelo canto do olho e quando o assassino estivesse muito perto, saltaria elle da cama de repente, agarraria o homem pelo gasganete, tirar-lhe-hia o instrumento do crime e depois... depois perdoar-lhe-hia, levando-o preso, á presença do regedor. Este vasto plano de defeza, rapidamente concebido não pôde ter realisação: — o homem da candeia, foi surrteiramente direito a um banco, deitou-se, apagou a luz e cinco minutos depois roncava com estrondo... No dia seguinte, por causa dumas questões que teve com o taberneiro, que lhe negava o direito de comer queijo á sobrezeza, despediu-se desta hospedaria alemtejana e dirigiu-se a casa do Prior. O sacerdote andava no quintal tractando das hortaliças. Ouvindo que o chamavam do interior de sua casa, olhou, curvado como estava, por entre pernas, e perguntou: «quem diabo está ahí?» Apareceu-lhe a cara boa de Gonçalves Crespo com o seu largo riso communicativo. O poeta, queria que o prior de Aljustrel o alojasse, pagando-lhe, já se entende... O ecclesiastico accedeu e a paga da hospedagem foi mais generosa do que se podia ter previsto. Havia em Aljustrel um periodico de opposição ao governo que o sacerdote redigia proficientemente, resumindo em si toda a intelligencia, toda a illustração, toda a justiça daquellas aridas paragens! Crespo, em vez de tomar os banhos aconselhados em Coimbra pelo doutor Mirabeau, tomou antes a direcção intellectual e politica



## GONÇALVES CRESPO

(De uma photographia do sr. Fritz)

da gazeta. Os artigos dessa época, nesse obscuro periodico, fizeram sensação no Alemtejo e em Lisboa!... Além dos impetos colericos da penna apaixonada do novo redactor, havia a invectiva, a indignação do final de cada um desses artigos, a frase de tal modo energica e viva, que nos tempos subsequentes foi a adoptada como uma formula, por todos os jornaes de opposição, no paiz! Gonçalves Crespo terminava sempre deste modo: «Mais moralidade, sr. ministro do reino, é preciso mais moralidade no poder!» O prior d'Aljustrel chorava de contentamento. Abraçando efusivamente Crespo, dizia-lhe: «Dessas bombas, meu amigo. Atire-lhas lá para Lisboa, que elles se doerão. Hade-se saber no mundo inteiro que tambem somos gente!»

Poderia referir outros factos, todos concorrendo a demonstrar a organização attrahente, sympathica, dominadora de Gonçalves Crespo. A sua voz, o seu gesto que lhe dá ás palavras um relevo singular, a sua expressão duma ironia ino-

fensiva, subjugam. Todos que tem vivido com elle, reconhecem esta influencia poderosa!

O legitimo successo que tiveram as *Miniaturas*, no publico portuguez e no brasileiro dependeu unica e exclusivamente do alto merecimento desse livro, que será sempre novo, sempre vivo, porque é uma obra d'arte, pensada com rara honestidade. Nenhum acto pessoal de Gonçalves Crespo, influiu para lhe angariar apregoadores do seu nome litterario. Desconhece a maioria dos jornalistas portuguezes, e dos escriptores só tracta com alguns dos que foram seus contemporaneos em Coimbra, e com outros que hoje frequentam a sua casa. A sua probidade litteraria intransigente, levou-o a detestar qualquer successo de botequim, ou armado nas redacções dos jornaes. Por isso o seu merecimento é autentico e duradouro. Tem vivido sempre em nobre e altiva isenção, pas-

seando na diagonal do seu gabinete, sempre vestido com o casaco comprido d'abas molles, espreitando da sua janella entre-aberta a intriga literaria que passa esfarrapada, rindo-se com o bom riso sereno dos superiores e dos fortes, mostrando os seus dentes eguaes e firmes. É por isso que o nome de Gonçalves Crespo passa desapercibido das locaes jornalisticas e da especie de publico que fórma o seu juizo por ellas. Comtudo o outro publico conhece-o e sabe que se não tem publicado nos ultimos tempos, um livro de versos mais merecidamente applaudido.

Só quem lê e relê as *Miniaturas*, é que pôde destacar, momento a momento, as inumeras bellezas deste livro de cento e tantas paginas! O seu trabalho é duma correccção asombrosa; as ideias apresentam-se com uma nitidez e um relevo que deslumbram! Nas tres primeiras poesias, *A Bordo*, *A Noiva*, *A Sesta*, encontra-se uma simples descripção exacta, franca. Os factos mais carecteristicos e salientes, as minudencias mais significativas e pitorescas do quadro que se descreve, apparecem todas, nos planos correspondentes, com uma precisão geometrica. Numa estrophe, num verso mesmo, Gonçalves Crespo tem o enorme poder de carecterisar uma situação, um personagem, um facto. Se elle pospõe um adjectivo a um substantivo, essa qualidade incide sobre a cousa mencionada, com uma verdade que fere. Qualquer pintor pôde, duma poesia, duma estrophe e, muitas vezes, dum unico verso tirar o seu quadro completo; porque o poeta, na sua constante sede de perfeição, pensa aturadamente o seu assumpto e *pinta-o* dum modo completo e acabado.

Além desta qualidade, sempre dominante, e que dos modernos prozadores portuguezes, só Ramalho Ortigão possui, tem outras. Nas poesias ligeiras, como—*Arrufos*, *Um numero de intermezzo*, *Uma andaluza*, *A tua carta*, *Bianco Vestito*, *Mimi*... ha uma monotonia popular e simples, duma suavidade camoniana. Todas ellas são duma viva alegria, cheia de saude e de mocidade. O homem que as escreveu é um coração aberto, dum viver tranquillo e despreocupado, sem rancores infimos, e antipaticos.

Noutras composições como *Ao meio dia*, *Canção*, *Na roça*... a paisagem brasileira tem uma intensidade de vida que abafa. Sente-se o calor torpente da zona torrida, o tumultuoso correr da seiva nas varas dos bambus e nos braços rijos dos cafeseiros; ouve-se o sussurro dos cortiços e do vento passando nos densos matagaes, o cantar maguado das aves de mil cores, e, ao fundo, num sonho do mordomo, a *Sinhá*, preguiçosamente deitada na rede, desfolhando uma flôr roixa de grossas petalas setinosas! Tem-se a sensação intensa e abundante destas regiões de ricas faunas e floras variadas, nas quaes ha os grandes rios e as famosas cachoeiras! Porém, nestas composições, nada de postiço, de artificial, de literario:—Gonçalves Crespo é de origem brasileira e reproduz as paisagens do paiz, onde viveu os primeiros annos, com a profunda verdade de quem as sentiu em criança, conservando dellas uma impressão duradoura, como devia ficar numa organização de artista. E são reproduções duma tão poderosa vivacidade, duma côr tão quente e de uma luz tão concentrada, que um pintor para as reproduzir, pôde escusar-se a fazer uma incommoda viagem de paquete.

Depois destas e dum outro valor vem as largas poesias de sentimento. Na *Modesta* ha uma funda saudade e uma impenetravel melancholia, um vago ossianico duma verdadeira alma de poeta. Neste soneto de cunho denominado *Eleitos e precitos*, sente-se o rumor subterraneo e profundo do inferno dantesco; ouve-se ao longe, no fundo duma noute escura, o gemer do vento atravez da infinda floresta na qual entrou Virgilio! Ha um divagar pelas altas regiões, como o desse perfeito estudo mental da idade média, que se chama o In-

*ferno*. Temos ainda a historia simples de Dulce, *a lama que se vende*, onde apparece uma sympathica intenção social. É a biographia singela duma pobre rapariga, que nos escuros caminhos da vida, é levada pela calosa mão da adversidade, para a prostituição! Lê-se tambem a *Desdichada*, a *Arrependida*, quadro vigoroso da vida moderna, a *Mãe*, que só podia ser escrita por um homem de sensibilidade.

Porém a grande nota de Gonçalves Crespo é a nota epica, dum epico moderno, em que a adivinhação do artista passa atravez da historia. São as suas composições de mais folego, em que as bellezas de estrutura, de sentimento e de larga inspiração se encontram em maior prolixidade. Mencionaremos primeiramente *Nera*, a dama voluptuosa, que sonha com o gladiador Bactylo. O desenho da alcova romana é duma execução firme. O corpo de *Nera* é duma perfeição grega e peccadora. Ha uma interpetração sagaz do sentir lascivo da Roma hallucinada dos combates no Circo! Esta ideia, que tem vindo atravez dos seculos, autenticada pelos poetas e historiadores latinos, recebe uma nova condensação. *Sara* é quasi um poema! Não se lhe pôde precisar o momento historico; mas em todas as silabas dos seus versos ha um sentimento antigo e pagão, uma interpetração physiologica dum organismo que palpa inquieto. Temos ainda o *Rosario*, uma das poesias das *Miniaturas* que tem mais doce melancholia, uma ternura mais vaga e religiosa. O poeta deseja recompôr a historia simples duma cruz eburnea, onde agonisa o Christo, e dumas contas antigas de marfim escurecido, onde se vê o legendario poema dos velhos tempos!... Num largo vôo passa atravez das idades, desde a historia pungitiva da castelan senil, até á duma amarelenta freira que vive subterrada em sombrio claustro!... A grave e austera tristeza de que nos sentimos penetrados ao lêr essas estrophes magistraes é consoladora e reedifica-nos por instantes. No meio do desmoronamento inevitavel do grande mundo tradicional da fé, desmoronamento que todos ouvimos já, apparecem estes longos gemidos das almas dos grandes poetas; não como um protesto que seria irracional, mas como affirmação da existencia dum passado distante, que elles comprehendem!... Mas ainda superior ao *Rosario*, é seguramente, e duma realidade mais positiva e duradoura, a *Transfiguração*! No momento em que a acabo de reler, tenho diante dos olhos, em frente deste bufête aonde escrevo, pendente daquella parede a reprodução duma das illuminadas cabeças de Christo de Ary Scheffer, a do *Beijo Judas*! Não se conhece pintor que tenha vivificado a face ideal de Jesus, com mais tocante realidade, com um olhar mais terno, olhar em que se resume toda a sympathica lenda judaica! O tom verdadeiramente humano, a expressão compungida e nobre, ao mesmo tempo misericordiosa e altiva, do Christo, encontrou em Ary Scheffer, como em Renan, dois interpetres definitivos. Nunca a melancholia plangente e nervosa dum propheta judeu foi reproduzida com mais autenticidade! A ternura, a compaixão, o orgulho do *Mestre* que recebe o beijo infame do eterno Judas, resume um dos maiores poemas da humanidade— a alma do Christo. Gonçalves Crespo teve a mesma sublime inspiração que Ary Scheffer e que Renan. Nos seus versos, duma execução difficilmente igualavel, sente-se o leitor, christão ou mahometano, penetrado por um verdadeiro sentimento piedoso, ao mesmo tempo humano e divino:

Era a voz de Jesus, benigna e tão suave  
Como um perdão de mãe, ou como um trino d'ave,

A turva, que o cercava, ouvia-o respeitosa,  
Olhando aquella fronte, eburnea e luminosa,

Elle chamava a si, com fallas d'esperanças,  
O simples, o afflicto, e as timidias creanças.

E fallava do ceu, das coisas transparentes,  
E dum culto ideal, ás almas innocentes.

.....

Este é o verdadeiro Christo, o Christo-Homem, o Christo-Deus, o Christo que disse: Feliz o que chora, oh! doce Magdalena!...

Nada mais se pôde acrescentar. A minha prosa, racionadora e pratica, não tem o poder de exprimir o vago perfume ideal, que se respira nesta poesia que durará em quanto os homens tiverem cerebro para imaginar! É a grande arte, ao mesmo tempo humana e inspirada. Terminarei, referindo-me, a uma composição que pensadamente destaco de todas as outras. Intitula-se a *Alguem* e é dirigida a sua mãe. Nunca o sentimento pessoal tomou mais real plasticidade. É uma poesia dum tom lamartiniano; mas duma sinceridade sympathica e atrahente. É uma perola da côr macia do leite, no centro dum adereço feito pelo ourives Benvenuto. No novo volume de versos, que Gonçalves Crespo publicará proximamente, as composições que abundam são as do genero da *Transfiguração*. Assim devia ser. A nota epica, duma sublime intuição historica é dominante em *D. Quixote*, na *Ceia de Tiberio*, na *Resposta do Inquisidor*. Para a grande alma sonhadora e recolhida de Gonçalves Crespo, para a sua magistral orchastração, estes grandes quadros do passado, são mais proprios.

Porque é que sendo o poeta das *Miniaturas* um tão alto artista o seu nome não é retumbante e popular?! Concorrem para isto circumstancias complexas: Primeiramente a sua altivez, a consciencia do seu grande valor e do seu incontestavel poder, fazem com que se conserve numa penumbra discreta e honrada, espreitando sempre pela fisa da sua janella e surrindo dos que passam precedidos da surriada da multidão, coroados nos botequins com velhas corôas de folhas... de jornaes lidos. Em segundo logar a sua execução é tão finamente artistica, tão burilados os seus versos, tamanha a sua sêde de perfeição que o poeta trabalha pouco e só deixa uma poesia quando—elle, que é insaciavel!—se sente satisfeito. Por isso accumula tantas bellezas, vence tantas difficuldades, que só um espirito cultivado e sensivel lhas pôde comprehender. A inspiração genial do poeta é sempre por um acto de probidade mental, sugêita á contraprova, da sua propria reflexão. Elle é o mais implacavel critico da sua obra e nisto reside a sua grande força. Ora certo publico, não comprehende estas organisações. O que elle prefere é uma exclamação mais ou menos postiça, para perceber!...

Ultimamente, na legislatura de 78, Gonçalves Crespo sahiu deputado. Sahir deputado, um homem obscuro, que passêia constantemente na diagonal dum quarto, com o casaco comprido, de pregas molles, pendente dos hombros! Pois sahiu deputado e foi o mais desaperebido dessa legislatura.

Ás vezes eu lembrava-me delle e ia a S. Bento ver se lá estava e como estava. Era um dos da ultima bancada, dos da *coelheira* da camara e nunca ninguem o viu passear pelo pé dos fogões, que estão aos lados da presidencia. Quasi sempre o encontravam os meus olhos sentado e conversando com um cavalheiro de longa barba grisalha, duma expressão serena e boa! Pelo aspecto, esse deputado, parecia um patriarca biblico. Eu não sei, quem elle é! Quem será?

Lisboa, outubro de 1879,

Teixeira de Queiroz.

### PECCADORA

Pobre mulher! Ecôa-me,  
Nesta alma enristecida,  
Da tua voz dorida  
A flebil viração.  
Do teu caminho asperrimo  
Ferem-me as sarças duras,  
E as tuas amaiguras  
Sinto-as no coração.

Tu eras rosa esplendida  
De viço e de perfume,  
Queimou-te o rubro lume  
Do desejar sem fim.  
Sonhaste no misterio  
Das murmurosas selvas,  
No doce olor das relvas,  
No placido jardim.

E hoje o teu rosto morbido  
Traduz quanto supplicio  
Pôde inflingir o vicio,  
A quem renega os ceus.  
Chame-te o mundo réproba,  
Eu chamo-te illudida...  
Pobre mulher perdida!  
Lavem-te os prantos meus.

Chora, mulher! as lagrymas  
Lavam a dôr e o crime,  
— Benção do ceu sublime,  
Que nos legou Jesus,  
São como o orvalho cêlico  
Descendo á flôr pendida...  
Trazem aos mortos—vida,  
Trazem ás sombras—luz.

Maria Amalia Da7 de Carvalho.

### DO ANTICHRISTO

O meu livro não narra as cruas sugidades,  
Que são hoje a delicia e a lepra de Paris,  
Abandona o pulhismo e a lama das cidades  
Aos Juvenaes, a quem o escandalo bemdiz.  
Enterra o bisturi noutras realidades,  
E deixa a Besta d'Oiro e a Venus Meretriz.

Tambem não dramatiza as lagrymas choradas,  
Por noutes immoraes, nas mezas das tabernas,  
Não sóbe do bordel as trôpegas escadas,  
Nem desce do homicida ás húmidas cavernas.  
Cita—o Tiranno—o Deus de barbas prateadas,  
Ao frio tribunal das gerações modernas.

Mas, mais que contra o Eterno e o Velho Solitario,  
Que faz do alto dos sóes matar os batalhões,  
Move um processo novo a esse ente extraordinario,  
Que agitou na Judeia a plebe, as multidões,  
Até ter expirado em cima dum calvario,  
Por uma sexta-feira, ao pé de dous ladrões.

Gomes Leal.

## A MOCIDADE

(POESIA POSTHUMA)

O seculo caminha em busca do occidente.  
 No que ámanhan será a cinza do presente  
 Como que ignota mão, nas trevas a bulir,  
 Semeia já na historia os germens do porvir!  
 Estremece e escaliça a velha sociedade!  
 Na meza em que repasta agora a humanidade,  
 Por vezes empinando a taça do prazer,  
 Não raro cae do tecto, após o novremecer,  
 Alguma trave rota ao abalo das ideias,  
 Que partem os cristaes nos labios das Phryneas!  
 Não sentis o rumor que em torno dos festins,  
 Rebenta do lutar de aquelles dois mastins,  
 — O rico e o proletario! — erguendo na peleja,  
 Qual dente contra dente, o Egoismo contra a Inveja?  
 Não vêdes como á porta em ondas se contrae,  
 Borbulha, alastra e espuma, e novamente vae,  
 Em vagas condensado, até cair de novo,  
 O pélago profundo e enorme e eterno, o Povo?  
 Esse mar, cuja voz esplendida e tenaz  
 Ninguem sabe dizer quantos segredos traz  
 Nas furias do equinoxio, ou no murmurio estivo!  
 Ao longo da parede, algum tufão mais vivo  
 Arroja á expugnação das vergas dos frontaes  
 Alguma vaga humana, a quem lançe os cristaes,  
 Já vasios de todo, a mão dos que de cima,  
 Esgotando o licor, partem a taça opima  
 No rosto de quem sobe, e para que ninguem,  
 Onde elles hão bebido, ouse beber tambem!  
 E a sala a estremecer... e á beira da cornija  
 Em cachos de homens, sempre a multidão mais rija,  
 A pender agarrada aos frisos do lioz,  
 E cada vez mais basta, a triturar em mós  
 De carne a rigidez do marmore fundido!

Tudo rumor e pó! mas applicando o ouvido  
 A todo esse lavor das multidões que vão  
 Apenas disputando o sitio em que terão  
 De cair mais á larga, e em trances menos rudos,  
 Trocando a valla rasa em cedros e velludos  
 Co'os olhos no combate em que só briga até  
 O podre do que foi c'o podre do que é,  
 Qual sentinella muda, immovel, de arma ao hombro,  
 Alguem espera já, que num final escombros,  
 Se misturem no solo os ossos e os cristaes,  
 Para que ao alvorecer das chammas orientaes,  
 De outro dia, e atravez desse cinzeiro escuro,  
 A muda sentinella, o obreiro do futuro,  
 Sahindo de penumbra em meio á nova luz,  
 Possa então, transformando-o, erguer nos braços nus  
 O espolio dessa morte em berço de outra idade!

E o obreiro sol-o vós... que sois a mocidade!  
 A mocidade! o arção em que a alma pelo azul  
 De estrella para estrella, e desde o norte ao sul,  
 Cavalga nos ilhaes do Pégaso que iria,  
 Se mais poesia houvera, atraz de mais poesia!  
 A sede do que é grande! o rapido albatroz  
 Que, ainda que tivera uma aza tão veloz,  
 Que podesse ir com ella até da luz ás fontes,  
 Inda as pontas quebrara á mingua de horizontes  
 Em que alargasse o vôo em fartas amplidões!  
 O Eros que, sentindo as mil palpitações

Do sangue juvenil a entumecer-lhe as veias,  
 Perdulario sublime, espalha inda as mãos cheias  
 Nos altares do bello o seu ardente affan!  
 O prologo ideal do livro de ámanhan,  
 Cujá ultima palavra é sempre algum progresso!  
 Pois essa mocidade, á luz da historia, eu meço  
 De pé junto aos hombrais de tudo o que nasceu,  
 E vejo que o seu braço, erguido á flôr do ceu,  
 Poudes sempre chegar até num só momento  
 Accender novos soes no velho firmamento!

E que de nomes tem no mistico arrebol  
 Com que, um sol apagado, accende um novo sol!

Aqui, em Portugal, por nome já teve ella  
 A espada dos barões, cortando por Castella  
 O berço de uma patria ao nome portuguez!  
 Depois a mocidade, erguendo-se outra vez  
 A fundir nova ideia em face a novo mundo,  
 Chamou-se então punhal de D. João segundo,  
 Esse rei que desfez mil regulos em pó  
 Prostando a fidalguia ás plantas de um rei só!  
 Depois, muito depois, teve ella então por nome  
 A serra do Pilar, o frio, a febre, a fome,  
 Quando ao fulgente alvor de nova luz no ar  
 Se viu que neste sólo, embora exiguo, a par  
 Do rei, tambem um povo á larga caberia!

E hoje? Hoje a mocidade... é a democracia!

Claudio José Nunes.

## NUMEROS DO INTERMEZZO

— H. HEINE —

Das minhas penas fiz canções aladas,  
 De alegre geito e jovial feição,  
 Vi-as partir em doidas revoadas,  
 E vi-as procurar teu coração.

Partem alegres, voltam lacrymosas,  
 Perdido o fresco riso ingenuo e lêdo,  
 Mas do que viram guardam, silenciosas,  
 O mais profundo e lugubre segredo.

\*  
\*  
\*

Nos paizes do norte, sobre um monte,  
 Alto, frio e gelado,  
 Um pinheiro isolado  
 Ergue, entre o gelo, a merenchoria fronte.

Todo trémulo, o misero deseja  
 Ser a esbelta palmeira viridente,  
 Que, em terra adusta, odeia a luz ardente,  
 Que sobre ella o implacavel sol dardeja.

Lisboa, 1879.

Gonçaves Crespo.



## AQUILLO ALÉM!...

(PAGINA DUM ROMANCE)

**N**ESSA mesma manhan, um velho fôra encontrado sem acordo, no fundo da escada, dum casinholo decrepito. Quem deu por isso foi a sr.<sup>a</sup> Ignacia, engomadeira do segundo andar: viu aquelle vulto tombado, para ali ao desamparo, e foi logo chamar a policia. Juntouse gente que ia passando; os moços de padeiros, de calça branca, depozeram logo os grandes cabazes; algumas velhas de lenço engomado, todas secas, de peito concavo, grandes esgares admirativos, duma beatice pateta, comentaram o desastre citando casos; um sachristão, de opa vermelha, destilando rapé do nariz, uma corcova histriânica, tomou o pulso ao pobre homem. Muitos diziam:

— Estás pronto! E uma parteira nervosa, de carapuça de fitas verdes, cheia de catarro e de birra, metia-se pelo meio dos grupos, pomposa na sua sentença:

— Bemdito seja Deus; o que a gente é!...

O *trinta e cinco* da primeira esquadra, chegou com quatro gallegos, que carregavam uma maca. Dois delles, pegaram no pobre homem, estenderam-o no leito. Ergueram a tampa da maca, e correndo as cortinas de oleado preto, cebento, deixaram-no empacotado. Depois o embrulho foi erguido aos hombros. O *trinta e cinco*, disse:

— Vamos depressa! E caminharam para o hospital.

Era domingo, no hinverno, de manhan. Seguiram por grandes ruas, alegres de sol. Via-se o ar lavado pelas grandes chuvas da noite, desenrolar-se fresco, enorme, cheio de uma transparencia lucida, por cima das casas. Acima dos tectos pardos, esburacados de aguas furtadas, luzentes de clara-boias, as chaminés estendiam o seu pescoço avido, curioso, como a espreitar os horisontes distantes, em que appareciam, numa delineação excêntrica, os perfis acumulados de casarias, dos bairros velhos; as manchas verdes de quintaes burguezes; os corucheus atarracados das parochias; pedaços de rio verdense, inquieto, turvo das enxurradas da estação; as ruinas pardas, cheias de raizes e de limos; o Carmo; Santa Engracia como uma boceta velha, de amendoas; S. Vicente cujas torres lembram metades de bilhas encravadas num caixote de despejos; a Sé, informe, suja, torreada, como uma fortaleza medieval. Nas ruas fervilhava o rumor das car-

ruagens; as lojas abertas estendiam até ás portas os seus mosaicos de fazendas, de manteletes, de chapéus da moda. Nas esquinas os cartazes sobrepostos e rotos em varios sitios, faziam a cronica dos espectaculos da semana. Num quadro negro, á esquina, uma mulher pintada, enfiava o gasganete pela curva dum *S* enorme, dizendo com o gesto, a incomparavel superioridade da machina Singer, sobre qualquer outra. Iam e vinham os grupos de pessoas garridas, endomingadas. No meio desta vida alegre, a maca passou como um agouro, pelo Rocio. Do lado do Mattos Moreira, sobre o passeio, caminhava um formigueiro de familias elegantes, de meninas esganiçadas, de gordas proprietarias vagarosas. As lojas de luveiro enchiam-se de freguezes. Os janotas, armados de bengalões, cheios de tédios e de azia, exhibiam no meio da concorrencia, os seus cheviotes riscados, tendo sobre a bocca, como um *til* sobre um *O*, os bigodes acera-

dos, pequenos, vagamente patetas. Sahia gente de S. Domingos, da missa do meio dia, ás ondas, que vinham espriar-se no largo, até á grade. As sombrinhas azues das creadas e das adelas, remendavam a côr escura dos fatos dos burguezes; um velho, amachucado de bebedeiras, com um bonet de cavallaria 5 na cabeça, um cesto ignobil aos pés, offerecia *quentes e boas*, aos garotos. Viam-se tipos regalados de commerciantes por meudo, de cujas pansas, escorriam sob a luz, grandes cadeias de reljio, gesticular com enfase, na pastellaria, fallando das loucuras da governação. E na vitrine da loja, em prato da China, monstros de doce, surprehendidos, fulvos de gemma de ovo, abriam as suas queixadas de cartonagem, cheias de dentes de amendoa e de pedacinhos de cidra.

Entre agua de Colonia, o namoro dos aspirantes serapintados, cheios de delicadezas postizas, offerecia um alto tom de pelintrice, que perturbava as creanças romanticas, enfarinhadas de devaneio, ressequidas de fatalidade—á Ponson. A maca ia já trepando a Calçada do Garcia, cheia de sombra humida e cheiros a sopa de massa. As altas casas, desleixadas, bocejantes, de *menáges* operarios, um aspecto de sepulcros, enchiam os rostos de tristeza e de frio. As lojas esfareladas, deixavam sahir palestras vadias, descantes enfartados de culpa, risos soluçantes de famintos.

Entraram em S. José pela porta principal. Recebeu-os um guarda-portão gigantesco, vestido de azul, banda ao tiracollo, perfil de conselheiro grave, importante na sua cadeira.

— É um velho que vem para o hospital, disseram-lhe.

Elle apontou para o segundo pateo, um caminho entre duas balisas de buxo, cortado á tezo-

ra. Á esquerda, derruía vagarosamente a igreja do velho collegio, forrada de marmores de côres, em grandes almofadas salientes. As pequenas janellas das enfermarias rasgavam para ali.

Um doido, risonho, encanecido, pedia cigarri-nhos. A maca atravessou o pateo, penetrou uma porta larga, fizeram-a entrar á esquerda, por uma porta de vidraça. Ahí, um guarda interrogou.

— É um velho que vem para o hospital, res-ponderam.

A maca pousou, tiraram-lhe a tampa; o guar-da portão curvou-se um pouco, para olhar. O ve-lho não tornara a si: a mesma rígida postura. A pelle macilenta, revestia-lhe, repuxada nas salien-cias dos mollares, a cara encovada, dura, de um desenho cheio de angustia. Tinha as olheiras ne-gras, fundas, a palpebra flácida, immovel, riscada de veios arroxados. O fato cançado, esfiava; havia buracos. E mal cubertos pelo chapéu tombado, os cabellos brancos saíam, como linho em estriga.

Passava um moço cantarolando o fado.

— Chame o sr. doutor de serviço, disse-lhe o guarda portão. Do extremo do corredor, grandes risadas cahiam, sobre aquella scena. Alguem asso-biava a walsa dos *Sinos*.

Emfim o medico chegou, de bonet de seda pre-ta, entre dois outros personagens.

— Como se chama o doente? fez elle.

— Achamol-o na rua cahido.

— Ha quanto tempo? — E cantarolava, distrai-do com um charuto na bocca.

— Ha uma hora. O medico escrevia numa pa-peleta, os dizeres de convenção. E curvou-se em seguida, sobre o pobre, esteve a examinal-o um momento.

— Pulso, mal se sente. Ora veja, doutor. Que definhada organisação! O mais alto dos outros dois examinou.

— Descubram-lhe o peito, ordenou o doutor. Os moços da enfermaria obedeceram. O medico auscultava.

— Bem, tornou elle, levem-no á enfermaria de... Ha camas vagas, Patricio?

— Ha tres, sr. doutor.

— Vamos, carreguem-no. E dirigindo-se a um dos que o acompanhavam:

— Pois meu caro, tenho a certeza de que a eleição não vae ser favoravel ao governo. Traba-lha-se activamente; afianço-lho. E por mais que façam, os regeneradores...

— Engana-se, engana-se completamente. E as vozes afastavam-se. No emtanto, dois moços, de blusas de riscado com galões amarellas, tomaram a maca e foram levar-a á enfermaria, enquanto o *trinta e cinco da primeira* esperava com os galle-

gos. Era numa enfermaria alta, de grande pé di-reito, com duas filas de arcos, ao comprido. E cheirava a tudo: a carne assada, a clister e a mor-tos.

Na linha media do solo, dois grandes fogões aqueciam o ar; dum lado e outro, as janellas ca-vadas na profunda parede permitiam entrar a luz claramente, envolver as longas fileiras de pequenos leitos de ferito, de mezas toscas de pinho pintadas de verde, com uma disposição monotona, triste, cheia de nudez. E sobre as almofadas de cada lei-to, as cabeças definhadas inclinavam-se, e rostos lividos de febre, dilatados de soffrimento, olhavam estranhamente em torno, sentindo-se sós, no meio de tanta gente desconhecida.

Era a hora do almoço. Os ajudantes de enfer-meiro traziam para o centro da enfermaria, gran-des taboleiros providos de rações: um empregado conferia em voz baixa. Em seguida, os moços do hospital tiravam as chavenas dos caldos, começa-vam a distribuir, á vista das papeletas penduradas á cabeceira de cada doente. Aquella hora permi-tia-se a visita á enfermaria. Alguns hospitalados tinham ordem de se erguer, dar pequenos pas-seios de cama para cama, pelo corredor. Outros recebiam visitas, da familia, de velhos parentes dedicados. Viam-se as frentes dos convalescen-tes, illuminadas dum raio alegre. Um trabalha-dor, arrumado a uma bengala, chorava, beijando a filha. Mais longe, um velho ossudo, tipo de ve-terano, fumava o seu cachimbo, sentado no leito, um capote velho de briche, o barrete branco que parecia um torrador de café, invertido. Iam e vi-nham, batendo as solas com ruido, um grande ar de familia, de poder, os da enfermaria, de avental, arregaçados, o seu bonet de oleado. Á porta, dois estudantes, cheios de abandono, barbas em desleixo, sobrecasacas graves, sujas, fallavam dum caso novo, de clinica. E de quando em quando, um grito irado partia do fundo da enfermaria, fu-las ameaças de morte, os convalescentes riam, co-mentando. Era alguem que tresloucava com a fe-bre. E ao canto, num leito pequeno, cahido como morto, o *doente novo*, jazia. O enfermeiro colava-lhe causticos na nuca, pelas pernas. Um ajudante trazia gelo, numa botelha.

Chegaram mais estudantes.

— Diz-me uma cousa, ó Freitas.

— Que é? cigarros não tenho, filho.

— Ha algum cadaver no anfiteatro?

— Um diabo duma velha torrada. Não cortei: era osso.

— Mais nada?

— Mais nada. E voltando-se para o outro:

— Sabes tu que isto vae o diabo? Não morre

ninguem *com geito*, e eu com duas lições atrazadas! Raios partam os doentes!

Um enfermeiro antigo passava: via-se o seu perfil adunco e cruel, cortado numa linha sarcástica; as orelhas despegadas dos rochedos faziam como duas azas de cartilagem na ovalação do craneo; olhava com umas pupillas glaucas de cobarde espesinhado, e um meio riso continuo e roxo, fazia-lhe um golpe profundo na epiderme engelhada da cara angulosa e cinica. O enfermeiro voltou-se ouvindo a praga do Freitas. E apoz:

— Amanhan temos carne fresca. Entrou agora.

— Sim? fez o outro. Onde está?

O enfermeiro estendeu o braço cabelludo e semi-nú, e com um dedo ignobil apontou o leito do canto:

— É *aquillo além!*...

*Aquillo*, era o velho encontrado sem acordo pela engomadeira do segundo andar.

*Fialho d'Almeida.*

### PRIMEIRA DOR

(AO MEU AMIGO DR. PAULO MARCELLINO DIAS DE FREITAS)

Tão pequenina, já sou  
Neste desterro orfãnsinha,  
Porque da terra voou  
A minha santa madrinha...

Quem para o Ceu a chamou  
Foi dos anjos a Rainha;  
Ella era um anjo... abalou,  
Deixando-me aqui sózinha!

Mas não fiquei sem ninguem,  
Que ainda tenho os carinhos  
Da minha adorada mãe...

E por estes maus caminhos  
Hade guiar-me os passinhos,  
Porque ella... é um anjo tambem!

1879.

*M. Duarte d'Almeida.*

### NUM ALBUM

Mal sabes, nem eu posso descrever-te  
Esta minha fatal melancolia.  
Não me lembra de ver romper o dia.  
Nesta alma é sempre noite, mas ao ver-te  
Porque será que a mim se me converte  
O pranto em riso, a mágua em alegria?!  
Não serás tu o sol que me alumia?

*João de Deus.*

### A VINHA DO SENHOR

(POEMA)

I

— Vós, os que andaes lutando  
A prescrutar as leis da Natureza,  
Que estudaes como e quando  
Os orbes seguem sua redondeza;  
Que buscaes da materia os movimentos,  
Das fórmas animaes o tipo ignoto,  
Os costumes do povo o mais remoto,  
E como o homem gera os pensamentos!

Vós, os que á luz vivendo  
Do Ágora, luctaes, com eloquencia,  
As paixões revolviendo,  
Abrandando-as dos himnos á cadencia;  
Que destacaes da pedra a estatua bella,  
E no palco imitaes a dôr profunda,  
Nos vossos templos majestade abunda,  
E as vossas obras a grandeza as séla!

Mas uma cousa existe,  
Que de Hipparco a seus calculos escapa;  
É véo que os olhos tapa  
A Aristoteles, quanto mais insiste.  
Não a sabe cantar Anacreonte,  
Nem Phidias sobre o marmore a imita;  
É uma força que nossa alma agita,  
É o azul do incognito horizonte.

Essa cousa sublime  
Em vão o pensamento a abrange, e a lingua  
De dizel-a se exime  
Incerta e muda, de expressão á mingoa.  
É como um mar a cuja borda estamos,  
Mas que não tem baixel, que além nos leve;  
O Incogniscivel! Deus! miragem breve;  
Quereis fixal-a? Nós vos ensinamos.

«Fallaes do Deus ignoto? Por ventura  
De Platão daes a ultima palavra?  
De Pythagoras a doutrina escura?  
Da solidão e paz o ensino se abra.

Como é que chegaremos  
Á ignota margem desse mar immenso?  
Pois como vós veremos  
A luz dalém deste horizonte denso?

— Oh, bem pouco é preciso: abandonando  
As palestras dos sabios!

Recebei essas leis que vão notando  
Com o riso nos labios.

Erguei olhos da terra á immensidade,  
Aqui é tudo corrupção e dôres!  
Deixae a multidão e os mil rumores,  
Trocae a solidão pela cidade.

Vinde ás bordas da fonte do baptismo,  
O espirito se eleva

Dahi por sobre o insondado abismo  
Á margem que nos ceva

Com dulcissimos fructos saborosos!  
É lá, é lá a Vinha do Senhor!

Dá-nos a eterna vida o seu calor,  
Dá-nos a sua luz infindos gosos...

Contemplação! É esse o fructo doce!  
 E aquelle que o toca,  
 Sentir-se-ha, por mais triste que fosse,  
 Com alegria louca!  
 Um regosijo, um extasis que prostra,  
 Vital quebrantamento, uma dolencia,  
 Produz o fructo! — e o pômo da Sciência  
 Esse é amargo e duvidas vos mostra!»

E os que andavam luctando  
 A prescrutar as leis da Natureza,  
 A promessa escutando,  
 Foram sentar-se á inebriante meza!  
 A Grecia da Arte, o fóco da Sciência,  
 Da Vinha do Senhor próva a bebida;  
 Do Logos profundando a transcendencia,  
 Cae na Contemplação, para-lhe a vida.

## II

— E vós, ó filhos desse Lacio antigo!  
 Que levaeis armas pela inteira terra,  
 Vinde ouvir a doutrina que se encerra  
 No santo Verbo amigo!  
 As vossas aguias ao transpôr o oceano  
 A gloria levam aos confins do mundo;  
 Quanto não é mais bello o Pelicano?  
 Rasga o seio, jocundo!

Proclamaes a justiça pela espada,  
 Trazendo hordas selvagens para a luz;  
 Mas a conquista só será guardada  
 Pelos braços da Cruz!  
 Não a Cruz dos flagícios, que na praça  
 Se ergue hedionda; mas sim esse madeiro  
 Aonde para revelar a Graça,  
 Deu a vida o Cordeiro.

Qual pôde mais, a Graça ou a Justiça?  
 Qual subjugá com mais intensidade?  
 Uma, a mente hallucina e infeiçada,  
 Outra liga a vontade!  
 Dos codigos deixae a letra morta,  
 Entrae na Vinha do Senhor, — a Graça  
 É pampano que a todos nos enlaça,  
 É o licôr que a mente deixa absorta.

Quem uma vez tocou aquelle fructo  
 Não mais será tocado pelas dores,  
 Nem das riquezas o desejo bruto  
 Sentirá mais ardores.  
 Glorias do mundo e deslustrante fama,  
 E quanto em nós a vida nos provoca,  
 Tudo emfim que se aspira e quanto se ama,  
 Pelo prazer da Graça quem não troca?» —

E esse austero espirito de Roma,  
 Que ao mundo déra bases de Justiça,  
 Levado pela ingénita cobiceja  
 Do dominio, que o dóma,  
 Entrou na Vinha do Senhor, sereno!  
 Provou da Graça o vinho que inebria;  
 Sem conhecer o subito veneno,  
 O Imperio cae na funda lethargia.

## III

Ah, como a Vinha do Senhor é immensa!  
 Céu e terra com seus pampanos cobre;  
 Arde o amor ali em sarça densa,  
 Todos são lá eguaes, o rico e o pobre.  
 Corre um licôr balsamico que abranda  
 As dôres mais cruciantes;  
 Escravos! que mais pôde quem vos manda?  
 Contra o mal sorvei tragos inebriantes.

Vinde aprender a retemperar a alma,  
 Na Vinha do Senhor; a suavidade  
 Do licôr é mais pura que o da palma,  
 Dá-nos o sonho alegre da Igualdade!  
 Quem o provar — sente-se irmão dos grandes,  
 Do rei, do rico e forte!  
 Escravo! escuta: — embora misero andes,  
 Contra ti já não tem poder a morte.

Dos ergastulos surgem os escravos,  
 Sequiosos de provar aquelle vinho,  
 Mais exquisito que os melifluos favos,  
 Qual flôr que desabrocha dentre espínho.  
 Foram crédulos, mudos e atentos  
 Ouvir esse misterio!  
 Irromperam então os grandes ventos,  
 Que fazem prompto desabar o Imperio.

## IV

Os fracos e os tristes tambem querem  
 Buscar na Vinha do Senhor azilo;  
 Ás cidades a solidão preferem,  
 E o silencio tranquillo.  
 Hallucinadas na febril ardencia,  
 Fecharam-se as mulheres na clausura,  
 É um prazer sensual que se procura  
 Agora a penitencia.

Do joven-Deus que morre e ressuscita  
 A orgia sagrada se propága,  
 Contagio do Oriente, a Europa agita,  
 A todos embriaga!  
 O mundo foi então um grande choro,  
 Esteve a terra em sombra triste immersa;  
 Supprimiu-se á Rasão o excelso fóro,  
 Abafá-se a perversa!

Arde em todos a santa labareda,  
 Que o pungimento solitario atíça!  
 O homem perde a lucida vereda  
 Da Sciência e da Justiça!  
 Como acordar da embriaguez do Vinho?  
 Quem ha que a antiga orientação renove?  
 Revolta-se a Rasão — acha o caminho  
 Ao grito — *E pur si muove!*

*Theophilo Braga.*



## AS NOTAS DE VIAGEM

DE RAMALHO ORTIGÃO



**O** AUTOR foi vêr a *Exposição*. Ha annos tinha ido divertir-se. De então deu-nos *Em Paris*, hoje dá-nos as *Notas de Viagem*: comparem-se os dois livros, verifiquem-se as impressões, note-se o que lhes disperitou o interesse, e concluir-se-ha que entre as duas viagens á moderna e mundana Meka, entre os dois livros do vivo estilista, se deu algum caso grave.

Antes, o autor via principalmente em Paris a *maison dorée* e as brilhantes carruagens do *bois*; agora vou apostar que se limitou a ir jantar modestamente á taberna de Londres; e sabemos que sobretudo o impressionaram os jardins de infancia, os tão apregoados *Kinder-gartens*.

Antes, era um *dandy* que cumpria o dever sagrado de ir beijar a santa Kaaba da sua fé; agora é um homem preocupado com as cousas do tempo, saturado de opiniões, talvez um pouquinho demasiado crente numa outra fé, certamente melhor, mas nem por isso infallível — o seu querido positivismo. Ninguém supponha comtudo que o sr. Ramalho Ortigão pediu para a viagem ao sr. Theophilo Braga aquelle *sobretudo* com que o pinta a subir o Chiado; nem que em Paris foi perguntar ao sr. Littré onde compra os oculos com que apparece nos retratos. Não, o sr. Ramalho adoptou o positivismo, mas ficou homem-do-mundo. Foi com o seu *ulster* bem talhado, e com um *pince-nez* moderno.

Toda a gente sabe que o sr. Ramalho Ortigão reúne tres cousas raramente reunidas: — é um homem de bem, um character nobre e altivo; é um modelo de lhaneza e fina cortezia, e além disto — ó espanto! — um literato. É o que menos suspeita quem o trata.

No intervallo das suas duas viagens cahiu o imperio, troou a *communa*, appareceu a Alemanha: a Europa adquiriu uma feição nova, e é fóra de duvida que a antiga acabou. Por temeraria que pareça a approximação, o facto é que a revolução da Europa, senão determinou, coincidiu com a conversão do nosso autor. Reconheceu a futilidade do dandismo, condemnou a corte sibarita dos Napoleões, — talvez se arrependesse da garrafa de Porto, que mandou ao *homem de Sedan*, — e se não se declarou abertamente republicano foi porque o seu bom senso lhe segredou ao ouvido o pouco alcance da variação de rotulo nas instituições. Talvez, quem sabe? por achar banal a republica, e de mau gosto os homens graves e rochonchudos que governam em Paris, satisfeitos de si como quem tem a certeza das grandes cousas que pratica. Valha-lhes isso!

O socialismo está menos batido. Póde ser louco, mas já-mais será banal. Póde irritar, mas não enjôa; afligirá mas não adomece; será um ferro em braza, mas não é uma tisana. O sr. Ramalho Ortigão esteve por um triz a *dar o nome ao socialista*, como se diz nos clubs populares.

Não o deu, porém, como o não dera ao republicano. Assentou praça no positivismo. Não quiz ser politico, fez-se filosofo; voltou as costas aos partidos, entregou-se todo aos seus estudos de observação picante dos costumes portuguezes, e as *Farpas* serão indispensaveis a todo aquelle que de futuro quizer saber como foi pelos annos de 70 a 80 este jardim á beira mar plantado.

O antigo homem das frescatas *Em Paris* tinha morrido:

foi outro o que embarcou a bordo do vapor do Havre para ir vêr a exposição de 1878.

Foi esse outro, o actual, o definitivo, foi esse o autor das *Notas de Viagem*.

Que dizem ellas? Faltava agora que o dissesse eu. Iria contar o que o autor viu, o que pensou, o que fez, esperando acaso que depois disso o leitor indifferente procurasse o livro? *Notas de Viagem* não se criticam: são as impressões de cada qual, e impressões não se discutem, opiniões sim. Por isso, terminando, uma observação apenas: não é verdade que a arte parece destinada a um fim diverso do de enfeitar a casa do sr. Lepère ou qualquer outro tendeiro rico?

Oliveira Martins.

## MORS LIBERATRIX

Na tua mão, sombrio cavalleiro,  
Cavalleiro vestido de armas pretas,  
Brilha uma espada, feita de cometas,  
Que rasga a escuridão, como um luzeiro.

Caminhas no teu curso aventureiro,  
Todo involto na noite que projectas...  
Só o gladio de luz com alvas bétas  
Imerge do sinistro nevoeiro.

— «Se esta espada que empunho é coruscante,  
(Responde o negro cavalleiro andante)  
É porque esta é a espada da Verdade.

Firo, mas salvo... Prostro e desbarato,  
Mas consólo... Subverto mas resgato...  
E, sendo a Morte, sou a Liberdade.»

Porto, 1879.

Anthero de Quental.

## A NADAL

Que fogo, meu Deus! que fogo  
No teu olhar andaluz.  
D'olhos taes a um leve rogo  
Satan beijaria a cruz!

Eu trago a existencia em jogo,  
Desde que a vista lhes puz.  
Se os não vejo, é noite logo  
Se os vejo, cega-me a luz.

E este peito meu? Incantal-o  
Do modo o mais singular  
Com esses filtros, mulher!

A ponto que eu — novo Tantaló, —  
Desespero, — de te olhar  
E morro, — de te não ver.

1879.

M. Duarte d'Almeida.



## OPINIÕES Á CERCA DA CITANIA



NÃO obstante a firmeza com que alguém recentemente afirmava o contrario, poucos assuntos terão dado lugar em Portugal a tantos escritos, como as ruínas da Citania.

A novidade da exploração entre nós, a estranheza dos vestígios encontrados, a origem enigmática de uma povoação perdida, tudo concorria a provocar a curiosidade dos entendidos e amadores de antigualhas, e a excitar a veia jovial e zombeteira daquelles que estão sempre dispostos a rir e a zombar de quanto ultrapassa a esfera acanhada dos seus conhecimentos.

Hoje, que principia a fazer-se alguma luz por entre as trevas que obscurecem vestígios de tão remota antiguidade, não parecerá de certo ocioso emprehender uma breve resenha das opiniões que modernamente se tem expellido á cerca da Citania. A comparação de tantos juízos diferentes servirá de auxilio áquelles que tratam de apurar a verdade nos pontos mais controversos; e ao mesmo tempo de mostrar o interesse que dentro e fóra de Portugal se tem ligado a este assunto. Por aqui se verá tambem que as explorações do sr. Francisco Martins Sarmento, comquanto desacompanhadas de toda a protecção dos governos, tem merecido um grande interesse da parte de todos que entre nós sabem apreciar a importancia dos monumentos archeologicos para o estudo da historia. Deixando de parte os precusores que nos seculos XVI, XVII e XVIII se referiram ás ruínas da Citania, o primeiro que modernamente se occupou dos vestígios ali encontrados foi o sr. Joaquim Possidonio da Silva. Em 1876 publicou uma noticia e uma estampa da *Pedra formosa*, que qualificou de stela ou cippo funerario, vendo nos seus ornatos o estilo romano, e até algumas letras do alfabeto, empregadas como caracteres numericos (1). O sr. Possidonio declara ter recorrido ao archeologo francez De Caumont, que classificara a *Pedra formosa* como cippo funerario e não como ara.

Das ruínas consideradas em geral tratou primeiramente o fallecido marquez de Sousa no *Diario da Manhã*. Ali descreveu minuciosamente os vestígios encontrados na Citania, comparou a fórma das casas com a das *nuraghas* da Italia e *round towers* da Irlanda e julgando provavel ter sido aquella uma cidade celtica, pareceu-lhe todavia prematuro apresentar afoitamente essa opinião.

As esculturas considerou-as *pre-romanas*, e a respeito da *Pedra formosa* inclinou-se á opinião de que seria uma *ara de sacrificios*, expondo, porém, algumas observações contrarias a esse parecer.

Na ornamentação escultural pareceu-lhe vêr reproduzido como thema o *arani* ou sinal de fogo dos antigos arios, o que se fosse verdade, confirmaria a opinião da origem indoeuropêa dos habitantes da Citania. O marquez tambem notou cuidadosamente os vestígios da influencia da civilização romana, achados na Citania, mostrando-se assim convencido de que a povoação existia ainda na época em que a Peninsula Iberica esteve sujeita ao dominio de Roma (2).

Logo depois o sr. Luciano Cordeiro communicou á Sociedade de Geografia de Lisboa uma noticia da Citania que mais tarde appareceu num jornal hespanhol illustrado (3).

O sr. Luciano Cordeiro remonta as origens da Citania á

(1) *Boletim Architectonico e de Archeologia*, n.º 9, Lisboa, 1876.

(2) *Diario da Manhã*, 1877, n.ºs 452, 454 e 655.

(3) *La Academia*, tom. I n.ºs 21, 23, 25 e tom. II n.º 4.

noite dos tempos prehistoricos, pois diz ter visto dois dolmens, e um delles furado, á beira das calçadas, fóra do recinto dos muros. O autor descreve os restos das casas que compara ás *hüttes* ou *urnas-hüttes* allemans da época do bronze, e considera a *Pedra formosa* como uma *ara de sacrificios*.

Um facto extremamente notavel, direi até inverosimil em Portugal, augmentou a importancia das ruínas e deu assunto a novos escritos. A convite do explorador, o sr. Francisco Martins Sarmento, muitas das pessoas mais competentes em Portugal para as apreciarem, visitaram, em 8 de junho de 1877, as ruínas da Citania.

Desta visita e conferencia archeologica appareceram então nos jornaes muitas noticias descritivas, a mais completa das quaes julgo ter sido a do sr. Manuel Maria Rodrigues no *Commercio do Porto* (1).

O autor desta noticia publicou depois no mesmo periodico uma serie de artigos á cerca da Citania (2). Das longas considerações em que se espraou, discutindo opiniões de escriptores antigos, algumas das quaes hoje pouco valem, concluiu:

«Que a Citania é de origem celtica e que celtas ou celtiberos foram os seus moradores; — que os romanos não habitaram nella; — que a *Pedra formosa* é uma ara celtica; — que o baixo relevo representa uma scena guerreira em que são personagens dois combatentes celtiberos; — que a mesma povoação era guerreira de profissão, como o patenteia a triplice cintura de grossas muralhas, cujos restos ainda hoje existem; — que a Citania não é a Cinninia de que falla Valerio Maximo, e finalmente que não foi destruida pelos invasores romanos, mas abandonada pacificamente pelos seus habitantes primitivos.» O sr. Rodrigues declara não seguir a opinião de que o *Penedo furado* seja um dolmen. Este foi um dos poucos pontos que, principalmente, pelas observações do sr. Delgado, parece terem ficado resolvidos na conferencia, excepto para o sr. Pereira Caldas, que num periodico do Porto se esforçou ainda por conservar á Citania os seus *monumentos dolmênicos* (3). Se bem me recordo, deram alguns jornaes a noticia de que o sr. Aragão, apresentara á Academia Real das Sciencias uma memoria em que se declarava contra aquelles que diziam ter sido a Citania uma povoação celtica, parecendo-lhe antes romana. Pela minha parte, expendi tambem a opinião que formava dos vestígios que observara no monte de S. Romão de Briteiros (4). Dei como provavel a origem celtica da povoação, cujos habitantes durante a dominação romana conservariam alguns dos seus costumes primitivos e adoptariam outros dos dominadores. Neguei a existencia dos pretendidos dolmens, e, relativamente á *Pedra formosa* sustentei que não poderia ter sido altar e que teria sido lavrada para occupar a posição vertical. Em 1877 o sr. Simão Rodrigues Ferreira publicou uma memoria historica á cerca das ruínas da Citania, que julga ter sido uma cidade celto-gauleza, fundada pelos *Galicis*, dos quaes a Galiza tomou o nome. «Estes povos porém, acrescenta o autor cuja orthografia respeitaremos, não foram autotcthones destas terras, que já foram habitadas por uma raça de povos mais antigos, os constructores das penhas, dos dolmens e mais monumentos cyclopes; povos trodoglitas, que viviam debaixo das lapas, e em cavernas subterraneas, e que ainda não conheciam, nem usavam dos metaes para a facilidade e aperfeiçoamento do trabalho.» (5)

(Conclue.)

A. Filippe Simões.

(1) *Commercio do Porto*, 1877, n.ºs 187, 188 e 189.

(2) Idem, idem n.º 190 e seguintes.

(3) *A Actualidade*, 1877, n.º 141.

(4) *O Instituto*, tom. XXIV, 1877, pag. 275 e 284.

(5) *Ruínas da Citania, Memoria Historica* por Simão Rodrigues Ferreira. Porto, 1879.

## MANHANS BRUMOSAS

(VERSOS DUM INGLEZ)

Aquella, cujo amor me causa tanta pena,  
Põe o chapéo ao lado, abre o cabelo á banda,  
E com a forte voz cantada com que ordena,  
Lembra-me, de manhan, quando nas praias anda,  
Por entre o campo e o mar, bucolica, morena,  
Uma pastora audaz da religiosa Irlanda.

Que linguas fala? A ouvir-lhe as inflexões inglezas,  
— Na nevoa azul, a caça, as pescas, os rebanhos! —  
Sigo-lhe os altos pés por estas asperezas;  
E o meu desejo nada em época de banhos,  
E, ave de arribação, elle enche de surpresas  
Seus olhos de perdiz, redondos e castanhos.

As irlandezas teem suberbos desmazelos!  
Ella descobre assim, com lenticões ufanas,  
Alta, escorrida, abstracta, os grossos tornozellos;  
E como aquellas são maritimas, serranas,  
Suggere-me o naufragio, as musicas, os gelos  
E as redes, a manteiga, os queijos, as choupanas.

Parece um «rural boy!» Sem brincos nas orelhas,  
Traz um vestido claro a comprimir-lhe os flancos,  
Botões a tiracollo e applicações vermelhas;  
E á roda, num paiz de prados e barrancos,  
Se as minhas máguas vão, mansissimas ovelhas,  
Correm os seus desdens, como vitellos brancos.

E aquella, cujo amor me causa tanta pena,  
Põe o chapéo ao lado, abre o cabelo á banda,  
E com a fórte voz cantada com que ordena,  
Lembra-me, de manhan, quando nas praias anda,  
Por entre o campo e o mar, catholica, morena,  
Uma pastora audaz da religiosa Irlanda.

Foz do Tejo, 1877.

Cesario Verde.

## IDILIO TRISTE

Ó labios matinaes, tranças doiradas,  
Ó seios fulgurantes de candura,  
Cheios de palidez e de frescura,  
Involto pela luz das madrugadas!

Vinde escutar as misticas balladas,  
Os canticos de magica doçura  
Das flores ideaes, na sepultura  
Onde dormem as castas namoradas.

Em noites bellas, de luar dormente,  
Sahem dali cantigas misteriosas  
E um choro mavioso e transparente.

Parece até que as pombas langurosas  
Caminham pelo azul, constantemente,  
A olhar para essas campas tenebrosas.

Porto, 1879.

Xavier de Carvalho.

## ATALANTA

Era uma vez um rei. Tinha uma filha  
Tão celebre e formosa rapariga,  
Que era a mais decantada maravilha  
De toda a Grecia antiga.

Além das graças, era ennobrecida  
De tanta agilidade e tanta força,  
Que decerto excedia na corrida  
A rapidez da corça.

Requestavam-na mil;\*mas, entre todos,  
Quem seria o feliz, o esposo eleito?  
Scismava o rei, buscando traça o modos  
De decidir o pleito;

E resolveu-o emfim desta maneira:  
— «Se algum de vós possue destreza tanta,  
Que vença minha filha na carreira,  
Possuirá Atalanta.» —

Eil-os a postos. Cada qual se empenha  
Por correr mais que a esplendida princeza;  
Mas é de balde: ninguem ha que tenha  
A mesma ligeireza.

Hippomenes, um moço dessas eras,  
Provado atleta, donairoso e amante,  
Receava e pungia-lhe devéras  
Não sair triunfante.

Consultou tudo: o amor, a sciencia, o agoiro;  
E, á voz do amor, secreta e lisongeira,  
Sobraçou um cabaz de pomos de oiro  
E lança-se á carreira.

Corre a par Atalanta, acompanhando  
Os largos passos do sagaz visinho,  
Que a pouco e pouco os pomos vai largando  
Ao longo do caminho.

Quem póde resistir a pomos de oiro?...  
Distrai-se a velocipede garbosa,  
E, sem temer derrota nem desdoiro,  
Os pomos colhe anciosa.

E, enquanto ella os apanha, o moço atleta  
Sofregamente os passos ajiganta;  
Do ajustado percurso chega á meta,  
E... venceu Atalanta.

Venha a moralidade. Vós, leitoras,  
Perante quem, nós homens, nada somos,  
Serieis porventura vencedoras  
Perante aquelles pomos?

Candido de Figueiredo.



## LAGRYMAS

Uma vez, entre as pétalas nevadas  
Duma camélia, em busca d'agalho,  
Cahiram da amplidão vasta choradas  
Duas lagrymas trémulas d'orvalho.

E quando o sol nasceu gloriosamente  
Enchendo o espaço de harmonias cêrulas,  
Ha pouco abandonadas rudemente,  
Já brilhavam agora como pérolas.

As que eu choro, porém, se porventura  
Te cahissem na flôr misteriosa,  
Que abre as pétalas cheias de doçura  
Em teu peito numa ancia luminosa,

Como constellações no azul magoado,  
Vel-as-ia um momento apoz brilhar,  
Oscilando num extase sagrado  
Na noite soluçante desse olhar.

1879.

Joaquim d'Araujo.

## CONSULTA

Chamei em volta do meu frio leito  
As memorias melhores de outra idade,  
Formas vagas, que ás noites, com piedade,  
Se inclinam, a espreitar, sobre o meu peito...

E disse-lhes: — No mundo immenso e estreito  
Valia a pena, acaso, em anciedade  
Ter nascido? dizei-mo com verdade,  
Pobres memorias que eu ao seio estreito...

Mas ellas perturbaram-se — coitadas!  
E empalideceram, contristadas,  
Ainda a mais feliz, a mais serena...

E cada uma dellas, lentamente,  
Com um sorriso intimo, pungente,  
Me respondeu: — Não, não valia a pena!

Anthero de Quental.

## MÃE

O filho do meu amor,  
O meu loiro e doce anjinho,  
Guiae-mo sempre, Senhor!  
Pelo vosso bom caminho!

De mim, fazei como fôr  
Do vosso agrado... Adivinho!  
Pequei, é justo que a dôr  
Rasgue este seio mesquinho.

Para a pobre abandonada,  
Sem amor, sem pão, sem nada,  
— Nada vos ousou pedir;

Mas elle, o meu anjo loiro,  
O meu unico thesoiro,  
Ah! não mo deixeis fugir.

M. Duarte d'Almeida.

## A PROVIDENCIA (1)

Maria gostas de contos?  
Ouve um que te vou contar,  
Em que ha uns certos pontos,  
Em que deves reparar.

Uma vez uma menina,  
Dessa idade ou pouco mais,  
Chamada ella Angelina  
Era o encanto dos paes.

Os paes eram pobresinhos  
Não a podiam trazer  
Bem vestida, coitadinhos!  
Mas que haviam de fazer?

Nem tudo a todos é dado  
E, vestir bem, vestir mal,  
Andar limpinho aceado  
É o ponto principal.

Ella o cabello, as orelhas,  
O rosto, o pescoço, enfim  
As mesmas chitinhas velhas  
Cheiravam a alecrim.

Só isso, fosse ella cega  
Lhe dava graça a valer,  
Quanto mais que era tão meiga,  
Que mais não podia ser.

Ás vezes que não havia  
Em casa restos de pão  
E a pobre mãe não podia  
Reprimir a afflicção;

Já ella, toda anciada  
Por vêr a chorar a mãe,  
Principiava, — coitada! —  
Com as lagrymas tambem:

Não sei porque se consome  
Em não tendo que me dar  
A mim não me custa a fôrme,  
Custa-me vel-a chorar.

E beijando e abraçando  
A mãe para a distrair,  
Toda trémula chorando,  
Fingia que estava a rir.

Quando chegou á idade  
De já dizer tudo bem,  
Claro e com facilidade,  
A mãe fez o que convem.

Pol-a na escola; que a gente  
Não é como os animaes,  
Que veem unicamente  
Com a vista, — nada mais.

Quem teve a grande desgraça  
De não aprender a ler,  
Sabe só o que se passa  
No lugar onde estiver.

(1) Versos escritos expressamente para serem recitados por Joaquim d'Araujo no oitavo anniversario de Maria da Graça Nogueira. (29 de dezembro de 1877.)

Assim como um porco immundo  
Só vê dois palmos de chão.  
Do mais que vai pelo mundo  
Como pôde dar razão?

Pól-a na escola que havia  
Duma senhora de bem,  
Que ensinava e recebia,  
Só dos ricos, mais ninguém.

Lá a levou, vestidinha  
Pobremente, já se vê,  
E toda envergonhadinha,  
Talvez sem saber de que.

A mestra, que se a algumas  
Tratava com mais amor,  
Era ás pobres, disse a umas  
Das que trajavam melhor:

— Todas são alunas minhas,  
Aqui todas são iguaes,  
(Que ás vezes as pobresinhas  
Tendo menos, valem mais.)

Façam logar as meninas  
A esta que agora vem.  
Como é das mais pequeninas,  
Ahi no meio está bem.

E ella sentou-se no meio  
Das taes, por sinal até,  
Mostrando certo receio  
De se chegar para o pé.

Com effeito era mania  
Das taes meninas mofar  
Da pobre, que não podia  
Tanta riqueza ostentar.

E mal víram descuidada  
A mestra com outras, diz  
A que era mais estouvada  
A zombar da infeliz:

— Quem lhe deu esse vestido?  
Isso era de sua mãe;  
Porque lhe está tão comprido...  
Isso que prestimo tem?

Diz a outra: — Olhe esta fita  
De cabelo! — era melhor  
Atal-o com uma guita...  
Já nem se lhe sabe a côr!

Assim levaram o dia  
A ponto que já as mais,  
Entravam na zombaria,  
Que estavam fazendo as taes.

A pobre, com a vergonha  
Porque a fizeram passar,  
Á noite deita-se e sonha...  
Que havia de ella sonhar?

Que vê cair uma estrella  
Do grande colár de Deus,  
Tão brilhante que só ella  
Alumiava esses céos.

A estrella vinha descendo,  
Aparando-se no ar,  
Como uma pomba, sustendo  
As azas para poisar.

E poisou a poucos passos.  
E ella, cega de esplendor,  
Sente que a tomam nos braços  
E a beijam com muito amor.

Beijos como lhe não dera  
A propria mãe que a gerou...  
Mas essa mãe bem não era;  
Qual era? Nisto acordou.

Abre os olhos, vê na meza  
Onde a mãe tinha uma cruz,  
Oh que enxoval! que riqueza!  
Começa: — Jesus! Jesus!

Acode a mãe, e pasmada  
Espantada do que vê,  
De mãos postas e ajoelhada,  
Resa sem saber o quê.

Ergue-se apoz, e desdobra  
Uma capa, um chale, um véo,  
Vestidos todos de sobra,  
E tudo feito do céo.

Da mesma seda tão pura  
De tão delicada côr,  
Que a gente vê nessa altura,  
Onde está Nosso Senhor.

Duma seda entremeada  
De estrellinhas, taes e quaes  
As duma noite estrellada,  
Brilhantes como cristais.

Ao outro dia, Angelina  
Vai á escóla, e mal entrou  
Parece que luz divina  
Toda a casa alumiou!

Oh, como aquellas vaidosas  
Não haviam de ficar!  
De vergonha, as presumpçosas  
Nem levantavam o olhar.

Assim é que a Providencia  
Costuma fazer aos vis,  
Que levam a insolencia  
A zombar do infeliz.

Hoje é dia dos teus annos:  
— O presente, que eu te dou,  
É mostrar-te os desenganos,  
Que esperam quem se exaltou.

Quizera que toda a vida  
Te conservasse o Senhor,  
Meiga, humilde e condoida  
Com a miseria e a dor.

João de Deus.

## AOS HOMENS DO CONCILIO

(A THEOPHILO BRAGA)

Triste como um heroe da Liberdade,  
No duro cepo de prisão sombria;  
Assim, d'olhos no seculo, vivia  
Sob o jugo de Roma a christandade.

Pobre martir! Sedenta de verdade,  
Suspirava anciosa pelo dia  
Da nova redempção. . . A theocracia  
Tinha os odios da culta humanidade.

E é então que do excelso Vaticano  
Atiraes novo dogma ao rosto humano,  
E á Sciencia, um raio de pueris assombros?!

A tão cinica e barbara insolencia,  
Os povos blasfemaram. Quanto á Sciencia,  
Essa, encolheu tranquillamente os hombros.

Miranda do Douro.

Manuel Sardenha.

## AOS MEUS VERSOS

Ó sonhos! ó canções! nas claras madrugadas,  
A sacudir ao sol as azas orvalhadas,  
Dispersai-vos no azul!  
Noutro doirado clima ide buscar guarida,  
Que a Morte desfolhou-me a arvore da Vida  
Como o vento do sul.

Mas antes de rasgar o espaço immaculado,  
Ó aves! descansae no marmore sagrado,  
Onde o seu corpo jaz;  
E enquanto a alma exulta em paramos celestes  
Cantai, como um adeus, na rama dos ciprestes  
Um cantico de paz.

Lisboa, 1879.

Fausto d'Alvevedo.

## ETERNO AMOR

Tenho-te amado e tenho-te cercado  
Do que em mim ha de affecto e de carinho,  
Como a mãe livra o filho idolatrado  
Da agrura e da aspreza do caminho.

Tenho-te amado e tenho-te rodeado  
Do amor, que encerra um coração mesquinho,  
Como a ave rodea de cuidado  
A sua companheira e o seu ninho.

E tu tambem o meu amor compensas,  
Com todo o teu amor, e quando pensas  
No nosso sonho de ideaes meiguices,

Dizes, (e um negro véo tolda-te a face) :  
«Que seria de ti, — se eu te faltasse?  
«Que seria de mim, — se me fugisses?»

1879.

Maximiano Lemos Junior.

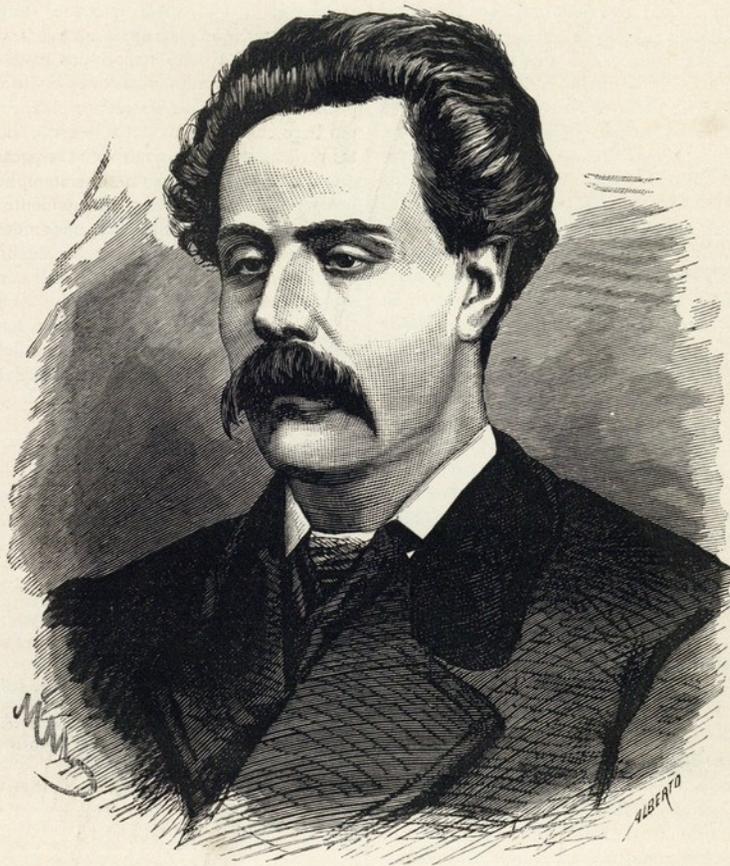
## GUILHERME BRAGA

I



QUANDO o bello panfleto de Anthero de Quental — *Bom senso e bom gosto*, a proclamação dos direitos do homem da escola coimbran, como lhe chamou recentemente um escritor distincto, cahiu como um raio sobre a pacatez banal do compadrio das gazetas do Poço de Borratem, havia muito já que no norte de Portugal se operava lentamente uma revolução, posto que indefinida e vaga, contra os modelos convencionaes da poesia pastoril de que o sr. Castilho era grão-sacerdote. A epopeia victor-hugana encontrára no Porto uma valente legião que a recebera com os braços abertos, como quem recebe a boa nova, e quando as *Odes Modernas* e a *Visão dos Tempos*, dois livros que hão de ir pelas idades fóra, como verdadeiros monumentos, foram conhecidos do publico, já as valentes e heroicas estrophes de Custodio José Duarte tinham atrahido todos os moços poetas do norte, como o sino grande das communas chamava outrora os populares á defeza dos seus direitos consagrados. Presentia-se no horizonte alguma coisa de grande e de desconhecido, e a revolução literaria, que mais tarde se havia de afirmar tão poderosamente, começava a radicar-se na poesia portugueza. As composições viris e robustas de Custodio José Duarte, vistas hoje, tantos annos depois de publicadas pelo glorioso poeta, são maravilhosos palacios de poesia; perpassa nellas como que um fluido magnetizador, que nos commove e que ao mesmo tempo nos subjuga.

Custodio José Duarte era alumno da escola medica do Porto. Nesse tempo havia naquella terra uma mocidade cheia de talento para largos cometimentos, a par duma honestidade que resistia a poemas do lupanar. Não existia ainda o moderno *pilha* de jornaes, e os noticiaristas eram, por exemplo, Ramalho Ortigão um homem que é hoje uma verdadeira celebridade literaria, apenas comparavel ao seu caracter cavalheiroso, um dos mais alevantados e firmes que temos logrado conhecer. Julio Diniz publicava com o seu pseudomino feminil e doce as suas primeiras novellas, tão idealmente pitorescas; de natureza receiosa e timida como as suas creações o mostram, enviava a Nogueira Lima, em letra contrafeita, os seus primeiros versos para sahirem na *Grinalda*; Amorim Vianna introduzia em Portugal os estudos filosoficos revestidos á moderna, e analisava desassombadamente as contradicções economicas de Proudhon; Leonel de Sampaio illuminava com a sua colaboração artisticamente irudita as paginas graves e methodicamente pezadas do *Commercio do Porto*; estava perto a epoca em que Augusto Soromenho, nos momentos em que abstrahia dos seus estudos severos, compunha dramas para um futuro empresario apresentar como obras do proprio lavôr; Miguel Angelo, essa assombrosa vocação musical, que mereceu a Joaquim de Vasconcellos palavras que este abalisado especialista não dirigiu a mais ninguém, insuflava uma vida nova ao vulto marmoreo do *Eurico*; Urbano Loureiro apresentava ás primicias do seu talento humoristico, vivaz, inquieto, aparentemente hostile a quantos appareciam, mas cheio do raro bom senso e da nitida observação que fizeram delle um publicista notabilissimo duma feição moderna, inteiramente desconhecida entre nós; Rodrigues de Freitas dava na Polytechnica as brilhantes lições, que lhe grangearam a reputação precoce, tão brilhantemente confirmada agora nas suas afirmações vigorosas de economista, de



### GUILHERME BRAGA

(De uma photographia do sr. Bastos)

professor, de tribuno e de representante do povo; Alexandre Braga conquistava no fôro um lugar tão eminente, como o que deixara nas letras, onde a sua passagem assignalada em versos opulentos, como nenhum dos seus contemporaneos escreveu, arrancou palavras de louvor merecido ao grande historiador Alexandre Herculano; Antonio Girão animava com a sua conversa scintillante, cheia de observação e nitidez, os *ca-vacos* da *Agua de Ouro*; e enquanto os prêlos se lembravam ainda de publicações como a *Peninsula*, onde Delfim Maria de Oliveira Maia provou que se pôde ser do mesmo passo um distincto jurisconsulto e um escritor de merito, onde Costa e Almeida e Arnaldo Gama publicaram trabalhos importantes, a *Grinalda*, dirigida pelo incansavel Nogueira Lima, era a arena onde appareciam todos os combatentes novos.

Custodio Duarte foi um mestre, na accepção mais subida da palavra. Dos seus discipulos — os seus melhores amigos — nenhum o invejava: todos o adoravam, simplesmente. Em tor-

no delle, como os planetas que giram em volta do sol, aggre-miou-se o que de melhor havia na mocidade portuense, e na loja de ourivesaria do redactor da *Grinalda* eram escutadas num silencio religioso, como o dum templo, por Alexandre da Conceição, Dias de Oliveira, Guilherme Braga e Pedro de Lima as bellas odes gloriosas, a que o talento admiravel de Custodio imprimia a um tempo o perfume delicado do Victor Hugo das *Orientaes* e a concisão bronzea duma execução dan-tesca.

A loja de Nogueira Lima era uma academia de literatu-ra, permanentemente aberta. Não havia interrupção nas *ma-tinées* literarias nem nos serões poeticos; naquella bella cida-de onde Herculano escrevera ao fragor da peleja das nossas luctas civis o mais bello e severo livro de poesia que o se-culo xix produziu neste paiz, e que tantos pontos de con-tacto apresenta com as *Odes* do sr. Quental, apparecia uma nova geração de poetas, cujas obras constituem um dos me-

lhores capitulos da historia moderna de Portugal. Que esses poetas estavam em desaccordo inconsciente com as *boninas e os lirios castos*, que a rotineira musa de Lisboa celebrava nas suas endeixas conceituosas, é um facto incontestavel; não havia um plano preconcebido, é certo, mas havia afirmações poderosas, symptomas duma vida nova que estava como que latente. O *Noivado do Sepulchro*, essas cadentes estancias duma sentimentalidade ossianica, com que Soares de Passos quiz aclimatar entre nós a tristeza das baladas do norte, aferidas pela craveira de Millevoeye, deixava de ser um modelo, e os que aplaudiam ainda ha pouco essa melancolia, cheia duma morbidez, impossivel por demasiado doentia, começavam a agrupar-se em torno de João de Deus, um dos maiores liricos do mundo. O eloquente protesto contra a condemnação dos *Lusiadas* pelo autor dos *Quadros historicos* acha-se no *Bejense*, firmado por João de Deus; nunca sentença tão simples e tão profundamente severa foi pronunciada em nossos dias: — *condemnar os Lusiadas, porque não servem para Cartilha de Mestre Ignacio, é o mesmo que condemnar a Cartilha de Mestre Ignacio, porque não serve para epopeia nacional.*

É certo que fóra da corrente banal da terna saudade, em Lisboa a *Paquita* e mais tarde o *D. Jaime* haviam reagido em sentido diverso contra as consagrações da opinião; Castilho acudira, porém, pressuroso a chamar a si os talentos de Thomaz Ribeiro e Bulhão Pato, posto que o prefácio do livro deste ultimo seja uma condemnação inexoravel dos pontos de vista do primoroso metrificador. A distancia, porém, era tão completa entre os literatos de Lisboa e os do Porto, que estes brilham nas publicações da capital pela mais completa ausencia.

Quem vê o Porto de hoje tão pacato e tão sosegado não imagina sequer a immensa vida do Porto de hontem, do Porto contemporaneo. As questões politicas preocupavam, com as questões literarias, a opinião: aos tribunos populares como Custodio José Vieira, Joaquim Marcellino de Mattos e outros, á *Águia de Ouro*, tão agitada, dos Navarros, dos amigos de Faria Guimarães, dos Delfim Maia e demais precursores da *Janeirinha*, correspondiam os dramas levados em beneficio da insurreição polaca, os versos revolucionarios e patrioticos, o duello de Ramalho Ortigão e de Anthero de Quental.

As grandes ideias são como correntes que atravessam o mundo, disse Rénan: são passados quinze annos depois do apparecimento dos panfletarios de Coimbra, e, neste lapso de tempo, não ha quem deixe de afirmar que os versos de Anthero de Quental são dos mais notaveis que a Peninsula tem produzido, não ha quem se arroje a negar que Theophilo Braga é um dos mais incansaveis trabalhadores da Europa e que, entre nós, em conflicto permanente com a sociedade portugueza, é quem tem posto em discussão maior numero de ideias, agitando mais que ninguem o espirito nacional. Quem poderia dizer que desse movimento desordenado e immetodico sahiriam esses bellos trabalhos, que se chamam a *Historia de Portugal* — um livro onde o sr. Oliveira Martins nos revela uma sociedade portugueza inteiramente desconhecida, que nos deixa como estupefactos — as *Questões da Lingua Portugueza* do sr. F. Adolpho Coelho e o *Crime do Padre Amaro* do sr. Eça de Queiroz? Quem poderia prevér que a *Historia de literatura portugueza* succederia ás *Theocracias literarias*, como o gigantesco plano da *Visão dos Tempos* se seguiu á colleçãozinha das *Folhas Verdes*?

Ao terminar a sua brilhante carreira na escola-medica, Custodio José Duarte partia para a Africa, e o claro sol dos dias azues daquella mocidade, tão boa, tão generosa, começava a empalidecer. Alexandre da Conceição ia, engenheiro, para Pinhel; Dias de Oliveira fugia da patria, exilava-se voluntariamente; Pedro Lima tinha como futuro as abobadas

do carcere vulgarmente chamado correio do Porto, onde o encaixaram praticante, e Guilherme Braga era feito distribuidor do juizo ordinario não sei de que vara civil. Por esse tempo chegava ao Porto o irmão de Custodio Duarte, um formoso coração e um adoravel poeta, Manuel Duarte de Almeida, que vinha assistir á dispersão daquelle bando de rapazes alegres, são e fortes, que partiam, muitos delles, para nunca mais se encontrarem. O bello tempo dos cavacos do *Portuense*, da narração das aventuras errantes e pitorescas do Fajardo, especie de *Casa Nova* de obra grossa, cujas memorias seriam um livro curiosissimo; das collaborações poeticas das modestas revistas sustentadas muitas vezes puerilmente, á custa de grandes sacrificios; das reuniões em casa de Nogueira Lima; dos saraus, e dos outeiros, em que Guilherme Braga se distinguia como um repentista dos mais notaveis, sumira-se para não mais voltar; elles diziam-lhe adeus com a mesma saudade, com que uma mãe depõe uma corça de rosas num tumulo querido.

Na Africa, o talento de Custodio José Duarte elevou-se a uma altura, a que poucos tem chegado; os seguintes versos que elle, não ha muito, escondeu modestamente num *Almanach de Lembranças*, mostram bem a elevação genial do seu espirito:

Foi quando veiu abril que a ingenua criança  
Sentiu num vago ancio a fronte adormecida,  
E indo ás flôres contar seus sonhos d'esperança,  
Achou o lirio d'alma, a branca flôr da vida.

Como se fosse um seio, o misterio elabóra  
Principios, seivas, alma, a vasta criação.  
É mãe a Natureza, é mãe, e á mesma hora  
Abre aos raios do sol a flôr e o coração.

Palpitações do ceu, meditações no valle,  
Tremôres do rochedo e murmúrios da rama,  
Saudações pelo ar, sem se saber quem falle,  
Beijos, suspiros, ais, sem se saber quem ama.

Mas em tudo a paixão, mas a palavra em tudo...  
Ai! quando abraza a mente este místico ardor,  
Podia o labio humano, elle só, ficar mudo  
E a frente onde ha razão não se embriagar d'amor?

O amor é o grande centro, o amor é o grande laço  
Eu bem o vejo ir do Nada á Immensidade.  
— É lei, é harmonia e governa no espaço,  
É Christo, é Deus, é o bem e rege a humanidade.

Ao lêr estas estrophes, apossa-se-nos do espirito uma immensa veneração pelo cerebro valente que as concebeu; devia ser assim uma linguagem misteriosamente dominadora a desses velhos cantos druidicos, que os sacerdotes de Hésus cantavam, sobre as pedras sagradas dos sacrificios.

Dos amigos e companheiros de Custodio José Duarte, foi Guilherme Braga o mais notavel. Coração ingenuo e franco, duma grandeza de alma inexcedivel, Guilherme Braga é como um desses antigos trovadores, que partindo dos idilios dulcissimos de amor, fôram a imagem viva do protesto ao cantarem a terra albigense invadida e incendiada. Ao mesmo tempo — singular contraste! — é um quasi vidente duma longinqua e vastissima aurora de justiça e de infinita luz. Delle e da sua obra — que o seu companheiro Alexandre da Conceição, um escriptor moderno de grandes recursos, caracterizou como uma das mais notaveis dos ultimos tempos — dá em seguida a *Renascença* um palido esboço, onde o leitor poderá ver, quanto em nossas forças caiba, a larga bondade primitiva, indiana, e a individualidade potente e superior do poeta das *Heras e Violetas* e do *Bispo*.